

CONCRETO ARMADO

>> PARTE 03



CONCRETO ARMADO

um romance seriado em quatro partes

>> PARTE 03

Lista de capítulos

>> parte 03

Sumário

37.6
38.8
39.12
40.25
41.32
42.46
43.50
44.55
45.58
46.61
47.63
48.66
49.72
50.75
51.81
52.83
53.85
54.91
55.94
56.97
57.100
58.103
59.113
60.121

61.124
62.128
63.135
64.139
65.148
66.152
67.160
68.164
69.173
70.175
71.177
72.182

37.

“A vida normalizara-se naquela anormalidade”

Euclides da Cunha

“Um carnaval de verdade, hospitaleira amizade, brutalidade, jardim”

Torquato Neto

Uma das minhas memórias mais vívidas de infância foi de uma viagem pra Guarapari. Eu tinha seis anos. Férias de janeiro, a família inteira da minha mãe apertada numa casa grande (mas não o bastante), alugada pelo tio mais endinheirado que pouco tempo depois acabou se separando da minha tia e, pra todos os efeitos, no que me toca, sumindo do firmamento.

O terreno não era enorme, mas como ficava num declive a casa tinha três andares. Eu nunca tinha entrado numa casa de três andares antes, pareceu um palácio (não era). Dormia no andar mais de cima com vários primos, um bando de colchão estirado no chão, minha prima mais velha falando besteira pra assustar os gêmeos ranhentos, que eram os mais novinhos. Lembro de estar com as pernas recolhidas meio dormitando na poltrona baixa verde-escura, cujo estofado esburacado desdobrava e virava cama e que era ocupada de noite pela prima mais velha, Luana (a única pessoa bonita já parida pela minha família), e que me parecia infinitamente mais confortável que o meu colchão muxibento, folheando pela décima vez um Almanação de Férias da Turma da Mônica todo rabiscado por um primo meu de tendência grafomaníaca. Eu não sabia ler direito, ainda, e as histórias e brincadeiras ainda estavam todas travestidas com palavrões, rabiscos, o Cascão com tapa-olho de pirata fumando um beque, a Mônica de bigode e um pinto enorme com língua de cobra saindo da saínia vermelha. Tinha voltado mais cedo da praia com uma tia que, como eu, tinha tolerância curta pra aquele negócio de ficar o dia inteiro tostando na areia e que ficava na mesa da cozinha jogando Palavras Cruzadas e conversando com a programação diurna da televisão. A minha expectativa era de que todo mundo voltasse uma ou duas horas depois, quem sabe encadeassem alguma brincadeira noturna mais divertida ou mais quieta (meus momentos favoritos na viagem eram os dias em que cho-

via, os tios ficavam jogando baralho e os primos brincando de adedonha ou gato-mia), mas o tempo foi passando e ninguém chegou, acabei adormecendo na poltrona.

Fui acordar horas depois, as costas doendo da posição troncha, um tanto de baba empoçada na revista, o dia já anoitecido, minha barriga roncando. Desci as escadas e o jornal na televisão tocava para ninguém na cozinha. Achei estranho a casa ainda estar vazia e depois de perambular pelo andar de baixo fui enfrentar o resto do condomínio, que além de umas seis casas tinha uma piscina com churrasqueira. Lá encontrei todo mundo, os primos todos jogando pebolim dentro da casinha, investidos das rivalidades que tinham acabado de criar, meus tios e meus pais todos bêbados na piscina. Tinha uma mesinha de plástico dessas brancas com garrafas de cerveja o bastante pra fazer um triângulo de pinos de boliche. Eu nunca tinha visto minha mãe tão bêbada, acho, até então, e lá tava ela terminando um copo no gute-gute e fazendo uma dança destrambelhada, antes de cair com os ombros moles num canto da piscina onde meu pai tava fumando um cigarro, os braços estendidos no chão, todo derretido, rindo pra caralho.

Eu era uma criança sensível, hoje em dia eu sei. Frágil demais. Não tinha nada demais na cena, eles só tavam alegres. Aquela foi uma das melhores épocas para a minha família, de grana e de tudo mais. Depois tudo ruiu pra eles. Mas por algum motivo, que até hoje é difícil pra mim precisar, a coisa toda me angustiou muito. Ver que a minha família não precisava de mim. Fiquei um tempo olhando de longe, minha figura escondida pelo escuro e por uma linha baixa de arbustos. Que eu podia ficar lá dormindo o resto da vida numa poltrona dobrada e mofada, empoçando baba em corredores internos, e eles continuaram ali, fumando e bebendo, jogando pebolim, gritando conjuntamente que a vida é bonita, é bonita e é bonita.

38.

Fernando se jogou do vão central do Pátio Brasil, um shopping que ficava perto do centro do Plano Piloto, bem no começo da W3 Sul. Coisa de cinco minutos de carro dali, acho que uns quinze ou uns vinte correndo a pé. A Juliana me explicou depois que a mãe do Fernando tinha uma lotérica no shopping, por isso ele tinha uma chave que levava da garagem até os corredores internos.

O corpo estava irreconhecível, todo explodido, uma massa rosa esparrada e disforme usando uma roupa do Fernando, e com as suas carteira e chave de casa no bolso. A polícia entrou em contato com a família e parece que os pais quando ligaram pra Elô já ligaram do IML.

Um guardinha noturno encontrou o corpo assim que ele se esborrachou. Diz que ouviu o barulho da queda de longe e que já sacou o que era na hora. Esse shopping teve vários suicídios nos últimos anos, geral sabia. Segundo a Bia, não divulgavam isso nos jornais porque aparentemente há um consenso de que não se deve dar publicidade demais para suicídios, sendo um comportamento com uma tendência estranha de se disseminar viralmente, de se reproduzir dum jeito desenfreado se você cria um vetor ou canal específico em que ele se concentre. Tinham inclusive fechado com vidro o último andar desse vão central, pra evitar os suicídios. Mas ainda dava para pular facinho de uma parte da escada.

Assim que a gente ouviu a notícia a Juliana foi mobilizando todo mundo pra descer do apartamento e ir embora. Isso com a Eloísa lá dentro guinchando ainda, e a Beatriz com ela, abalada mas se mantendo firme. Só vi as duas reagindo por poucos segundos, mas me marcou. Eu, a Juliana e os amigos dela ficamos ainda um tempo no piloti do prédio conversando, todo mundo em choque e sem querer ainda ir pra casa.

— Eu não esperava de jeito nenhum, sério, é a última pessoa de quem eu esperaria isso.

Eu não consegui articular nada, pelo que lembro.

— Que merda. Que merda.

Só lembro de chegar em casa e não conseguir dormir. Depois de revirar na cama por um tempo fui checar o computador e lá estava bando de gente no

perfil do Fernando lamentando a sua morte em público.

PEDRO: Cara, não consigo acreditar, que coisa surreal. Semana passada te vi lá no samba do Calaf de longe, nem fui falar, e agora rola isso. Surreal. MUITA paz, cara, muita paz. Surreal.

VANESSA: Fernando meu bem os encontros acontecem sem que a gente saiba, porque, você veio pra esse universo para trazer muita luz, tenho certeza que vai continuar espalhando essa sua energia maravilhosa onde você estiver agora, tudo se transforma, nada se destrói...

Taíssa:))))) queridooooooooooooo que tristezaaaaa

Claudio: tem gente que entra na nossa vida igual um meteoro.... Igual, conheci Fernandera no segundo ano quando ele ainda era doidao do punk, rs, antes de virar 'O' intelectual (hehe)... e juro que nunca vi tanta energia em alguém, o cara animava todo mundo, despertava alguma coisa em todo mundo, te pegava pelo ombro e falava porra tu nao toca pq, tu é besta po? qd eu vi tava tocando baixo e nessa brincadeira ja vao quinze anos da minha maior paixao....

Isabel: Pensa numa pessoa talentosa, charmosa, engraçada, generosa... Fernando espero que agora você esteja finalmente em paz.

Admito ter pouca paciência pra esoterismos envolvendo vida após a morte. Tento respeitar a necessidade das pessoas de encontrar conforto em religião, mas de toda ideia espiritual a teimosia de propor que a voz que corre na nossa cabeça poderia de algum modo continuar depois do nosso corpo ceder sempre me pareceu bem tola e completamente contrária a todos os sinais disponíveis.

Achar que as suas neuroses bestas vão continuar depois do teu corpo ser devorado por minhoca é de um narcisismo meio atoleimado. Mal consigo entender como alguém possa querer isso, na verdade (por mais que querer que o corpo dure para sempre seja um desejo compreensível, claro, pra todo mundo que gosta do próprio corpo).

Não era só isso que me incomodava ali naquele luto. O bizarro era que tanta gente ficasse chamando pelo nome como se estivesse de fato o invocando. Seu nome ainda se acendia quando alguém o digitava, pelo reconhecimento da plataforma, indiferente como a natureza. Como se fosse ele ali e não os vivos em volta, todo mundo compartilhando, aquela presença virtual como

um altar.

As pessoas lidando com a morte como só mais um evento que brota na linha do tempo e que precisa ser processado naqueles termos. Se ainda resta ali uma interface na qual a pessoa ainda parece disponível, mais uma bolinha entre outras, então o além-vida deve estar ao alcance de todos, afinal. Ainda que um além-vida tenebroso.

Lembro de geral conversar sobre isso na época da morte da Renata, a esquisitice dessas cenas de luto virtual. Ele adorava o assunto mais que todo mundo. Alguns começaram a falar, não sei se a sério, que iam deixar as senhas com alguém caso morresse, pra que não acontecesse com eles. Ele falava disso, mas não deve ter deixado instruções com ninguém. Seu perfil continuava ali pairando.

O enterro foi um dias depois, no cemitério com seu nome ridículo de “Campo da Esperança”, no final da Asa Sul. A salinha assinalada para o velório dele, de número 6, tava lotada de gente dentro no entorno. A família parecia seca, foi a primeira vez que eu vi os pais e a irmã do Fernando pessoalmente. O pai conversava com muita gente, tava todo vermelho e chorava o tempo inteiro um choro que não fazia barulho e só ia escorrendo de leve pelos lados do rosto dele continuamente como chuva cenográfica. A mãe estava de óculos escuros, cercada de irmãs e recebia os pêsames das pessoas com uma frieza distante, como se nem estivesse ali. Eu não conversei com ninguém, só cumprimentei de leve quem eu conhecia. Percebi, além das pessoas que eu esperava, a presença do Cristovão num canto. Também sem falar com ninguém. Ele era um homem bonito, queixudo, com traços que talvez viessem de uma ascendência árabe, uma boca enorme e olhos verdes. Usava um sobretudo preto que eu achei ridículo em pleno cerrado, mas ainda assim estiloso. Tinha uma cara completamente desalentada e ia fumando um cigarro atrás do outro.

A salinha de recepção onde tava o caixão fechado tava bem cheia de parentes e velhos sentados, então eu só passei lá bem rápido pra ir ao banheiro. Tinha uma fila, então fiquei uns cinco minutos perto de parentes velhos do Fernando, todos com sotaques que negociavam ali as fronteiras porosas entre mineiro e goiano. Uma senhora velha de quase desmanchar, com tipo de confusa, perguntou duas vezes pra uma enfermeira que cuidava dela onde estava, a enfermeira respondendo com cochicho no ouvido que ela não ouvia ou não entendia e que de todo modo não dissipava a sua confusão. Um cara

de uns trinta anos conversava baixo com outro sobre uma moto cujas prestações ele ainda tava pagando e que ele já tinha lascado no chão duas vezes. O outro, jeans e camiseta, expressão mais genérica possível, ria e falava que ele era retardado, então, que não devia andar de moto não. Do lado de um dos velhos tinha um saco de peta quase vazio. Dava pra ver os farelos na camisa do velho, que tava devorando as petas com entusiasmo assim que eu cheguei na fila, mas parecia ter, do nada, esquecido delas. Fiquei encarando o saco rasgado, suas letras vermelhas rechonchudas dizendo FORNO MÁGICO BISCOITO DE POLVILHO, minha cabeça vagando entre os objetos tentando esquecer o que é que reunia todo mundo ali naquele lugar (o corpo, melhor dizendo: os restos), até que as costas metálicas do celular do garoto na frente da fila me fazem ver o caixão de novo e imaginar que lá dentro estaria acomodado (como?) o que restou do corpo escangalhado do Fernando.

E era isso que ele queria, o babaca. Juntar todo mundo que amava ele num lugar só, deixar todo mundo na merda junto.

39.

Antes de continuar, tenho que admitir que menti um pouco, três capítulos atrás. Naquela conversa com a Juliana logo antes do Fernando se matar, quem falou aquela ladainha toda de sentir uma compulsão por falar coisas constrangedoras e incongruentes fui eu, e quando eu digo ‘falou’ quero dizer ‘pensou’. Percebi que seria sacanagem fazer isso com a Juliana, mesmo que eu tenha mudado o nome dela.

É uma tendência muito forte e antiga, minha, sulcada bem fundo, de sempre pensar na coisa mais inadequada possível quando está na presença de outras pessoas, e daí ficar com essa coisa martelando na cabeça, doida pra sair. Só recentemente, aliás, é que fui perceber que a força disso deve se denunciar no meu rosto e afetar a minha aparência para os outros de maneira considerável.

Prometo que não lembro de ter feito nenhuma outra mudança assim na história, até agora. Minha memória é ótima. Até melhor do que gostaria que ela fosse, às vezes. É que esta tendência em particular é sempre difícil para mim de admitir, mesmo para os poucos terapeutas que encontrei na vida. Não são, em geral, pensamentos que expressem desejos conscientes meus. Parecem calibrados sempre apenas de modo a oferecer a cena mais escrota possível, para meus termômetros. Com algumas pessoas, são pensamentos recorrentes (com a Juliana sempre foi “querida, me dá essa sua coxa que eu quero arrancar ela todinha, fritar com cebola e jantar com farofa”, com Fernando era “você já enfiou seu braço inteiro dentro de alguém? Que tal eu, querido?”, etc, vocês sabem como é).

No dia anterior ao fatídico, Fernando tinha postado quatro atualizações do CABOL. A conclusão da história, imaginei. Comecei a ler a primeira dessas últimas parte do conto do Fernando na noite em que ele morreu, mas não consegui ir além dela. Admito que àquela altura qualquer interesse genuíno que eu já havia tido pela história tinha se dissipado, virado algo mais perfunctório e amargo. Sabia que não teria como sair dali nada que fosse satisfazer, que não haveria uma explicação, um reconhecimento final que desse sentido ao que ele tinha feito. Sabia disso, mas não queria confirmar, queria continuar achando possível que a resolução da história dele atasse tudo. Enquanto eu mantivesse aquela parte final da história não lida, o seu final

desconhecido poderia talvez oferecer alguma espécie de conforto em algum futuro indefinido, cuja resolução derradeira eu adiaria, manteria fora do campo de visão para que não chegasse agora. Não ainda.

CABULOSO – Parte 10

“A viagem é visivelmente desconfortável para os dois. Gustavinho e Gabriel conversam amenidades sobre o CABOL e sobre a paisagem cinzenta da cidade, ar-condicionado e janela fechada. Chegam no endereço em cinquenta minutos, sem muito trânsito. Um galpão pequeno no Jardim Santo Antônio, na Zona Leste, sem vitalma por perto. A maior parte da rua corre ao longo de um elevador bruto que deixou a vizinhança toda abandonada. Meia-noite e vinte. De frente ao galpão tem só um terreno baldio com grama alta e lixo acumulado. Nenhuma luz acesa, exceto o halo solitário e laranja de um poste abarrotado de fios cruzados. Há uma pequena cabine de guarita perto de uma das portas, mas está fechada e vazia.

— Eu tinha certeza que já tinha visto esse endereço antes na vida e agora eu lembrei onde.

— Onde?

— Quando eu comecei a ir atrás das coisas do Evandro essa foi a primeira esquisitice que eu encontrei. Uns meses atrás a empresa começou a pesquisar endereços pra montar nossos servidores novos. Evandro com aquela teimosia de parar de alugar nuvem alheia e começar a montar nossa própria rede, tal e coisa. Só que depois da gente alugar, quando veio aquele moleque chinês pra montar a estrutura do negócio, eu notei que um dos endereços tinha sumido da relação. Assim, a gente tinha fechado o aluguel dele por um ano, tenho certeza, mas depois ele não tava ali mais em nenhum dos e-mails e papéis junto dos lugares para montar os servidores. Eu não conseguia lembrar o nome, mas vendo agora eu lembrei.

— Alugou pra quê, então?

— Quer descobrir? Vamo entrar lá dentro.

— Assim, na tora? Chegar e invadir?

— A gente trabalha lá, não trabalha? Pois pronto. Não é nem invadir direito. E não parece ter ninguém nessa porra.

— Cê tem certeza que já viu esse endereço antes? Não é impressão?

— Vei, é impossível esquecer o nome dessa rua. Rua da Evocação Sertaneja. Cê acha que eu ia confundir isso com qualquer outra coisa?

— É um nome marcante, mesmo.

— Pois pronto.

— Mas não é melhor a gente voltar de dia, ou, sei lá, perguntar antes pro Evandro de qualé dessa história?

Gabriel não respondeu, só entortou a cara como se a proposta fosse tola e continuou encarando Gustavinho, que não sabia que decisão tomar. Gabriel acendeu um cigarro, checkou o celular e falou.

— Deixa que eu vou lá, então, se você tá com m- com pé atrás. Cê fica aqui de guarda no carro e qualquer coisa dá um toque no meu celular.

Gustavinho ficou no carro, tenso, enquanto olhava Gabriel se aproximar da grade, conferir sua estabilidade chacoalhando-a um pouco, olhar para os lados e de uma vez apoiar o pé num suporte de lixo para pular pra dentro. Quase se estabacou ao pender pro outro lado, mas conseguiu segurar na própria grade e deu um joinha alto e visível quando caiu de pé.

Gustavinho considerou pegar a pontinha que tinha guardado num tubo de pastilhas para garganta, no bolso, só para relaxar um pouco. Só quando já tava abrindo o tubo pensou que não seria a melhor ideia ficar ainda mais paranoico quando estivesse de vigia para sua primeira invasão de galpão na vida. Continuou tenso, olhando em volta o tempo todo na rua com o celular na mão.

Menos de cinco minutos depois ele vê o vulto de Gabriel voltando e pulando o muro de volta, dessa vez num movimento só, meio desesperado, caindo de mal jeito e mancando ao se aproximar do carro pelo lado de Gustavinho.

— E aí?

— Tu vai ter que ir lá também.

— Oi? Por que? Que que tem lá?

— Se eu falar tu não acredita. Tu tem que ir lá também.

O terreno descia muito pro fundo da rua e o galpão passava de um para dois andares quando chegava no final. Os dois chegaram numa escada me-

tálica externa que ligava o segundo andar até os fundos do térreo, cheio de caixas de papelão empilhadas e tranqueiras diversas largadas.

— Sobe naquele negócio ali de metal e olha naquela janela.

— Que que é preu ver?

— Só sobe e cê me diz. Por favor.

Gustavinho pisou com cuidado no que parecia ser uma estante metálica tombada que depois dele firmar seu peso parou de bambeaar.

— Caralho.

— É.

— Tem uns macacos.

— Pois é.

Ele fica observando por alguns segundos, incrédulo. Gabriel embaixo vendo sua reação, um sorriso meio maníaco no rosto.

— Cê num acha que eles tão meio humanos demais?

— Macaco é sempre humano pra caralho, porra.

— Eu sei, porra, mas esses aí são mais. Sei lá. Olha aquele ali de perna cruzada. Vai dizer?

— Já vi macaco de perna cruzada altas vezes, altas vezes.

Nisso, Gustavinho escorrega e quase cai, derrubando um pedaço de madeira que cai num outro de ferro derrubando um monte de pecinhas de metal e fazendo um estardalhaço comprido.

Há gritos agudos lá de dentro, todos simiescos, em reação, e Gabriel pula pro chão e sai correndo em direção à grade, Gustavinho atrás.

Assim que eles pulam o muro e se aproximam do carro Gustavo pergunta, esbaforido, meio rindo.

— Cê ficou com medo dos macacos?

— Não foi medo, porra. Não foi medo. Eu só não queria que eles vissem a gente.

— Claro, vai que eles avisam o macaco-rei, né?

Os dois gargalham imensamente no carro no caminho de volta, sem acre-

ditar no que acabaram de ver.

— Um deles tava usando uma lanterna, bicho.

— Macaco vai e pega as parada e usa mesmo. Lanterna, escova de dente. Eles não tão nem aí.

Gabriel deixa Gustavinho em casa uma e tanto. Eles combinam de voltar no dia seguinte, com os outros, no final da tarde, depois do expediente.

Assim que chega em casa, Gustavinho lava o rosto várias vezes, gritando. Sente-se excitado, prestes a descobrir algo enorme, a cavucar um pressentimento ominoso que se depositava bem no fundo da cabeça há um tempo. Sentia que devia evitar o CABOL por uns dias, devia confrontar logo o Evandro e entender o que estava acontecendo antes de voltar a se enredar naquele universo. Mas assim que chega em casa e vê seu computador ligado ele lembra que pouco antes de encontrar Gabriel e Renatinha no escritório haviam prometido algo a seu avatar que atiçava demais sua curiosidade.

Era o “Livro Goiano dos Mortos”, um item raro e lendário que ele buscava há meses, o único modo de acesso conhecido ao infame Inframundo do CABOL. Sua condição de ‘escolhido’ havia levado um jogador poderoso das antigas, o <A ELEGÂNCIA EM PESSOA >, cujo avatar era um Monge igualzinho ao Ademir da Guia, a lhe ceder o item de maneira espontânea. Quando ele abriu sua conta, encontrou a mensagem privada lhe esperando.

— Botei o trem na tua caixa. Você precisa disso mais do que eu agora. Vá falar com o Magno, vei.

Paraíba Blade não respondeu. O item estaria esperando por ele na sua caixa-postal dentro do CABOL (que ficava na versão do jogo da Estação da Luz). Gustavinho executou o trajeto até lá com seu avatar o mais rápido possível, dedos martelando frenéticos o teclado.

Assim que apanhou o item, Gustavinho botou o alarme do celular para tocar uma hora depois, não jogaria mais do que isso. Era um papiro colorido e ilustrado, enrolado, mas o jogador só via na ilustração uns poucos rabiscos coloridos de longe. Equipou o seu personagem com ele. Isso ativa uma espécie de mini animação automática do avatar, que começa a desenrolar o livro até estendê-lo como um mapa comprido na sua frente e depois o deposita estendido no chão, caminha em sua direção, descendo como se descesse uma escada para um andar subterrâneo.

movediça, feito de terra e de lava e de detritos que somem e reaparecem e transmudam em outros. Tudo gira rapidamente e parece culminar num centro impossível de se divisar de tanto trem amontoado. A imagem chega trava em blocos enormes que perduram por alguns segundos até trocar, mas só ali naquele vórtice.

Seguindo as instruções que se contavam em todo canto do CABOL, Paraíba Blade amarra uma corda numa das colunas de pedra (que vão do chão até o que parece ser o teto do mundo de baixo) e pula pra dentro do buraco.

O avatar cai entre planos, os gráficos de todo o território sumindo de repente, seu avatar num vaziocom algumas figuras piscando por mínimos intervalos de tempo. Depois de um tempo aparece de novo, virado de cabeça pra baixo, e consegue andar, mas o território continuava todo branco, com figuras aparecendo só em feixes finos, de repente, por milésimos de segundo, aqui e ali.

A voz vem em estéreo, Gustavinho responde no teclado.

— Paraíba Blade. O escolhido. Bem-vindo, truto. Você quer saber se você é Tr00?

— ...

— Não quer? Gustavo?

— Como que você sabe meu nome?

— A gente ainda não pode te dizer. Tua insegurança é esparrada, Gustavo.

— É?

— Ô

A voz se dobrava, começava uma frase antes de terminar a anterior.

— Os arquivo corruto, as forma indevidas, os vaso tudo quebrado. Tudo aqui é zoado, glitchado. E não só nos trópicos. É só atrocidade, fi. O mundo de cima é igual o mundo de baixo. E tanto lá quanto cá, caô algum aguenta.

— Oi?

— O Infra-mundo é o lugar mais concentrado do mundo de baixo, onde as formas ainda estão tendendo a existir. Tudo que é criado ou recriado dentro do CABOL pisca aqui por um instante. Como o 4 chan para outras redes. A bacia de água parada e anônima cheia de vida e doença, digamos. Onde as

formas vêm para nascer e morrer.

— Dizem que se você conseguir acertar a cadência certinha do botão ‘refresh’, pra atualizar (que, como se sabe, varia de acordo com seu hardware), o seu personagem consegue perdurar aqui dentre as tendências e desfrutar de todas as potências contidas no virtual.

— Estamos permitindo vossa permanência aqui no núcleo do Inframundo por motivos excepcionais de esclarecimento.

Logo que ele falou isso apareceu do lado deles um urso monstruoso com aparência de desenho animado e uma boca grotescamente dentada em espiral ventosa. Magno fez um mínimo gesto que o explodiu em milhares de pedaços.

— Se é difícil sobreviver aqui, como você consegue? Você é NPC?

— É muito difícil sobreviver aqui. Tudo umas porra de adolescente racista e Brasil com olho chorando e foto de genocídio como riso enlatado e do Danilo Gentili e as parada que são só pra te irritar. Cultura gamer é basicamente fascismo pra adolescentes, de cabo a rabo. Os cara acham que eles não estão fazendo o mal, porque estão só zoando.

— Mas é assim que o mal opera, sempre. É exatamente assim.

— Com veículos inscientes, formas vazias.

— O mal não, meu bem. Mal não. O ruim. É diferente. É hidráulica e pneumática, meu querido, não é demonologia.

— Que seja. Não vamos discutir na frente das visita.

— De todo modo, Tranqs deve ser o bróder e tranqs devem ser os atos do bróder que aguenta.

— Amenze. Magalhanze.

— Tem mais de uma voz falando, né?

— Nós somos uma galera aqui, sim.

— Boto fé.

— É inclusive difícil se concentrar e conseguir conversar desse jeito contigo, assim, agora. Quase fazendo sentido sequencial. Requer muito esforço da nossa parte, entenda.

— Mas por que que vocês ficam aqui então? Se é tão difícil?

— Somos que nem o elefante que toma as frechada e aguenta firme. Tem que engolir os fórum fascista e os bacana pra sacar as galerosidades extensa & intensa. A pessoa realmente é tr00, ela tem que viver as provações de toda atrocidade, dum jeito ou de outro, de acordo com seus recursos e e seus próprios metros. Tem que deixar a mente dele conseguir fazer as setenta e duas transformações e as trinta e seis modificações.

— q q é isso?

— Se tu consegue fazer as setenta e duas transformações e as trinta e seis modificações, tu consegue enfrentar todas as palas do mundo. Num sentido figural, pelo menos. Não repara cano nem enche barriga, mas de resto.

— Tu diz do mundo ou do CABOL?

— Não tem diferença.

— Claro que tem.

— Não tem diferença que faça diferença.

Os dois ficam ali andando pelo nada por algum tempo, o Magno de tempos em tempos destruindo formas terríveis e monstruosas que os ameaçavam e falando máximas de extrema sapiência (que logo começam a irritar Gustavinho).

“Antes da percepção tem as palas. Antes das palas tem a vibe.”

“Tem altos domínios e extensões. A parada que é .rar tu não vai abrir sem descompactar. O .pdf ele é uma forma de doença. Tu tem que saber os domínios e extensões e endereçar as coisas devidamente.”

“Por exemplo se todos os chineses conversarem de walkie talkie ao mesmo tempo isso significa que eles são um só bróder? Qual a diferença disso pra um computador? Isto é importante.”

“Como uma enchente de comentários num vídeo dum artista que morreu ainda agorinha, as forças entram em formação. Mas há também as redes que estão lá, sempre, confiáveis, como o Yahoo!respostas, coletâneas de clássicos da MPB com clip art ilustrativo ou chatbots sozinhos num servidor, olhando pro infinito.”

“A colonização nunca terminou, os Impérios ainda correm seus sulcos. Está tudo acontecendo ainda. A invasão da América. A morte de um bruxo judeu pelo estado Romano. Eventos coletivos traumáticos se arrastam pro

futuro, Gustavo. A coreografia real é lenta. A gente tem que ao mesmo tempo puxar o freio de emergência da máquina que engole petróleo e cospe plástico pra encher o bolso de meia dúzia e acelerar tudo que não é ela.”

Gustavinho não conseguia entender se aquilo tudo era sério, se era uma piada.

Perguntou se ele era NPC ou jogador, e o cretino (os cretinos?) respondeu com um gesto nada a ver com nada, querendo ser enigmático.

Perguntou se era verdade que ele tinha treinado a Zumbi (a jogadora mais sinistra e misteriosa do jogo, para muitos, inclusive Gustavinho), ele respondeu alguma bobagem críptica que não era nem sim nem não.

O seu alarme tocou. Gustavinho queria continuar ali, mas achou melhor desligar o computador de uma vez, mesmo sabendo que não era bom pra máquina fazer aquilo. Apertou direto o botão do CPU e observou a tela indo pro preto de uma vez, refletindo de repente seu rosto sebo e sonado.

Deita com a cabeça zumbindo de formas escrotas mas acaba chapando de sono quase imediatamente assim que afunda no travesseiro. Sonha que está no ar caindo uma queda interminável junto de uma maquinaria metálica enorme e estridente. Todos caem na mesma velocidade, de modo que depois de passada a ansiedade inicial, a queda é quase tranquila.

(*)

Na manhã seguinte, Gustavinho acorda tarde. Demora a processar tudo que viu no dia anterior, assegura-se com as mensagens no celular de que a coisa toda aconteceu. Fica na cama lembrando tanto a parte em carne e osso quanto a parte virtual (que pareciam, de algum modo, igualmente absurdas).

Os dois voltam no galpão no dia seguinte, no final da tarde, junto de Renatinha e o Mateus. Apesar da insistência para que expliquem, os dois não contam para os dois o que viram, falam que eles precisam ver com os próprios olhos. Depois de pular o muro e olharem pela mesma janela, encontram tudo ainda escuro. Ficam ali cochichando e pensando no que fazer até Gabriel perceber que uma outra janela larga dos fundos está aberta.

Eles entram, Mateus pulando primeiro e ajudando a levantar todo mundo. O lugar é grande e quieto, a impressão é de que não há nada além deles se movendo ali. Depois do corredor que eles conseguiam ver lá de fora havia

um espaço aberto enorme recortado por partições de madeirite rosa que dão em cubículos à esquerda e à direita, com outra sala do outro lado. Há muitos cabos correndo por todo canto no chão. Gustavinho tem a impressão de que as partições rosa estão montadas de modo a formar um breve labirinto. Ele começa a sentir uma vertigem, o estômago se embrulha ruidosamente como um saco de papelão.

Numa das partições está um tanque d'água vazio exalando um cheiro forte de amônia. Em outra está uma cadeira como de dentista, reclinada, com alguns CPUs e aparatos abertos perto de onde ficaria a cabeça da pessoa, vários cabos parecendo soldados de maneira improvisada, várias partes da máquina remendadas com fita isolante.

— Ô de casa.

Renatinha dá um tapa no braço de Mateus, depois dele dizer isso.

— Não quero que a gente tome um tiro, né, Renata? Sei lá. A gente fala que é da Synopticon, qualquer coisa.

Ela só fez um gesto de silêncio com o dedo, brava. Gustavinho e Gabriel vão com o celular de lanterna iluminando um dos lados.

— Nada disso se parece com servidor, hein, Gabriel falou baixinho?

— Só as parada bizarra, hein?

Ele e Gustavinho ficam parados por um instante diante de uma porta.

— Cês são tudo frouxo, que que isso.

Renatinha abre a porta e entra de uma vez. Solta um grito desesperado lá de dentro, só para segui-lo com:

— Gente, vem ver. Gente. Que lindura.

A lanterna do celular apaga assim que eles entram. A sala está mal-iluminada por uma lâmpada bem no alto. Num aquário de dois metros de largura por dois de fundura, cheio de um líquido amarelado e turvo, está uma criatura. Do tamanho duma capivara, mas com quase metade do seu corpo acontecendo na cabeça, que parece uma melancia oblonga. Não tem boca nem olhos, mas tem o que parecem ser orelhas compridas como de coelho se projetando bem alto pra cima, espiraladas nas extremidades e muito móveis. Os braços e pernas cotocudos, inertes, parecem imprestáveis para o seu tamanho. Está parada quando eles chegam, exceto pelas orelhas. Tem um pêlo

marrom-escuro que parece duro, quase como a couraça de um porco-espinho e que começa a se enrijecer diante da presença deles.

— Que porra é essa?

— Caralho.

— Onde que você tirou lindura, Renata? É um monstro, véio.

— Mó lindinho, gente, como assim. Parece um coelho gordo, sei lá.

— O bicho é zoado demais, coitado. É um trem mutante, com certeza. Deu certo não.

A criatura começa a se agitar, virando a cabeça e retesando as orelhas na direção de Gustavinho.

— Eita, a gente acordou o bicho.

— Que vibe.

— Caralho, tou com medo.

Ele se agita, suas patas se virando e nadando de maneira rápida e desajeitada para o canto do tubo, que treme. Ainda apontando a cabeça fixamente para Gustavinho. Ele parece tenso, como se tentasse muito fazer alguma coisa, mas estivesse impedido.

— Ele vai quebrar a parada.

— Invocou foi contigo, Gustavo.

— Foi mesmo. Vaza que ele tá ficando putu.

Gustavinho sai da sala e volta para o corredor. Sente uma pontada estranha de dor de cabeça na hora, aguda e irrompendo num clarão de poucos segundos. Por menos de um segundo piscam imagens na sua cabeça, fortes e alheias como fotos, independentes, como se sua cabeça não fosse responsável por elas, sobrepostas e difíceis de se distinguir. Algumas delas familiares. A parede infinita de plantas pretas numa vastidão amarronzada, o topo de um estádio se fechando e escurecendo. O cara esquisito de uma perna só caindo e quebrando uma vidraça.

Os três saem lá de dentro.

— Acho que a gente devia vazar logo, tou tenso. Tira umas fotos do bicho e vamo nessa.

—Eu tentei, não rolou, meu celular desligou quando chegou perto dele.

— E o teu, Renatinha? Eu tou sem.

— Eita, a mesma coisa. Tá desligado. Mas tava ligado até um minuto atrás.

Os quatro se entreolham com uma cara misturada de medo e entusiasmo, decidem que vão embora e decidir o que fazer fora dali, voltam para a sala com a janela aberta. Gustavinho pensa num modo de contar pra eles sobre a dor de cabeça e as imagens, mas não encontra. Eles conversam excitados e assustados no carro e combinam de conversar de novo no dia seguinte. Concordam que a explicação mais plausível era que se tratava de algum experimento genético esquisito, mas o motivo daquilo estar acontecendo num galpão alugado pela empresa de vídeo-jogos em que eles trabalhavam tornava tudo ainda mais esdrúxulo. Renatinha parece a mais decidida a confrontar Evandro e descobrir o que tá acontecendo.

— Isso aqui deve ser muito maior que o CABOL. Muito maior que o Evandro.”

40.

A história finalmente começava a engatar. Do jeito dela. A impressão de que a conclusão diria algo sobre o que aconteceu com o Fernando ficava ainda mais sedutora, mas tão sedutora que me fazia querer enrolar ao máximo sua chegada.

Nas primeiras semanas depois da morte do Fernando aquele era quase que o único assunto numa circunferência considerável de diferentes galeiras. Quase todo mundo gostava do Fernando e não eram poucos aqueles que guardavam alguma paixonite por ele (de ambos os sexos e de vários graus de intensidade).

Bastava vagar a atenção na mesa por alguns segundos que alguém sempre trazia o espectro dele, invocava-o, entalado ali diante de todo mundo. Todos tinham suas teorias, suas impressões fortes, geral sentia que tinha sua relação íntima muitíssimo singular com o Fernando da qual ninguém sabia nada, ou que tinham encontrado retrospectivamente algum estilhaço significativo da vida dele, algum momento agudo ou coisa que ele disse anos antes que para eles configurava a maior explicação possível. Ouvi especulações dessas mal sussurradas no enterro, outras publicizadas no Facebook.

Várias giravam em torno da Eloísa e da Bia. Que havia uma tensão ali entre os três era mais ou menos óbvio pra todo mundo que os conhecesse, mas também era improvável que o motivo fosse algo tão óbvio e direto. Eu só conseguia pensar na Juliana e na tal da Natascha, e no quanto eu gostaria de me encontrar com essa segunda.

Lembro de ir num bar no meio da Asa Norte poucos dias depois com a Juliana, o Paulinho e mais uma garota que eu não conhecia bem (Eliana, quieta como uma boa figurante). Quando eu cheguei eles já tavam falando daquilo.

— Então, fia, mas é isso que eu tou falando. Como que essa pessoa – essa dos trezentos, dos vinte pseudônimo, que escrevia manifesto anarquista e vegano quando tinha dezesseis anos na cara – como que essa pessoa se mata desse jeito tão olha-para-mim e ao mesmo tempo não deixa uma palavra? Isso não existe.

— Tipo uma carta, cê diz?, eu perguntei.

— Uma carta, porra, um vídeo, um zap zap de grupo, alguma coisa. Tu

consegue imaginar ele decidindo que ia embora sem deixar uma porra dum livro explicando? A pessoa mais palavrosa que eu já conheci nessa porra desse mundo? Até parece.

— Total. O malandro sabia a carta do Cobain quase de cor, quando era moleque.

— Ele postou um negócio no facebook, né?, eu sugeri.

— Ah, postou uma musiquinha lá, isso ele fazia todo dia. Nem falou nada. Isso nem conta.

— Mas e aí, cê tá falando isso pra dizer o quê? Que ele não se matou? Que é tudo armação?, a Eliana perguntou, a cara meio encucada.

— Não tou falando isso. Só acho estranho. E, sei lá. Mas o negócio dele se matar numa porra dum shopping, sei lá. Isso só deixa tudo mais zoado. Vai que ele deixou uma carta, mas não quiseram divulgar. Sei lá.

Paulinho falou isso um pouco envergonhado.

— Não quiseram quem?

— A polícia, sei lá. O segurança do shopping. Às vezes era tipo um texto enorme sobre como shoppings são o templo do demônio do capitalismo e ele oferecia o corpo dele em sacrifício, sei lá, tou viajando. O Fernando era maluco, porra. No bom sentido. Não ia deixar de aproveitar a chance de causar. De dar uns tchans. Cês não acham?

Juliana pareceu incomodada com aquilo.

— Acho que cê tá viajando. Eles teriam dado pra família, se tivesse alguma coisa. Ou então deram e a gente é que nem sabe, também. Não quiseram falar. Ele queria morrer, não queria causar.

— Ele adorava fazer cena. E isso aqui parece uma cena incompleta. É só isso que eu tou querendo dizer.

Juliana encarou Paulinho como quem tenta explicar uma impossibilidade óbvia a uma criança. O tom dela quando foi falar tinha aquele tipo de condescendência que é formalmente gentil mas friaça por debaixo. Ela nunca falava assim com ninguém.

— A Eloísa teria contado pra gente, meu bem. Acho. Ela foi a pessoa que menos entendeu o que rolou. Parece que quebrou, a bichinha.

— Também acho que ninguém ficou tão em choque quanto ela. Nem a Bia.

Quando o Paulinho falou isso eu tive que olhar pra Juliana. Ela devia estar com sete meses de gravidez. Desde a morte do Fernando que ela parecia estar sempre séria, com a testa permanentemente franzida. Eu considerei a possibilidade de Fernando ser o pai do bebê e do quanto devia ser difícil não poder explicitar seu luto naquela situação. Era possível que ela não tivesse certeza quem era o pai.

— Mas vocês acham que ele planejou? Eu tava lá na casa no dia. Cê também tava (ela falou apontando pra mim com o queixo). Sei lá, eu fiquei com a impressão dum negócio impulsivo. Ele não aguentou mais, foi lá e foi. Pá-pum. Por isso que não teve carta nem nada.

— Isso pra mim é o mais estranho de tudo. Não é ele se matar, não é fazer no shopping, não é fazer sem deixar carta. O mais louco é que ele tava no meio de uma galera, tava com a namorada dele e, ao invés de falar com a gente ou estourar ali ou sei lá brigar com todo mundo, o bicho saiu de fininho pra se matar. Isso é muito esquisito. Não é não? Tipo, quem faz uma coisa dessa?

Eu que falei isso e eu não costumo falar tanto de uma vez só, muito menos com a voz tão empostada e as pessoas olhando pra mim.

A Juliana parecia concordar. Eu continuei.

— A-acho que o Fernando tava tipo gritando por ajuda tinha um tempo. Ele tava muito esquisito ali nos últimos dias e na noite lá mesmo ele tava estranhão. Deu pra ver mais ou menos que ele não tava aguentando mais. Eu só não entendi o motivo direito. Tipo, qual que foi a gota d'água? Deve ter tido uma.

— Como assim?, o Paulinho perguntou.

A Juliana respondeu no meu lugar:

— Boto fé. Tipo, ok, ele achava o mundo um lugar escroto e sentia uma culpa do caralho de ter uma vida tão confortável e inútil num país tão violento e miserável. Mas ele falava disso desde os quinze anos, sei lá. Ele também era todo deprimido e se sentia falso, autoenvolvido e achava que não tinha sentimentos autênticos. Ah, nossa, blá blá blá. Chora teu rio aí, bonito.

— Só ele, né, mais ninguém. Paulinho falou baixinho enquanto descolava a embalagem da garrafa de cerveja.

— Pois é, e ele já dava essa lombrada desde os dezesseis, também, pelo menos, saca? Que que mudou?

— Acho que umas tretas do passado dele tavam acumulando, né?, eu sugeri.

— Como assim tretas do passado?

— Tipo quê?

— N-Não sei, assim, específico. Digo que as coisas vão acumulando até não dar mais, né? Água mole em pedra dura, tipo.

A Juliana continuou olhando pra mim com uma cara perturbada.

— E ainda tinha aquele blog lá dele com aquela história, né? Acho que ele postou lá no dia mesmo, se não me engano. Não é uma carta, mas sei lá.

— Que blog?, a Juliana perguntou, ainda mais claramente incomodada.

— Aquele que tem uma história dum jogo lá todo doido. Dum Gustavinho não sei o quê.

— Ah, eu sei qual é, sim. O endereço é tipo cê cê não sei o quê, né?, disse Paulinho.

— Eu já vi bem uns dez blogs do Fernando, mas deve ter uns anos que não via nenhum. Era de agora, isso?

— É, mas não tem nada de suicídio lá, não. Eu nem tenho toda certeza que é dele, ele só me linkou uma vez sem falar nada.

— Era dele sim, era dele sim. Certeza. Ele nunca me falou mas dá pra ver que era. Mas acho que aquilo era só uma zoeira, não sei se muito a ver com a cabeça dele. Assim dum jeito sério, tal. Sei que ele tava há meses obcecado com um troço que tava fazendo com mais alguém, mas devia ser outra coisa.

— É?, a Juliana perguntou num tom quase descrente. Parecia ter ficado um pouco abalada por ser a pessoa na mesa que menos estivesse por dentro daquilo.

Paulo contou que tinha trocado emails com o Fernando pouco antes do acontecido, conversaram principalmente sobre o troço que o Fernando dizia que tava escrevendo há meses e das muitas dificuldades que ele tinha, que segundo o Paulo eram ao mesmo tempo dificuldades normais de qualquer escritor e dificuldades “sei lá, metafísicas”. Paulo falava essa última palavra

com um sorriso constrangido de canto de boca.

Segundo Paulo, o Fernando se sentia há anos impedido e contrito pelo fato de se sentir no meio de uma cadeia infinita de iterações (expressão dele próprio, lógico), apenas um elo no meio de uma corrente comprida de palavra sem fim nem começo. De não se sentir jamais como se estivesse de fato falando, como se sempre algo estivesse falando através dele, algum espectro alheio, geralmente europeu ou norte-americano. Sempre que ele sentia que tinha algo a dizer ele se via imitando um verso específico, um gesto específico. E ele se sentia um fantoche, e um fantoche colonizado ainda por cima.

E que o Fernando teria tido um surto criativo inesperado nos últimos meses, teria começado um projeto que o havia deixado mais animado do que tinha estado em anos com qualquer coisa, mas que quando falou com o Paulinho já tava achando que aquele surto não era verdadeiro, que as suas ideias eram apenas rasgos derivativos de uma sensibilidade essencialmente travada, morta. Ele teria páginas e páginas de rascunhos e ideias e não conseguia dar nenhum centro pro troço, não conseguia fixar nada. Ficava apenas coletando citações, influências, referências, achando que tudo se reportava aquela obra que ele ia um dia escrever.

Não dava pra entender direito ali na hora o que ali das inflexões e dos gestos havia de fato sido dito pelo Fernando, o que que eram as interpretações do Paulo, claro. Mas foi exatamente assim que ele falou (eu sei porque transcrevi algumas frases no celular ali na mesa, ainda).

Eu não via o Fernando naquilo que o Paulo dizia, naquelas afirmações tão pretensiosas, de artista afetado, que eu não conseguia imaginar acontecendo a sério dentro daquele moleque que transpirava geralmente um ar tão sussa. Não que ele não tivesse a gravidade dele, já falei que tinha, eu só nunca tinha visto ele montá-la daquele jeito tão literário. Aquilo podia até ser verdade, eu só tinha certeza que não era a forma derradeira de engolir a história.

Quando o assunto já tava morrendo, todo mundo mexendo nos seus celulares, Cristovão chega no bar. Juliana se levanta animada, dando a impressão de que ela que o teria chamado. Paulinho e ele se cumprimentam com frieza, Juliana me apresenta e ele é bem simpático comigo, até charmoso, olhando bem nos meus olhos e repetindo o meu nome para ter certeza que ouviu direito, quando eu percebo pelo bafo que ele tá muito bêbado (ele chegou falando com a boca mole, mas eu não sabia como que ele falava sóbrio).

Cristovão pede mais uma cerveja e pergunta do que é que a gente tava falando. Eu e Juliana nos entreolhamos, mas ninguém diz nada.

— Do defunto, né? Aposto. Todo lugar que eu vou só falam do defunto.

— Pior que sim, eu digo.

— É isso que ele queria. Deixar toodo mundo se perguntando, escrevendo textão, se derramando. Cada um com sua teoriuzinha, lembrando de uma vez que mandou mal com ele, se remoendo. A diva.

Paulinho se levanta de repente.

— Bom, vou nessa. Falou, galera.

— Coé, babaca, acabei de chegar. Pelo menos finge um pouco que não é porque eu cheguei, né?

— Amanhã eu trabalho cedo. Quem mandou chegar quase onze e tanto.

— Trabalha cedo o caralho.

— Trabalho sim, nem todo mundo é vagabundo igual você, ou. Eu tenho filha.

— Opa. Va-ga-bundo. Beleza, então. Tu é quem, tu é o Muricy Ramalho agora, é? Moralista do caralho. Sempre foi.

— Tomar no cu. Pelo menos não fico tirando onda de revoltado sendo um boyzinho de merda.

Cristovão levanta e cresce o torso na direção de Paulinho, que recua por reflexo e tromba na cadeira onde estava, quase caindo no arbusto atrás.

— Opa, não cai não, hein? Oreia.

— Porra, Cristovão, deixa de merda, a Juliana fala com um tom triste.

Paulinho negaceia com a cabeça e sai andando apressado em direção ao seu carro. Eu continuo olhando ele durante o seu trajeto e ele parece estar segurando o choro.

A amiga da Juliana parece não entender nada, continua mexendo no celular e fazendo comentários que ninguém parece ouvir.

— Ele nunca me perdoou, o Paulinho. Desde aquela época. Sempre fica com uma cara de bosta pra mim. Quiser me odiar, beleza, mas não fica com essa carinha. Fala na cara, porra. Fala na cara.

— Realmente, Cris. A melhor maneira de lidar com os amigos que tão putos contigo por causa de merda que você fez é ameaçar bater neles. Parabéns, viu?

— Bater, Ju? O caralho, né? Pelo Amor de deus. Eu tava zoando com a cara dele, quem mandou ser covarde desse tanto.

— O Paulinho tem metade do teu tamanho, Cris, larga de ser ridículo. As pessoas têm medo de um homem grande crescendo pra cima delas, caralho. Quantas vezes eu já não te falei que você não tem noção nenhuma do corpo que tu tem?

— Duzentas e quarenta, contei ontem.

Disso ela ri, negando com a cabeça e passando o dedo na garrafa gelada de Original que tinha acabado de ser depositada discretamente na mesa, provocando um agradecimento inaudível da minha boca ao garçom, já pirulitado para outra mesa. A outra mão aninhada na própria barriga.

Eu tava amando aquilo ali, mas logo depois todo mundo decidiu ir embora. A Ju e o Cristovão saíram juntos. Enquanto tomava o Eixão para casa decidi que leria o penúltimo capítulo do CABOL assim que chegasse.

41.

“CABULOSO – parte II

O casarão da Synopticon em Pinheiros havia sido todo redecorado na última semana, depois de meses numa falta espartana de ornamentos (além dos que os funcionários traziam pra enfeitar suas próprias baias). Painéis enormes na entrada da casa, feitos por dois ilustradores de Instagram e um grafiteiro gringo, reproduziam elementos do imaginário do jogo. Tudo em preparação para este evento sobre jogos, novas mídias e gamificação do trabalho.

Gustavinho não ia lá tinha um tempo, ficou chocado com a mudança, achou incongruente com a onda prévia da empresa. Ele só queria encontrar o Evandro e confrontá-lo, mas ainda não sabia se teria a coragem quando chegasse a hora. Ficava ensaiando a cena na cabeça e nunca se convencia das suas próprias falas. Evandro o intimidava e não era pouco.

O evento era todo permeado até os mínimos detalhes daquela estética corporativa dominante, Gustavinho supôs que algumas pessoas da administração deviam ter se aproveitado da ausência de Evandro para tomar liberdades. A maior parte das coisas não pareciam ter nada a ver com a sua sensibilidade hacker meio arredia.

Alguém, cujo nome ele devia saber mas não sabia, lhe entregou óculos 3d e indicou que num canto ali do salão principal ficava passando em loop uma série de vídeos de artistas que colaboraram de alguma forma com a última versão do jogo e com a construção da sua narrativa final, que culminaria com a Criatura e o possível fim de todo o jogo.

Um escritor de histórias em quadrinhos, escocês e careca, que se autointitulava um “xamã moderno” aparecia num vídeo falando sobre narrativas mágicas e novas mídias. Gustavinho, que conhecia o cara de fama, não quis pegar o fone de tradução por orgulho, mas viu que não ia entender o que ele estava falando antes de chegar na terceira frase (principalmente pelo sotaque, mas também porque o cara não parecia falar coisa com coisa).

Os óculos serviam pra ele assistir as imagens que ficavam em volta da imagem do escritor escocês, projetadas por outro projetor. Agitavam-se personagens ilustres do jogo, tanto NPCs como JCs, os jogadores-celebridade,

que hoje já eram algumas dezenas, avatares cujo carisma ou habilidade reuniam tanta atenção em volta deles que eles conseguiam vender sua própria linha de mousepads, cadeiras gamer e CPUS tunados.

Junto do evento, tava ocorrendo uma pequena festa de uma das start-ups que dividiam o espaço com a Synopticon. Era um agregador de promoções e pacotes de viagem que se anunciava como algo muito mais original e sofisticado do que era de fato. Estavam comemorando a aquisição da empresa por um gigante internacional. A soma tinha sido bem decepcionante pras expectativas que tinham, mas os investidores precisavam da grana agora. A festa então tinha esse tom de uma alegria forçada, botando hip-hop fortaço em caixas bluetooth e abrindo um espumante caro que só ofereceram de verdade pra eles próprios, no final das contas.

Apesar da festa, ainda tinha um pequeno grupo dessa start-up que se encontrava trabalhando em algumas baías no fundo, o que deixou Gustavinho constrangido. De vez em quando os chefes e os investidores que já tavam bebendo há um tempo passavam entre os funcionários e mandavam alguma dancinha que era prontamente emulada, de corpo inteiro por alguns, só com os braços pra quem tava sentado no computador (e também não chegaria ao cúmulo de se levantar).

Gustavinho saiu um pouco e constatou com alguma agonia que o evento da Synopticon continuava lá fora, no jardim. Havia um palco grande com dezenas de cadeiras de plástico na frente, só um terço delas ocupadas. Um cara de coque loiro e um sorriso muito satisfeito falava com uma intensidade desconcertante.

— Como que FUNCIONA, então? Te dizer uma coisa. Acabou final de semana. Não existe final de semana. De agora em diante, como vai ser o teu final de semana? Opa. Isso aí. Duas palavras: imersivo e intensivo. Então, quem já conhece meu trabalho sabe que é todo baseado ao mesmo tempo em filosofia e ação. Como nas artes marciais milenares do Oriente, é corpo e mente, teoria e prática. O seu mindset tem tudo a ver com seus hábitos, sua performance tem tudo a ver com seu mindset. É um ciclo virtuoso. O que te torna mais produtivo te torna mais produtivo, assim como as coisas negativas e ruins assim tendem a se alimentar. A sinergia funciona pro mal e pro bem. E a performance não é só questão de dedicação. Muita gente às vezes quebra a cabeça com um problema sendo que era só questão de ter os hacks corretos para a situação. Como eu sempre digo: não adianta transpiração se

não tiver antes o mindset.

A plateia aplaudiu, alguns poucos animados, a maioria de maneira mecânica. Ele viu Renatinha fazendo uma cara de nojo perplexa e tentou comunicar com os olhos que concordava com o sentimento, sem sucesso. Ouviu uns estagiários se perguntando entre si se o Evandro haveria aprovado aquilo. A equipe toda cochichava isso entre si, incrédula. Ele que sempre cumpria de forma impecável tudo que assumia, tinha dado pra desaparecer por dias seguidos, sem dar notícia. Logo que tudo no jogo tava culminando, os usuários ainda crescendo. Parecia até que estava preocupado com outras coisas inteiramente. Gustavinho lembrou de escutar Gabriel dizendo que Evandro era quem tinha inventado esse evento, chamando um bando de gente estrangeira que acabou não aparecendo. No meio do planejamento, ele praticamente parou de aparecer no escritório e mesmo de responder qualquer e-mail. O resto da equipe acabou preenchendo e tocando o tal evento grandioso por conta própria. Na hora, ele não deu muita atenção pro que Gabriel falou, mas agora achava a coisa toda muito deslocada.

O coach quântico de mindset saiu do palco e foi substituído por um estagiário desconcertado de roupa toda preta que anunciou rapidinho a próxima atração, lendo de um tablet um texto que ele claramente não havia escrito:

— O nosso próximo convidado infelizmente não pode estar aqui presencialmente por uma emergência profissional com um dos seus clientes. Por isso teremos um vídeo gravado especialmente pro evento. Mas a gente entende quando a gente sabe quem são esses clientes, né? Ele que move mentes pelo mundo todo, ele que já aconselhou visionários, CTOS e CEOs em três continentes...

CADU FLOW.

Gustavinho nunca tinha ouvido falar daquela criatura. E olha que ele gostava de assistir vídeos desses gurus mequetrefes da informação, por mais que dissesse pros amigos que o gosto era irônico. Além de realmente ver graça nos mais charlatões e caras-de-pau, com seus papos de vida eterna uploadada na nuvem, ele custava admitir pra si que ressoava nele fundo um assombro quase espiritual com a internet e os dispositivos eletrônicos em geral. Por mais que nunca tivesse encontrado vocabulário adequado para expressá-lo. O encaixe satisfatório do clique da interface sensual de um produto estiloso, a disponibilidade onisciente numa plataforma, tudo isso era

quase sagrado para Gustavinho. A primeira vez que entrou na loja da Apple na Quinta Avenida de Nova Iorque teve que segurar tanto uma lágrima quanto uma ereção. A vontade de fazer xixi lhe sobreveio como a alguns cachorros ao verem seus donos. Hoje tinha alguma vergonha disso.

Cadu apareceu num palco tosco sentado numa mesa sozinho e usando um suéter preto com gola rolê, cabelo num rabinho de cavalo. O vídeo era de péssima qualidade e ele parecia já estar falando quando o áudio começou a sair das caixas de som, em frases pausadas que ele declamava quase com a intensidade dramática de uma Maria Bethânia, se esta fosse na realidade um surfista carioca imerecidamente autoconfiante.

— Todo mundo quer vencer, é ou não é? Perder ninguém quer. E todo mundo acha que tem o que é necessário. Mas o crucial da questão que se apresenta de maneira incontornável é que a monetização da tua ideia, da tua startup, da tua marca, da tua carreira, do teu PAÍS, bró-der, só vai ocorrer assim que tiverem incorporados real-mente, todos os elementos da sinergia. Na sua canalização tanto específica quanto geral.

Pausa ponderosa. Olhos gravíssimos, mas, também, calorosos.

— Só aí, meu querido, só aí. Só aí é que a gente tem todos os planos produtivos ENGAJADOS na sua efetivação sistêmica, re-la-cio-nal. E todo plano de efetivação de uma plataforma dominante tem que ser o quê? Um plano de disrupção. Como diz um de meus alunos mais foda, que eu mais admiro, competição é para perdedores. É perturbar pra dominar teu nicho. E o nicho do teu mercado é o quê? É o mundo, porra. Pou. Tiro, porrada e bomba. É ou não é? E a disrupção só vem com sinergia, ou seja? Só vem com team-work. No toque de bola da nossa escola, conca-tenados numa só união. Todos os tecimentos do tecido – o, o administrativo, o financeiro, marketing, pá, recursos humanos, pou. Que mais? Galera dos serviços, galera da limpeza, todo mundo. Os terceirizados também têm que vestir a camisa. Não tem dessa. Um só time. Uma só o quê? Família.

Cadu expira longamente. Encadeia os dedos.

— TODO MUNDO tem que estar entramado na sua correlação prática, sistêmica, orgânica E funcional com a empresa. Com o bem da empresa. Que afinal é o bem de todo mundo, afinal. Ou não é?

Ninguém reagia.

—Produtividade é uma forma de vida, quase uma religião. É ou não é? O brasileiro tem que parar de achar que produtividade é palavrão. Pronto, falei. Achar que malandro é exemplo. Só com a produtividade ENCARNADA nas nossas fileiras pelo MÁRMORE do exemplo, que esse país cresce. Jorge Paulo Lehman, tá bom pra você? Max Gehringer, Ayrton Senna. Quem mais? Saul Klein. Roberto Marinho. Verdadeiros vencedores, é nesse toque de bola. Só com isso é que teremos realmente a performance corporativa perfeita, meus queridos... Ou seja, vamos lá, repitam comigo:

Cadu começa a respirar com uma intensidade desconcertante.

— A PER-FOR-MAN-CE. Que que essa palavra quer dizer, no fundo? Vamos por partes, vem comigo, vem. Vamos lá. Per? Vem de Perfeito, tipo perfeccionismo. Perfazer. A forma ela é perfeita no sentido que ela acontece, ela atualiza as suas virtualidades, suas potencialidades que estão lá como uma luva cheia d'água. A árvore na semente. Etc..

— Agora o 'For'? Por quê? Porque ela é para alguma coisa, PARA alguma coisa, ela não é um fim em si mesma, uma máquina que gira em falso, ela é PARA, FOR alguma coisa.

— Aí o MAN, Man, como assim? É o homem, e nada de machismo, aqui, hein?! É o homem enquanto a espécie humana, o gênero todo. É para ela que a gente trabalha, afinal. Toda empresa. Toda corporação. Vocês tão me entendendo? Então é PERFORMAN-ce?

— Mas e o ce? O ce é um mistério, né? Porque per-for-man, até aí claro, sem problema, mas "ce"? Se....

Cadu Flow aperta um pequeno controle nas mãos e aparece uma projeção de Powerpoint nas suas costas:

“Tudo começa no ‘E se...’ ”

— O ce aqui talvez seja o elemento mais importante dessa brincadeira toda. Da equação toda. É ou não é? Porque a performance ela tá o quê? Ela tá predicada numa crença, predicada numa fé, predicada efetivamente no quê? Nos laços que nos ligam. E quais são os laços que nos ligam? Religare. É ou não é? Do latim. Re-lí-ga-re.

Ele aperta de novo o controle. Aparece “RELIGARE” enorme, na tela. Cadu encadeia os dedos com muita veemência. Gustavinho quis esmurrá-lo.

— A fé ela é o quê? A fé ela é efetivamente, ela é a crença na realidade dos

nossos atos individuais como atos coletivos. Não é isso? Então toda empresa, toda corporação — corporação é o quê? É um corpo de ações, um corpo de ações. São ações que têm um corpo — um corpo — de ações. E ela o quê? Ela só funciona com fé. Ela é tão forte quanto o seu elo mais fraco e quanto a força da sua fé. Então, meu amigo, eu só te digo isso pra você, quatro palavras. A PER-FOR-MAN-CE COR-PO-RA-TIVA É O EMPENHO E O DESEMPENHO DO CORPO CO-LE-TI-VO. E com isso eu só digo boa sorte e boa noite. Muito obrigado.

O vídeo terminava com aplausos ensandecidos na gravação, mas ali no evento a recepção foi bem tímida, a maioria das pessoas recebendo a exibição e sua conclusão com uma cara confusa. Gustavinho tem uma impressão estranha ao longo do vídeo, que já viu aquela figura antes e depois percebe que ele é igualzinho ao tal do Renato, ainda que maquiado ou usando alguma prótese. Ainda que falasse de um jeito diferente, não era tão diferente assim. Aquilo não fazia nenhum sentido. O anunciante promete uma nova atração mas Gustavinho não quer ver outra coisa daquelas. Evandro não parecia estar em lugar algum. Decide que não aguenta mais aquilo e vai para sua própria sala. Quando vê que o computador está ligado e o jogo já logado, acaba sentando para jogar. Não abria o jogo desde o inframundo. Lembrou que havia marcado de encontrar alguns jogadores lá dentro, quando aquilo ainda parecia importar de verdade. As várias guildas do jogo estavam se reunindo para enfrentar a ameaça iminente.

Paraíba Blade sobe em cima de um morro e observa as fileiras se formando, as lideranças interagindo, as tantas gentes arregimentadas, os avatares poderosos assinalados. Todo mundo aguardando a criatura. Era uma visão terrificante. Ele nunca tinha gostado de jogar narrativas militares, de toda aquela sensibilidade, sempre tinha achado um tanto assustador. E agora ele entendia porque era assustador, porque aquele sentimento era muito fácil de ser criado, aquele tanto de gente de repente se compreendendo de fato como um corpo combativo (ainda que estivessem na real todos sentados diante de um computador, o corpo imóvel por horas, posturas tenebrosas).

— E aí, fi.

Paraíba Blade olhou em volta, não encontrou nada além de uma paca olhando para ele, inquisitiva.

— Oi? Quem é?

— Nós somos todas as coisas, todas as coisas existem em noise. Eu sou os búfalos, os bolos funerários, as pacas e tatus, o caminho, o juiz, a testemunha e o testemunho, as águas correntes e jacentes, os bodinho e as mina, os joelhos, os cotovelos e as quinas, tudo contido em mim, mas eu não contido nelas, forma das formas. O próprio ó do borogodó.

Paraíba Blade não se mexeu, nem disse nada. Ele estava cansado daquela galera confusa e de seus discursos metidos a besta.

— Tou brincando. Relaxa. Sou eu, bicho.

— Evandro?

A paca se levantou e pareceu sorrir.

— Ah, tá. Imaginei. Tu é uma paca, agora?

— Eu nunca te mostrei isso, né?

— Isso o quê?

— Que eu consigo controlar qualquer coisa aqui dentro que não seja um jogador.

Assim que a paca terminou de dizer isso, ela voltou às quatro patas e foi embora, uma árvore ali perto de repente começando a se agitar e dizer.

— Forma de formas, em todas as coisas. As árvores somos nozes, enfim, véi. A zoeira, égua. Concretizada.

— Eu tou cansado disso tudo, veio, serião. Que porra de evento esquisito.

— Sério? Você não tá animado? Achei que você ia gostar. Você nunca reclamou quando eu apresentava as possíveis estratégias de monetização pro futuro, por exemplo.

— Eu nem lembro disso, Evandro. Eu provavelmente nem entendi na hora. Porra. Tão levando o jogo muito a sério. A coisa tá ganhando uma proporção meio maluca, né? E esse evento aí da empresa cheio de gente zoada?

— Paraíba Blade, herói de nossa gente, alegria do povo, senhor de si e de todas suas extensões, fazedor de si mesmo. Relaxa, vei.

— Esse não sou eu, né? Não sou mesmo.

— Tu tem que se ausentar um pouco da coisa toda, fi, ver a treta toda pelo que ela é, essa confusão ruidosa e abestada. Calma. Você já foi no inframundo do CABOL?

Paraíba Blade não respondeu. Ele não reconhecia mais aquela voz direito. Sentia que estava sendo feito de otário.

— Tu tá achando esquisito ouvir isso de uma árvore, né? Então ó.

A árvore se transformou num pequeno monge em robes vermelhos com madeixas brancas compridas caindo pelos arredores do topo careca de sua cabeça.

— Veja a forma das formas residente em tudo, e tudo contido nela, e quando tu se extirpar das noia mais inadequadas e puder olhar pra a si mesmo como olha pro resto, e queimar seu senso de si protegido das tempestades dos sentidos, centrado e descentrado no coletivo do qual você faz parte. Nada que é teu é teu, você é todo feito dos outros. Do estrombo até de dentro das mitocôndria. Depois que isso desce mesmo, desce bem, fica mais de boa. Fica quase tranqs.

— Bicho, que que tu tá falando? Porra, caralho.

Agora era um louva-a-deus enorme e realista, de cartola e monóculo, sua cabeça virando com cada oração.

— Tou só citando uns trem antigo aqui. Meio a sério, meio de sacanagem. Foi mal. Grandes tesoiros do espírito humano etc.. Não tenho ideia do que te dizer, não sou boa disso de conversar, não. Tou tentando te preparar para ouvir algumas coisas tem tempo, Gustavo. A ideia era tentar te acalmar, de verdade. Você tem mais células de bactéria do que suas no teu corpo. Controle é uma questão de estatística. E isso, em si, não precisa ser ruim. Não fica ansioso com essas vozes todas que se debatem na tua cabeça, todas elas são tu, também. Deixa elas passarem e se passarem. Por você. Como meu falecido irmão me dizia sempre: todos teus demônios são tu.

Agora era uma carruagem enorme carregada por um elefante e dirigida por um senhor indiano com trajes dourados, paramentos coloridos e um bigode respeitabilíssimo que quase chegava ao chão.

— O jogo tem que conter tudo, todas as possibilidades, todas as imagens. Ele é só o começo de uma plataforma muito maior. A primeira vez que eu vi um autômato celular eu percebi, aquele nanobestário se formando como um relógio suíço, as formações cristalizando e quebrando, as nuvens subindo depois de derreter, complexidade emergindo de simplicidade, ordem vindo do caos e virando caos de novo. O mundo tá na merda, a gente vive num avião

suicida, mas é a primeira vez que temos a condição técnica de fazer a Terra toda se comunicar consigo própria. E com o Grande Lá Fora. O CABOL é muita coisa, Gustavo, mas também é isso. O começo disso.

— A Terra, Evandro? Tu acha que é a Terra que tá fazendo isso?

— Claro, ué. Quem mais é que taria? Olha de quantos países tem gente jogando o nosso jogo, usando referências de quantos cantos, olha toda a energia necessária pra fazer isso correr, o maquinário todo, com seus minérios extraídos de todo canto. Uma malha técnica de infinitos corpos mortos sobrepostos. Todos os jogos que já fizeram antes do nosso, toda a extensa rede relacional que isso aqui implica e explica, véi. Como tudo mais, é só mais uma meta-instância da Natu, da trama primeira e derradeira.

— Meta-instância? Cacete, velho, puta que pariu. Tu comeu merda? Do que que tu tá falando?

Agora de novo era o monge baixinho de roupas vermelhas falando, que só agora Gustavinho percebeu que era pra ser o Mestre dos Magos (do desenho muito reprisado na sua infância).

— O sistema de acumulação do homem devora a si próprio. Do homem, não, dos ricos. Dos brancos e ricos. Como um câncer. Nós somos apenas mais um de seus instrumentos. Não somos, Gustavo? Ou não? Ou somos outra coisa? Esse evento era um teste. Eu gostei de ver que você não se animou com nada daquilo que a gente teve pra te mostrar. Tuas tentações no deserto, pra mal comparar pra caramba.

— Ahn? E o que que a terra quer, então? Me diz.

— Conversar, Gustavo. Gaia já existe, só não sabe conversar nas nossas frequências. Estamos tentando ajudá-la na parte de diplomacia e relações públicas, digamos assim. Mas com menos gentileza do que os diplomatas que tão aí. Assim como os primatas foram formando esses quadros na cabeça que lhe permitiram organizar grupos e garantir a sua sobrevivência. Assim como os impérios impõem sua malha pra conquistar. A gente faz o nosso mapa contra o mapa deles. É sempre assim. Mapeamentos sucessivos e recursivos de funções e domínios. O CABOL é o começo de uma infraestrutura comunicativa que está sendo planejada pra virar o dominó humano sobre o mundo do avesso e estender a Terra sobre a malha dos homens.

—Vai tomar no cu, Evandro. Porra. Eu sei que você não tava falando sério

antes, que tu tava zoando com aquele papo lá de mestre dos magos e de forma do caramba a quatro. Mas agora tu tá falando sério? Ou cê tá zoando alguém que eu não identifiquei? Eu não consigo mais dizer.

— É sério. Seríssimo. Agora é. Chegou a hora de tomar nas mãos os meios de computação, Gustavo Mesquita Peterson. O jogo era um disfarce pra outras coisas, mas agora temos o começo duma infraestrutura para criar plataformas realmente democráticas, equalizar a informação, juntar todas as vozes. Você tá entendendo a escala do que eu tou te falando? É hora de recriar a magia e destruir o capital. Isso aqui é o começo de uma guerra, Gustavo.

— Você tá de sacanagem com a minha cara. Só pode. O CABOL é um joguinho, Evandro. Joguinho, velho. Tetris, Mario, tal. Quando muito.

— O CABOL tem muitos limites, eu sei. Nenhuma sociedade jamais conseguiu montar uma interface que a tornasse capaz de narrar a si mesma de maneira fiel. Quer dizer, as pequenas conseguem, sim, mais ou menos. Mas as grandes sempre dão em monstrenhos. Religiões são tentativas nesse sentido. Mas são tentativas, digamos assim, insuficientes. Os seus meios, digo, estão bem defasados. Livro, liturgia fixa, etc.. Os meios hoje permitem montar um instante épico global, e arrastar o mundo com ele junto. CABOL foi um primeiro ensaio local. Outros virão, com outros parâmetros. Esse aqui sempre foi um esforço didático mais do que qualquer outra coisa. Além de ter me oferecido várias soluções necessárias em logística e diversionismo. Eu não esperava o sucesso, no início a gente bombou com bots, mas a coisa foi ficando orgânica. Agora que a gente criou esse pequeno mundo temos alguma responsabilidade sobre ele. Você não acha?

— Bicho, tu tá maluco? Você nunca me falou nada disso, nunca falou em nada além de criar um jogo popular com um milhão de usuários. Você ao menos tem noção disso, né? De que você virou o Ozymandias da parada aqui, do nada, que de repente chegou o momento de você fazer o discurso meio de super-vilão que explica tudo.

— É verdade. Eu sei. Comédia, né? Mas infelizmente eu nem tenho como te contar tudo de uma vez. E eu sou uma das últimas camadas, mas certamente não sou a última, Gustavo. Nem mesmo do CABOL. Tenho perfeita consciência disso. Você é que ainda não.

— ...

— E Ozymandias não, né, por favor. Tu me respeite. Aquele galeguinho

querendo ser faraó. Mas isso me lembra. Você quer ver?

— O quê?

— O que você acha. A coisa aqui do jogo.

— O bichão aqui do –

— É, é.

— Porra, querer eu quero, né. Rola de ver já?

— Olha aqui.

Paraíba Blade olhou.

— Caralho.

— Eu sei

— É impressionante, véi.

— É sim.

— Aquele tanto de coisa.

— Sim. O que é vivo e morto eu junto tudo num só. Chablau.

— E parecia uma cobra assim, né.

— Para você parecia uma cobra? Interessante.

— Como assim para mim? Era uma cobrona assim gigante, meio dragão daqueles antigos, meio de bigodinho. Mas todo feito de outras coisas.

— Isso

— De bichos comendo outro bicho

— Gerando mais uns outro bichos de partes deles mesmos, é. É a rede neural gerando imagem a partir de redundância estatística.

— Cacete.

— Tá mais pra outra coisa, mas sim.

— Como que vocês fizeram ?

— Foram cinco programadores e quatro artistas conceituais. Eu juntei as peças.

Gustavinho ainda estava assombrado.

— Gustavo, tu não assistiu tua vida inteira a essas paradas? Eu queria fa-

zer um jogo desde que eu tinha onze anos de idade e bati um flipper de Street Fighter em São Luís. Mas foi quando eu vi teu quadrinho pela primeira vez que eu saquei o que a gente tinha que fazer.

— Então tu admite, pelo menos?

— O quê?

— Que tu me botou pra ser a porra do escolhido do jogo, lá. Tu manipulou o negócio. Admite, vai.

— Eu não botei nada, Gustavo. O jogo que botou. Nunca fui eu. Nós dois somos veículos, aqui. É isso que eu tou tentando explicar.

— E isso quer dizer o quê? Porra nenhuma, né?

— Você não vai me perguntar do galpão? Daonde essa timidez toda, égua?

Gustavinho gelou.

— Como que você sabe?

— Vocês não são tão bons assim nesse joguinho de detetive, sabe.

— Quê mais você tá escondendo da gente, hein, porra? Que porra de bicho é aquele?

— Eu não posso te contar a história toda, mas eu fiz foi roubá-la de uma galera. Se eu soubesse tudo, você também saberia. Ela foi gerada na Terra, mas seu DNA não veio desse planeta. Eu só tenho uma noção limitada do que ela é capaz de fazer. E tou cuidando de protegê-la como eu posso com a ajuda de alguns amigos confiáveis. A maioria gente que eu conheci online.

— De que galera?

— É melhor você nem saber. Confia em mim. Vocês não imaginam o que tavam fazendo com ela. Cuzões de um caralho.

— E os macacos, Evandro?

— Eles são demais, não são? Ele são demais. Eu salvei eles. Tu não tem ideia do que eles andam fazendo. Tão programando em C, já.

— E tu não vai explicar nada disso?

O avatar demorou para responder.

— Você lembra quando que te vieram as ideias pro teu quadrinho?

Gustavinho estranhou a pergunta, mas a resposta era óbvia, claro que

lembrava.

— Sim.

— Veio tudo de uma vez?

— Sim. Veio tudo meio que de uma vez.

— Você lembra que dia foi? O dia exato.

— Pô, acho que n-não. Eu lembro como foi, e tal. Mas não sei te dizer quando exatamente.

Isso era mentira. Ele havia escrito num rascunho da sua conta de e-mail “eureka ! :o”, e checado a data disso semanas depois, gravado desde então. Mas não quis admitir que sabia aquilo com tanta precisão, e nem saberia dizer o porquê.

— Pois eu sei que dia foi. Foi treze de fevereiro de 2012.

Gustavinho arregalou os olhos até que doessem.

— A criatura tava escondida na embaixada da Guatemala, na época. O motivo pra isso você tampouco precisa saber agora. Você não morava na QL 17 do lago sul, vizinha da embaixada? Você foi a pessoa que tava mais perto com anandamide quebrando na cabeça, por isso recebeu os sonhos dela. Agradeça à brenfa, então.

— Dela? Sonhos dela?

— Sonho não é a palavra. São imagens que aparecem na cabeça dela, mas eu não sei te dizer o que são. Juro que não sei. Sei que quando elas vêm, elas são transmitidas com uma força do caramba, uma força que não fica passando por ela toda hora. E tu aconteceu de ser o receptor dessa primeira transmissão dela, do teu córtex acoplar com o dela por um milésimo dum instante. Foi um acidente, Gustavo. Pronto.

— O que que isso quer dizer?

— Quem tava com ela antes achava que eram imagens do futuro, mas eu acho que isso é besteira. A não ser que seja no sentido de que ela é capaz de conjurar esse futuro. Eu não tenho nem ideia do que ela é capaz. Foi um dos muitos motivos deu fazer isso tudo. Quero que vocês todos me ajudem a descobrir o que fazer com ela.

— Cê não fica nervoso de conversar dessas coisas por aqui, não?

— Eu que montei isso aqui, esqueceu? Tamo mais seguro falando isso aqui do que no meio da rua.

— Justo.

— E Gustavo, eu tenho que te falar uma outra coisa. A gente precisa de você agora. Você tem um papel crucial na porra toda. Sabe aquela máquina que vocês encontraram?

(*)

Gustavinho saiu do jogo. Todo o resto podia ser um delírio dele ou do Evandro, sem dúvida. A coisa toda poderia ser uma curtição cruel e elaborada com a cara dele, algo do tipo. Mas ouvir que ele havia recebido aquelas imagens, e não inventado, aquilo, sim, fez todo sentido. A impressão que ele teve no dia foi bem essa, mesmo. De que sua cabeça tinha sido invadida por imagens alheias. Que elas tinham sido transmitidas de algum jeito. Foi um acidente. Não tinha nada a ver com ele. Nenhum lampejo de gênio, nenhuma inspiração súbita que revela toda uma vocação predestinada pra vida. Assim como o negócio dele ser o jogador escolhido. Tudo devia ter sido uma armação esquisita do Evandro para prepará-lo para aquele dia. Ele era só um elo pequeno numa cadeia comprida, convoluta e confusa. Então a impressão corrente que ele tinha de que era uma fraude, de que não tinha nada de especial nele para que merecesse o sucesso do que ele fez, ela estava certa. Ele não sabia se ficava deprimido ou aliviado.

Agora, pelo menos, ele já sabia direitinho o que teria que fazer.”

42.

Lendo esse episódio, pensei que era possível que Fernando não estivesse muito bem das ideias, quando escreveu. Ou então sou eu que tenho uma imaginação de rédea curta demais (ou, ainda, as duas coisas, claro). Tinha algo daqueles últimos episódios que não batia muito com os primeiros. Como se a pessoa fosse se quebrando enquanto escrevia. Ou então era a morte dele pairando em cima da minha leitura, projetando gravidade demais.

Devia ter já quatro ou cinco meses do ocorrido. Eu quase não saía de casa, mas aí teve o aniversário de trinta anos do Paulinho. Estava sem ânimo algum de sair da cama até lembrar que ele era amigo bem das antigas de Bia e Eloísa. A chance de vê-las saídas da toca em que tinham entrado desde o ocorrido era considerável (o que me motivou a sair da minha).

O aniversário seria num bar que um amigo mais velho deles, Júlio, tinha aberto no ano anterior, um desses com cardápio farto de cervejas gourmet e artesanais. Júlio tinha passado num concurso bem polpudo de tribunal alguns anos antes. Eu não o conhecia direito. Ele se aproximou daquela galera estendida através da banda de pós-punk meio eletrônico que teve seu auge (a palavra é discutível) lá pra 2003, 2004. MENTES FRITAS. Eu lembro de ver fotos dos shows deles no fotolog nessa época, mas nunca fui em nenhum.

Os posts de dez anos atrás com foto do Iggy Pop reclamando de quem era poser e não dava “literalmente sangue” pela cena foram dando lugar a elogios à coragem do empreendedorismo alternativo e indiretas (ou diretas, mesmo) a quem ficava de mi-mi-mi ou esperando o que ele chamava de “mamata de edital”.

Eu não bebi nada porque era tudo muito caro, fiquei num canto de mesa com gente pouco próxima, montando expressões faciais minimamente aceitáveis diante do que se desenrolava. Já achava que tinha ido lá à toa quando vi a Bia e Eloísa chegando quando era quase meia noite.

A Bia parecia normal, cumprimentou todo mundo do jeito dela, carinhoso e reservado, de sempre. A Eloísa tava num moletom cinza-escuro, sem maquiagem, e só fez um aceno mudo pra mesa toda antes de puxar uma cadeira pra sentar do lado do Paulinho, com a irmã.

Eu tava no canto oposto da mesa, mas fiquei lá até o bar fechar e decidi-

rem ir para um karaokê lá perto.

O lugar chamava Stranger's e tinha na sua ótima fachada da 700 norte os anúncios de KARAOKÊ, SINUCA E JOGOS DA MENTE. Esse jogos da mente sempre me faziam pensar em gente manipuladora e telepatia, mas na real era só semicódigo pra pôquer. O térreo do lugar estava sempre cheio de homens de meia-idade jogando seus jogos, os bêbados do karaokê chegavam causando e precisavam atravessar aquele salão comprido metido em toda outra onda até chegar na escada que dava pro subsolo, onde se dava a cantoria. Querendo ou não, os grupos sempre se mediam um pouco naquele contato breve, uns fingindo que não olhavam pros outros.

Távamos eu, Juliana, um cara chamado Tito com uma namorada que nunca me cumprimentou e cujo nome nunca aprendi, o Paulinho, a Bia e a Eloísa. O karaokê quando a gente chegou tava vazio com a exceção de um senhor baixinho e vermelho de boina cantando Emílio Santiago.

A Bia e Eloísa ficaram mais na delas o tempo todo, dividindo uma caipirinha bem devagar e lendo o cardápio esfarrapado com as músicas. Enquanto isso a Juliana, enorme de grávida, ia e voltava do palco e dos seus arredores para cantar “Nobre Vagabundo” e fazer as vozes secundárias de “I Want it that way”.

Fiquei com impressão de que as duas estavam comentando uma com a outra o comportamento da Juliana. Discretamente, mas não tanto.

Tentei puxar conversa com as duas, uma hora:

— Sempre achei graça nesse negócio de karaokê, nunca consegui cantar direito.

Eloísa não ouviu ou não quis reagir, continuou folheando o cardápio de música. A Bia sorriu e falou:

— Eu até gosto, mas tenho que beber muito mais do que eu bebi hoje. Não tou na vaibe.

— Uma coisa que eu acho engraçada é a mania que uma galera tem de fazer questão de deixar claro que tá cantando uma coisa ironicamente.

— Sei.

— Como se, tipo, tivesse que deixar muito claro que embora ela obviamente queira cantar Spice Girls, ou Art Popular, sei lá, que ela não gosta des-

sas coisas de verdade.

— Seeei.

Ela cerrou um pouco os olhos, não entendi se porque achou interessante o que eu falei, se pelo motivo oposto.

— Mas claro que, porra, nada ver isso. Um sentimento é um sentimento. Se tu quer cantar o negócio vai lá e canta. Besteira.

— Total

A cara vazia. Olhando através de mim como se eu fosse transparente.

— Mas não tou falando de ninguém aqui, não.

Bia olhou mais atentamente, até quebrou a cabeça pro lado. . Um sentimento é um sentimento? Eu sou quem, a porra do Augusto Cury?

— O Fernando falava isso também, sabia? Ou um negócio assim.

— É?

Assim que eu perguntei é que fui lembrar. Era verdade. Já tinha visto ele falar isso umas duas vezes em bar e não lembrava. Comecei falando como se tivesse me ocorrido ali na hora. Cara de pau, a minha. Vergonha da porra.

— É. Ele falava que “Evidências”, do Chitãozinho e Xororó, era o exemplo perfeito. Tu bota lá a música e geral pode fazer cara feia, mas quando chega no refrão tá todo mundo se esgoelando.

— Boto fé.

— E a própria letra já falava disso, né? Isso é que é bom.

— Como assim?

— Ué. A própria letra é de alguém tentando segurar a onda de uma paixão irresistível sem conseguir, até desistir e deixar que o trem arregace mesmo. Igual a pessoa que acha que “Evidências” é brega, mas no final se mata de cantar. O Fernando quase explodia de rir falando isso, do tanto que ele achava isso bom. Sempre falava que ia escrever sobre e nunca escreveu.

Quando já tava perto de fechar o lugar, quatro e pouco, a Eloísa levanta pra cantar uma música que eu não tinha visto ela pedir. “É o amor”, do Zezé de Camargo & Luciano. Ela canta toda entregue, e mesmo com a voz dela cedendo nos agudos mais sustentados, todo mundo pareceu tocado.

— Ê, chãõ goiano.

(*)

Lá fora, ficou todo mundo um tempo esperando o táxi da namorada do Tito, que morava no Park Way. O Tito era um cara alto e bonito que trabalhava como engenheiro de som, tava sempre de casaco jeans e botando uma pinta de roqueiro de comercial. Tinha sido muito amigo do Paulinho e do Fernando há muito tempo, além de ter sido um caso breve da Bia. Ninguém nunca lembrava de chamar ele pra nada.

— Ah, eu sei que é meio cedo pra perguntar. Mas eu tou curioso. Cê vai continuar com o projeto lá?

Eu não tava vendo a cara da Bia quando ela respondeu, seca:

— Que projeto?

— Ah, aquela coisa dos blogs. A história lá do Fernando.

— ...

— Ele me falou que tava fazendo contigo, não era não? Foi isso que eu entendi.

Agora tava todo mundo olhando pra Bia. Ela fez uma cara estranhíssima. E eu vi a Eloísa fazer uma cara fria e severa, removida dali, que fez com que a expressão distante que manteve a noite inteira parecesse, de repente, disponível e simpática. Foi caminhando até o carro delas ali na frente sem se despedir de ninguém.

— Cê deve tar se confundindo.

A Bia emendou numa voz fraca enquanto andava atrás da irmã. Tito respondeu constrangido.

— Viajei, viajei, perdão.

43.

Então a Bia escrevia aquilo com ele? Achei estranho porque nada daquilo parecia com ela, o senso de humor bobo, as lombras de ficção científica, o que tinha de política jogado por cima como confete. Ela, que era tão séria com tudo, sempre falando de crises humanitárias e temas cascudos. E a história do tal do Gustavinho finalmente tinha acelerado, depois daquela pasmeira interminável de videogame. A curiosidade me venceu. Cheguei em casa e li de uma vez o último episódio do “Cabuloso” que eu tava enrolando pra terminar.

“CABULOSO – parte 12

Gustavinho chegou no endereço que ele já conhecia, a lindamente nomeada Rua da Evocação Sertaneja. Dessa vez ele tinha a chave do galpão. Naquele mesmo dia teria um jogo do Brasil na Copa das Confederações. Os protestos tavam comendo pelo país.

Encontrou uma cena parecida com a que tinha encontrado da última vez, mas a criatura não estava mais lá onde eles antes a tinham encontrado. O que tinha era só uma cadeira de dentista com uma máquina acoplada na ponta.

Depois de injetar o negócio na sua nuca, Evandro jurou que seria simples. Gustavinho tinha tomado no carro a droga que ele deu, uma pílula branquinha que ele só teve coragem de tomar depois do Evandro tomar uma igual (escolhe uma das duas, ele falou antes). Falou que demoraria uns vinte minutos pra bater. Ele agora começava a ficar noiado que aquilo tudo podia ser uma armadilha. No início da conversa ele esteve resistente, mas tudo que ele falou no fim foi tão direto e estranho que Gustavinho só fez engolir e concordar.

Ele tava suando frio quando deitou na cadeira. Foi quase imediato. Assim que ele sentiu a nuca dele tocando a chapa metálica o corpo dele de repente estava e não estava ali. A corrente dava uma fígada no músculo que deixou seu pescoço duro. Imagens apareceram na cabeça dele como se imaginadas, mas sem nenhum controle, e muito mais vívidas do que a imaginação. Ficavam perfeitamente sobrepostas ao que ele tava vendo, de um jeito que fazia a cabeça doer bem atrás da testa.

Depois de alguns segundos de imagens abstratas coloridas sucedendo ele

se viu operando seu avatar de sempre, Paraíba Blade. Mas sem as mãos, ele só pensava em fazer algo e isso acontecia. A imersão era ao mesmo tempo excitante e assustadora. E enquanto isso uma sensação sub-reptícia se esgueirava, enquanto ele se metia naquela interface algo estava penetrando nele de volta. Em nenhum orifício pré-existente, quase como se estivesse rompendo sua pele em milhares de pontos, esgarçando seus limites em toda sua extensão. Não era nada fácil de aguentar, mas não doía. Doer não doía. Era quase anterior a uma sensação física estrita.

A criatura havia finalmente aparecido no jogo meia hora antes, saindo de um portal roxo gigantesco. Diversos agrupamentos já tinham se apresentado para combatê-la. Milhares de jogadores já tinham morrido na primeira incursão, mas agora um grupo de neuromantes tinha conseguido se sacrificar com uma explosão massiva que tinha feito o monstro desaparecer por um instante.

Havia se criado uma cratera gigantesca, e milhares de avatares estavam em torno sem saber o que fazer, sem saber se a criatura surgiria de lá de novo. Paraíba Blade chegou andando no meio deles e pulou lá dentro, causando alguma comoção.

Foi quase imediato. De repente Gustavinho sente uma outra presença que não a sua dentro da sua própria cabeça. Não é uma voz, é uma outra coisa ali com ele. Ele também começa a sentir uns estímulos que a princípio demora para conseguir integrar ao resto, uma sensação de estar debaixo d'água, do seu corpo ser algo atarracado e cotocado, constrangido por tubos incômodos.

Agora a sensação de algo penetrando em Gustavinho é física. Tão física quanto um chute no saco. E bem incômoda. Não deixa de ser prazerosa, também, mas assusta. Ele nunca tinha sentido nada parecido com aquilo. Nunca mesmo. Como se algo se entranhasse fundo nele dum jeito que ele não sabia possível até então, bem nas tripas, em fundos que ele mal sabia que tinha, virando ele do avesso como uma peça de tecido. Ele tenta relaxar, percebe que seu corpo está todo tenso, e que isso dificulta. No mínimo faz doer mais.

As imagens chegam vívidas e sobrepostas, mas sem se confundir. Uma concessionária de carros de luxo sendo destruída por jovens skatistas, um homem incrivelmente branco recebendo uma flechada no pescoço, o homem de uma perna só caindo e quebrando um teto de um camarote, o topo de um

estádio de futebol com uma multidão incrível de pássaros se aproximando e quase escondendo a luz do sol. Uma parede enorme, vermelha e preta, estendendo-se para todos os lados. Raízes e galhos numa fundura impossível de se divisar, pulsando. A vastidão do espaço.

Gustavinho sentia a criatura lhe invadindo. Sentia seu senso de si esgarçando e tentava deixar que isso acontecesse. Tentava ceder toda resistência que ainda mantinha por inércia, virar só um veículo, mais nada. Ceder sua voz para aquele ruído que chegava em bloco, ao mesmo tempo que se expandia em ondas. Anelamento interno que cede a um anelamento externo, uma coisa vira outra. Pela primeira vez a criatura se acoplava a uma mente humana sem ser forçada a isso, sem ser violentada. Até isso Gustavinho conseguiu entender, sem palavras. Outra coisa vira uma.

A consciência individual de Gustavinho talvez não resistisse ao contato. Eva foi clara quanto a isso. Ela não podia garantir nada, mas pela cara que fez e o que conseguiu explicar, a chance de sobreviver intacto devia ser quase nenhuma. Ele seria o custo necessário para a criatura começar a manejar a vida humana, sua individualidade estrita, senão sua vida, o custo para que uma comunicação real começasse entre as espécies. Se ela havia sido alfabetizada a respeito da nossa até então com a gentileza fria e cruel de experimentos de laboratório, Gustavinho seria o veículo para que ela adentrasse a nossa carne por dentro. Talvez um veículo sacrificial. Eva não tinha ideia do que aconteceria com seu córtex, foi bem franca. As pessoas que tinham até agora tentado entrar em conexão neural direta com ela sozinhas não tinham ficado nada bem. O método e condições agora seriam totalmente outros, mas ainda assim. O risco era enorme e a decisão era dele. Tinha que ser. Ela só sabia que a criatura precisava ter contato com aquele corpo. Que sua cabeça havia estabelecido uma primeira ponte em 2012, na primeira transmissão que ela fez para casa, e que desde então a criatura esperava por aquele DNA, aquela assinatura neural, para poder se abrir. E nenhuma outra.

A extensão do intervalo que tomou para que a consciência de Gustavinho fosse aos poucos saturada pela consciência da criatura pode ser medida em poucos segundos. A sensação para Gustavinho, no entanto, foi de uma duração bem mais extensa, seccionada em quase infinitas sub-rotinas paralelas. Um momento com um outro momento dentro, desfolhando-se como alcachofra, sala iterada para o lado indefinidamente sem nunca chegar no topo da pilha. Isso ao mesmo tempo que ele sentia uma propriocepção alheia sobre-

posta à sua, um corpo completamente outro se apresentou como seu, como imediato, Gustavinho conseguia sentir uma inteligência alheia se apossando do seu corpo. Os membros conduzindo a si próprios como num filme de um sonho. E ele confusamente tomava parte dos dois lados desse ato de posse e despossessão, como se pela primeira vez tomasse consciência real, em primeiríssima pessoa, de seus pés, do seu esôfago, da sua coluna vertebral, ao mesmo tempo que gradualmente cedia seu controle destas e outras extensões. Finalmente. O alívio era extenso e intenso, como se alguém empreendesse a micturição integral de si próprio.

Essa renderização externa gradual do seu corpo se dava no mesmo fôlego em que entendia, sem que nada parecido com uma imagem ou palavra se apresentasse, que aquela criatura havia sido toda produzida para nós. A partir das representações que nós fazemos de animais, recuperadas do nosso entretenimento infantil, aquele bicho havia sido feito para nos agradar. Por isso sua morfologia artificiosa, troncha, pouco prática. Ela era um dispositivo biológico de comunicação eletromagnética, uma espécie de diplomata interespecífico cuja receita de fabricação proteica nos fora transmitida de um sistema a quinze anos-luz daqui, de nossos vizinhos próximos, vegetais pretos e vermelhos, trevosos, velhíssimos. E a criatura veio para propagar a vida, não o seu contrário. Isso Gustavinho também compreendeu de uma vez, sem imagens nem palavras, na forma de uma malha receptiva que respirava, muda. Uma mesma pulsação latejando, insistente e inumana. Muito mais vasta do que nossas malhas, e mais lenta. Sua intenção era impedir a destruição do Verde terrestre, que seus criadores entendiam como formas de vida análogas e portanto irmãs a eles próprios. A criatura era um experimento cosmopolítico biológico criado por plantas alienígenas antiquíssimas. Não era, então, uma forma de vida evoluída de forma espontânea no seu planeta. De fato, aquele era o único espécime existente do seu tipo, projetado – com as melhores aproximações que conseguiram – para a gravidade e atmosfera da terra. O único traço distinto que a criatura carregava do seu planeta de concepção era a necessidade de se banhar numa mistura de água e amônia (planejar algo que não dependesse de luz, água e amônia era pedir demais à engenharia biológica do Verde-Preto, aparentemente).

Quando veio, finalmente, a acoplagem, Eva também foi incluída remotamente no processo (o maquinário mediador havia sido instalado por ela, afinal). Foi como se uma outra consciência entrasse na sala da sua. Não sem

alguma violência. Depois de dois anos sem nenhuma forma de comunicação bem-sucedida, pela primeira vez a criatura se fez plenamente presente para Eva, assim. Assim como se fizeram presentes seus criadores. Eva, pela primeira vez, entendeu plenamente com o que estava lidando. E também entendeu outra coisa.

Além da dificuldade extrema das plantas de compreender e se expressar nos nossos termos, a intenção de enviar um código genético sem instruções ou explicações adicionais também tinha seu componente, digamos, criptográfico-militar. A criatura era uma espécie de Cavalo de Troia. Ela estava lá para impedir a destruição do Verde por qualquer meio que fosse necessário. Por convencimento, se possível. Pela força, se preciso. Uma espécie de diplomata que poderia virar uma bomba de hidrogênio, se ameaçada. Ou perturbar nossa magnetosfera e causar erupções solares numa tarde, como quem peida, destruir muito da telecomunicação global, num espirro. Eva entendeu tudo isso de uma vez. As plantas eram transparentes. Mesmo sabendo que dificilmente seria compreendida de volta, Eva se ajoelhou, passou a tentar deixar claro para a criatura e para seus criadores, em toda língua que sabia, em toda imagem que conseguiu conjurar, mesmo sem saber se a criatura estaria transmitindo de volta para casa naquele momento, nem sequer se era capaz disso, que ela também queria acabar com o reinado de destruição do homem. Desses homens. Que o Verde teria nela uma aliada. Nela e em todas as outras espécies daquele planeta.”

44.

A história terminava assim. Bem mais interessante do que eu supus no início, até admito. Mas a conexão com a morte do Fernando me parecia bem forçada, e o trem todo deixou bem mais perguntas do que respostas. Fernando era o tal do Gustavinho, um playboy tonto que recebia uma transmissão interplanetária se sacrificava para a vinda do Verde? Nada a ver.

No mais eu ficava tentando lembrar daquela noite, repassando o filminho na cabeça pra ver se aparecia algo novo. De como Fernando tava agoniado e estranho, mais pavoneado do que o normal, sem a dissimulação cuidadosamente controlada que ele parecia manter na maior parte do tempo.

Foi revendo pela enésima vez um álbum no facebook de um dos presentes, onde o Fernando mal aparecia, que lembrei do Damião, o menino queixudo esquisito que alguns chamavam de anticristo e que passou a noite toda tirando foto. Ele aparecia numa das fotos da festa de olho fechado, deitado na parede que recebia as imagens do projetor. Eu lembrei que ele era irmão de uma conhecida de todo mundo, Larissa, que ia fazer parte de uma exposição coletiva numa galeria no final da W3 Norte no dia seguinte (um evento cuja existência eu já tinha absorvido dias antes, mas que só agora se acendia de maneira articulável na minha atenção, como um ponto num mapa do futuro).

Não sei exatamente qual era minha ideia, acho que não cheguei a formular um plano. Mas assim que juntei lé com cré já me pareceu meio inevitável que eu fosse nessa abertura, mesmo não tendo nenhum amigo próximo confirmado.

No dia seguinte eu cheguei quarenta minutos depois do horário marcado para começar. O Damião não estava lá, fiquei olhando para as artes dependuradas ou dispostas no chão, segurando o texto dos curadores na minha frente como se o estivesse lendo. O nome da exposição era algo como línguas da matéria ou matérias da linguagem. Todos tinham variações de textos escritos em materiais estranhos ou gravados de maneira inortodoxa. Duas obras envolviam fones de ouvido que as pessoas alternavam, fazendo uma cara aborta e intensa. O da Larissa eram vários panos de chão usados nos quais ela tinha bordado frases do Joaquim Nabuco e do Luís Gama. No subsolo tinha um rapaz envolto numa toalha escrevendo numa máquina de escrever sem

papel (mas é importante notar que ele está, sim, escrevendo algo – dizia o texto na parede, em itálico, meio mandão).

Tinha muita gente que eu conhecia de rabeira, que eu já tinha cumprimentado algumas boas vezes em outras circunstâncias, mas que não me sentia assim tão próximo para chegar falando e beijando na bochecha. Ainda mais considerando que a maioria tava bem entranhada no ecossistema, reconhecendo e sendo reconhecida por geral, enquanto eu me sentia ligeiramente de penetra ali, fazendo uma cara pretensamente sofisticada pras obras e julgando quanto tempo eu precisava gastar me depositando criticamente em cada uma.

Já estava terminando um copo de guaraná diet, lentamente rodeando o acúmulo de pessoas conversando e bebendo em volta da galeria, fazendo os últimos cálculos mentais de cumprimentar ou não tal ou tal pessoa, quando vi Damião vindo do estacionamento acompanhado de duas meninas novinhas, uma delas vestindo um macacão verde fosforescente.

Entrei de novo na galeria e fui ao banheiro, a ansiedade no talo. Explodi minha cara de todo jeito no espelho, como faço quando não estou me aguentando, bochechei água por motivo nenhum. Quando saí ele tava na galeria tirando foto do menino na máquina de escrever junto da menina de macacão fosforescente. Pareciam ser amigos, tentavam fazer o rapaz rir e estavam quase conseguindo. Eu tentei me esquivar do quadro, mas acabei aparecendo no canto da foto. Eles olharam pra mim muito sorridentes, simpáticos, e eu, já subindo a escada, acabei virando para o Damião e tentando afetar, na minha melhor cara de pau, um reconhecimento súbito e surpreendente:

— Eta, você é o Damião, não é? A gente se conheceu numa festa uns meses atrás.

— Opa, oi, oi, tudo bom? Claro, lembro sim, que festa?

Mentira dele. Mas bom sinal.

— Você conhecia o Fernando?

Ele recuou. Entortou a cara igual a um cachorro inquisitivo.

— Aquele menino que morreu?

— Sim, naquela noite. Tipo algumas horas depois.

— Mais ou menos. Conhecia, sim. Sigma, tal. Fiquei de cara com a histó-

ria. Mas não era bróder-bróder. Você era?

— Sim. Você tava tirando foto aquele dia, não tava?

— Tava.

— Então. Meio nada a ver falar isso agora, mas posso pegar teu contato? Eu queria muito ver as fotos daquele dia. Precisava conferir um negócio.

Ele pareceu estranhar a minha pergunta. Disse que sim, enunciou duas vezes seu nome inteiro para que o encontrasse (como se eu não já o soubesse), eu falei qual era o meu. Ele concordou mantendo uma expressão incômoda, como se o tivesse feito a contragosto. Que ele ficasse surpreso eu acho normal, mas não antecipava incomodar tanto. A princípio não teria nada demais, imaginei, ele mesmo decidiria se achava invasivo, bastava não me mandar nada. Mas talvez fosse a maneira dele ter chegado e perguntado. Calculada, pouco natural.

Quase como se ele conseguisse ver na minha pessoa não só que o encontro não tinha sido nada acidental e espontâneo, mas que o meu interesse nas fotos deviam também apontar para um envolvimento esquisito, difícil de se justificar.

Saí de lá imediatamente.

45.

Chegando em casa, não conseguia dormir, de excitação. Depois de um tempo sem lembrar de checar, fui abrir o outro blog, o que descobri no to-doyrada e que eu associava à menina misteriosa que havia encontrado com Bia e Juliana, aquela vez. Lá tinha um post novo:

“05. 02. 03

Chegando perto da Copa de 2002, o Renato ia pirando na batata, quase forçando o Dennis a fazer uns eventos pros jogos e convencendo a gente a torcer junto com ele. Não tinha nada mais importante do que a Copa, ele dizia, e fez um discurso enorme do tanto que era bonito o Romário e o Garrincha e o Bebeto. Minha irmã fechava a cara, nunca tinha entendido a graça de futebol.

Aí eu falei pra ela do Popol Vuh, que tinha sido transcrito depois da invasão espanhola. E que nele os gêmeos heróis se vingavam dos senhores do inferno que tinham matado os pais deles ganhando num jogo de bola. Ela gostou demais disso, fiquei de cara. Acho que ajudou ela a sentir que então não tinha nada de tão errado assim com ela torcer junto ali pela seleção, já que ela odiava tanto o Brasil, mas tinha simpatia por muitas pessoas lá dentro, e no final das contas odiava os países europeus muito mais. “Muito mais, claro. Não tem nem comparação”.

Tinha uma parte do Popol Vuh que eu gostava muito, em que os dois gêmeos fazem um macete pra descobrir os nomes dos senhores do inferno. E isso é importante, na história, porque descobrir os nomes dos senhores do inferno significa essencialmente ter alguma espécie de poder sobre eles. Os gêmeos também escondem os seus nomes e sua filiação dos senhores do inferno, para se protegerem. E esse é um lance que recorre em altos mitos por aí, já notei. Tem altas culturas onde tu tem um nome que geral usa e um nome a ser usado só em circunstâncias muito específicas, e que por isso é compreendido como tendo todo um outro peso.

Ela era minha irmã, mas nem pra mim ela me dizia o nome que tinha na aldeia, antes de fugir pra cá. Nunca quis dizer. Na lanhouse e na rua ela respondia por “ei”, “ou”, “garota”. Não queria ter outro nome, aparentemente. E tampouco queria nos entregar o nome que tinha antes. O Dennis começou a

chamá-la de “Eva”, só de sacanagem. O Renato continuou. Ela odiava.

E eu fiquei dando a pala de como essa coisa toda do poder do nome fazia todo um outro sentido, novo, num mundo em que a disseminação de vaibes e lombras se vê tão dominada por marcas e corporações diversas disputando setores e seções da nossa atenção coletiva. Essas marcas todas marcando o corpo das pessoas. Nas roupas todas. Na casa delas. Elas até tatuam algumas por conta própria, de graça, nelas mesmas. Isso aí é o quê? Possessão demoníaca. Eu não estou brincando.

É só andar na rua de qualquer cidade grande pra ver que o diabo existe em todo canto. Dá pra vesti-lo, comê-lo, pegar punhados dele, empacotar e levar pra casa em sacolas chiquérrimas, se quiser (tem quem ame). Eu sei que ele existe porque eu o vejo o tempo todo. Não ele-ele, né, naturalmente, mas demônios. Tão aí em todo outdoor e comercial de televisão. Têm de todo tipo. Têm uns que são só uns acúmulos malcheirosos, umas presenças esquisitas em quartos e corredores, nem chegam a se individuar em corpo apresentável. Outros ainda são formas gigantescas muito maiores do que a gente, engolindo morros inteiros, bezerros e suas crias, container, país. E usando veículos humanos largamente inscientes para tudo. Esses eu vejo o tempo inteiro, e as forças que eles têm por trás, que carregam consigo. Essas eu nunca que não tou vendo.

O mundo é uma gigantomaquia corporativa escrota, tá no piloto automático tem muito tempo. Possuído pelos sacerdotes mais sombrios que já existiam, os círculos mágicos mais trevosos, os numes mais podres. Nada disso vai parar sem encontrar violência equivalente. Tá mais do que claro, tá cristalino. Quanto a isso minha irmã tá certa, sempre esteve. Mas e aí? Fora os zapatistas, o MST, ou sei lá mais quem, ninguém mais parecia levar a situação a sério do jeito que precisa. Tu não acha meia-dúzia de cristão que leve o evangelho a sério. Se levassem, estariam chicoteando banqueiros e andando com mendigos. Todo mundo vai se acomodando com o tempo, vai tentando encontrar uma salinha cômoda de dentro da Besta pra chamar de sua. Ninguém aguenta ficar muito tempo do lado de fora das engrenagens. Ninguém quer ser um grão de areia nos seus dentes, todo mundo quer ser óleo.

A princípio ela ficava só rindo de mim, quando metia a falar essas coisas, a voz oitavando, todo exasperado. Como quem me achasse muito grave e muito besta, aparentemente, a dramaticidade em pessoa (o que eu notava pela cara irônica de séria que ela fazia, enfezando as sobrancelhas e emburrando o lá-

bio inferior dum jeito exagerado). Assim que a gente se conheceu, ela ficava zoando o fato de ter sido criado cristão. Parou quando percebeu o tanto que me incomodava. Mas com certeza continuava achando uma tolice sem tamanho. Dava pra ver na cara dela quando eu me benzia. Até parei de fazer na frente dela.

Ela sempre fez como se não desse bola pro que eu dizia, pra minha seriedade. Mas também nunca denunciava quando algo realmente pegava ela fundo. Isso acho que porque ela tinha um troço meio de competição comigo, então parecia achar ruim quando eu falava alguma coisa que realmente a surpreendesse de algum jeito.

Mas sei que também lhe dava um tesão da porra, como dava em mim. Isso antes de tudo azedar, tudo ruir. E a gente ter que cair cada um pro seu canto.”

46.

Não entendi merda nenhuma daquele post. Mas fiquei achando que aquela reação íntima e esquisita entre irmãos podia ter algo a ver com o Fernando e a garota misteriosa. Dormi e sonhei com o Fernando transando com uma versão feminina dele mesmo.

O e-mail de resposta do tal do Damião veio no dia seguinte.

Opa, eae, fala!

Pra falar a verdade, não entendi o que você quer exatamente, mas tou vendo que a gente tem mil amigo em comum (: então toma logo a pasta com todas as fotos do dia. Abss

Tava num site de compartilhamento de arquivos. 300 MB de fotos compactadas. Eu senti um prazer quase sexual com a barra de progresso avançando e depois com a pasta abrindo com aquele tanto de fotos em altíssima resolução, os seus títulos em números sequenciais.

Eu que me debruçava sobre aquele evento havia meses sem nada de novo de repente tinha ali todo um tesouro de informação suculenta. Clicando na sua lista e a deixando apertada a tecla pra baixo no teclado tive um vislumbre rápido pela pequena amostra ali no canto da tela, de pré-visualização, uma versão menor e animada da lista de imagens, aquela noite tornada um pequeno filme seccionado, com alguns movimentos maiores lá dentro passando sem serem apreendidos, sutis demais para minha percepção apanhar naquela velocidade.

Voltei pro início. Fui olhando cada foto, uma por uma, o dedo apertando o teclado numa cadência fixa. O Fernando aparecia em doze das oitenta e seis fotos tiradas. Eu aparecia em três e com a minha habitual falta de fotogenia.

É impressionante o tanto que uma foto consegue mentir. Mesmo alguém que conhece o Fernando, acho, olhando aquelas fotos poderia dizer que era um dia em que ele estava mais alegre e tranquilo do que o habitual. Talvez porque a pessoa que tava tirando foto não era tão próxima, e porque eventos mais fotografáveis (num sentido convencional) costumam envolver gente dramatizando ou forçando ânimo conjunto. Sei que tinham umas cinco fotos do Fernando se derramando nas zoeiras mais exageradas, fazendo bigode com o cabelo comprido de uma amiga, coreografia do N' Sync com um grupo

de amigos, tomando shot de tequila com sal e limão com duas pessoas que ele odiava.

Eu vi que só em duas fotos ele tava com a cara angustiada que eu lembrava nele naquela noite. Nessas duas ele tava mais no fundo da foto, o que talvez explicasse seu descuido em se deixar transparecer. Numa delas, triangulando a visão dele com um espelho que aparecia no canto oposto, dava impressão de que ele estava olhando para uma menina loirinha com tipo de bem nova, expressão séria, cabelo no olho e um moletom cinza grande demais pra ela. Olheiras sexy. Toda charmosa, sozinha num canto da sala. Eu não lembrava dela na festa e de nenhum outro lugar, e ela não aparecia em nenhuma outra foto

Essa era a antepenúltima das que Damião tinha tirado. Duas e quarenta da manhã, dizia a metadata. Horas depois o Fernando tava espatifando no chão até perder toda forma reconhecível.

Podia ser só a coincidência formal ali, mas aquela foto me deu uma impressão inabalável que aquela garota tinha algo a ver com o suicídio do Fernando.

47.

Eu demorei algumas semanas para perceber que tinham postado algo novo no blog do Cabuloso. E isso já meses depois da morte do Fernando. Fiquei sem entender, então não era só o Fernando que escrevia? Mas quem estaria postando aquilo agora? O post novo também era o primeiro sem o título “Cabuloso”, o que reforçava minha impressão de que aquele post era de alguma outra pessoa continuando a história.

ESPERA,

TEM MAIS!! (1)

“Renatinha sai do evento e volta para as baias de computadores onde algumas pessoas estão monitorando o tráfego nos servidores. Encontra Gabriel ali, com olheiras cansadas, acompanhando o jogo pelos monitores principais. Ela põe a mão no seu ombro, de leve, ele chega a assustar. A criatura havia acabado de sair do seu portal roxo, no jogo.

— Ei-ou. Você viu o Evandro, querido?

— Oi. Não vejo desde anteontem.

— Pois é. Estranhoço. Ele tava tão obcecado com arrumar tudo e de repente quando o negócio começa, ele vai e some? Fala pra gente organizar esse evento esquisitão e mal aparece? Não tou entendendo.

— Tem muita gente jogando, né?

— Sim, tou muito de cara que o servidor tá aguentando. Sei nem como. Tava morrendo de medo disso.

— Eu vi o Gustavinho chegar, mas ele sumiu. Acho que ficou meio chocado com as falas lá fora.

— Ele tá muito bolado desde que a gente foi lá no galpão, né?

— Porra, claro. Eu também tou. Menor ideia do que pensar. Meio doido ficar aqui trabalhando como se a gente não tivesse visto aquilo.

— Eu não consegui nem dormir.

— E você acha que tem alguma relação com o jogo? Tipo. O bichão lá que a gente encontrou.

— Não sei. Tinha nem pensado nisso. Não parece ter relação com nada,

aquilo, né? Relação como?

— Não sei, mas o fato de que a gente passou meses projetando uma criatura estranhona no jogo e aí a gente vai e vê que tem uma criatura estranhona aqui no mundo real, sei lá. Coincidência demais.

— Verdade. É estranho mesmo.

— E você viu como o monstro aqui do jogo tinha uma onda com os Estados Unidos?

— Não reparei.

— Porra, foi a primeira coisa que eu reparei nos testes hoje de manhã. A imagem dava aquelas travadas, mas o bicho era todo feito de um bando de carro e caubói e cigarro e o caralho.

— Nossa, nem me liguei.

— Achei muito doido. Tô achando ainda. A cena de um bando de avatar de todo tipo lutando com aquele bichão que era os Estados Unidos. Parecia o mundo real, risos.

— Verdade. Ah, puts. Vi um negócio ontem de madrugada e esqueci de te contar.

— Que foi?

— Ah, eu tava no jogo passando ali perto de Salvador quando eu vi o tal do Divino Comédia lá.

— Ah, é? Tem tempo que não vejo. Achei que ele tinha sumido.

— Pois é, ele tava passando com uma faixa amarela enorme GINCANA DO COMEDIA SIGAM-ME OS BONDS. Eu tentei seguir por um tempo e vi ele falando com mais uns dez jogador que tavam seguindo ele. Deixa eu te mostrar o print.

Renatinha tira o celular do bolso e mostra a imagem para Gabriel. O avatar do Divino Comédia ficava repetindo uma mesma fala, que pairava por cima do seu avatar.

VOCE VAI PROCURAR <EU SEI QUE VAO ENCONTRAR>, EU BOTO MAIOR FÊ, AS MAQUINAS HERMES 3G ESPALHADAS PELO BRASIL. OURO PRETO, BELÉM, SÃO PAULO. QUEM ACHAR GANHA UM BRINDE SIMPLEMENTE SHOW DE BOLA A IMORTALIDADE PRÁTICA + O RUÍDO GORDO DO PASSADO.

— Que viagem da porra. Será que é pra gente? Ou é as coisas dele, normal?

— Nem imagino. Eita, olha ali. Apareceu uma cratera enorme.

— Hein?

Renatinha apontou para um dos monitores, que mostrava o servidor principal onde estava ocorrendo a batalha da criatura com milhares de jogadores.

— Ali, ó.

— Eita. E agora?

O avatar de Paraíba Blade chega caminhando no meio da massa de jogadores e pula, sozinho, bem no meio na cratera.

O celular de Renatinha e Gabriel piscam juntos e os dois podem ver a barra de notificação na tela dela. Um email de Evandro. Gabriel tira o seu do bolso dianteiro da calça e confirma que recebeu também.

Eles se entreolham só por um instante antes de abrir o e-mail e começar a ler com olhos igualmente frenéticos. O email é comprido, mas ambos logo apanham o principal, Renatinha vai puxando a camisa de Gabriel aos poucos enquanto entende, ele começa a praguejar de uma maneira excitada. Evandro dizia que não retornaria mais e entregava desde já o controle do jogo a eles dois. Com algumas condições.”

48.

Eu vi que tinha um evento no Facebook marcado pro domingo seguinte com a aparição confirmada de muitos conhecidos e amigos. Demorei um pouco pra entender do que se tratava. A ideia era ocupar a passarela subterrânea da 7 Norte (que como todas as passarelas do Plano era meio abandonada à noite, com um cheiro entranhado de mijó) no começo da tarde, juntando gente pra tocar música, fazer piquenique, tomar cerveja e “envelopar” a passarela, o que significava afixar um papel de parede que eles mesmos faziam, entusiastas de coisas bonitas que eram (a maioria estudantes de design e artes plásticas).

O evento havia sido marcado para coincidir com um outro, um encontro mediado por uma rede social de fotografia, já longe do seu breve auge, e que ocorreria no mesmo dia em mais doze cidades pelo mundo todo, patrocinado por uma marca austríaca antiga de câmeras analógicas que não era vendida no Brasil.

Eu tinha um pouco de vergonha de chegar sem mais ninguém pra um troço desses, sabendo que estaria cheio de gente mais jovem e descolada do que eu. Mas tinha tempo que não encontrava amigo nenhum, e decidi arriscar. Nada como um almoço dominical de família para me tirar de casa.

Estaciono na 207 Norte e caminho até a passarela. Não há tanta gente ali, no máximo umas cinquenta pessoas meio dispersas. Algumas poucas tocando violão, a maioria simplesmente em pé conversando. Há pais com crianças, mas a maioria parece de idade universitária. Eu fico por perto de onde tem mais gente, onde estão molhando os papéis na cola e colocando na parede um do lado do outro. São quase todas meninas, muitas delas bem bonitas, novinhas de tudo.

O padrão que estão colando na parede é abstrato e tem um ar moderninho, mas poderia estar numa cozinha dos anos cinquenta. Um menino alto e desconjuntado é requisitado pra colocar os papéis mais perto do teto, mas ele do nada começa a falar que está muito chapado e não se sente com competência pra fazer aquilo, sumindo em direção às árvores num passo decidido rumo a sei lá o quê. As meninas riem desse comportamento como se fosse razoavelmente previsível, eu imagino o menino alto e desconjuntado se comportando daquela maneira repetidas vezes ao longo da vida dele

Só quando chego do outro lado da passarela é que encontro a pequena multidão de pessoas com celulares e câmeras na mão tirando fotos. São pelo menos umas trinta pessoas, bem mais do que as congregadas pra colar o papel de parede. Entre elas está a Paola, a menina sem amigos que se veste como se tivesse nos anos 20. Eles tentam tirar fotos dos pequenos grupos de pessoas que não estão com câmera nenhuma, que estão apenas sentados tocando violão, olhando pro céu com óculos escuros desnecessários e comendo frutinhas que trouxeram em caixas de sorvete. Mas como a maioria das pessoas está com câmera, analógica ou do celular, eles começam a tirar fotos de quem também está tirando fotos, achando muita graça disso. Ainda assim você podia ver as pessoas tentando de alguma forma capturar uma imagem delas mesmas junto do papel de parede e do grupo de meninas bonitas colando o papel de parede. Eu ouço um moleque cabeludo sem camisa falar várias vezes que tem mais gente ali pra capturar e reproduzir o evento do que gente pra efetivamente produzir o evento espontâneo, jovem, criativo e bonito que eles querem capturar, o que talvez fosse um paradoxo de algum tipo. Ele testa a conclusão num círculo diferente a cada dois minutos, com resultados variados.

Eu sentei debaixo de uma árvore ali perto numa cadeira de praia que alguém havia trazido e abandonado. O meu plano era abandoná-la assim que alguém se aproximasse e fizesse alguma menção de reclamar sua propriedade. Eu assistia a cena toda com alguma distância, enquadrando-a com cuidado (um primeiro plano de fotógrafos ansiosos e inquietos e uma continuação escura ao longo do túnel da passarela com meninas colando papel de parede), como se estivesse no limite entre participar do que se passava ou não.

Parruque, o menino cujo corpo parecia uma batata e que falava mais grosso do que um trovão, chegou me cumprimentando (com um nome que não era o meu) e oferecendo um beque para qualquer um que estivesse por perto. Eu neguei com a mesma gentileza oferecida, mas ele já estava interagindo com outra pessoa antes de me ouvir responder.

Minha atenção vagava entre as pessoas e as conversas que eu conseguia escutar. Um moleque alto e bigodudo, de camisa de seda brilhosa e estilosa, espalhafatoso de uma maneira maravilhosa, estava tendo uma discussão com uma menina francesa que trabalhava na Embaixada, a irritação dele parecendo às vezes exagerada e de mentira, às vezes profundamente sentida. Chego a fechar os olhos pra escutar com mais distinção, e pra melhor disfar-

çar que estou escutando.

Ele fazia graça do evento diante dele, dizendo que a marca austríaca de câmeras analógicas havia criado aquela atividade promocional em cidades europeias onde suas câmeras estavam à venda e que entusiastas brasileiros haviam adicionado aquelas extensões nacionais do evento por conta própria (não à toa em Brasília e em Belo Horizonte, capitais mais provincianas, segundo ele), sem apoio nenhum. Todo mundo que ficava usando a hashtag promocional ali estava promovendo digitalmente, de graça, uma marca que nem era vendida por aqui, que alguns poucos ali empunhavam como índices de suas viagens regulares à Europa. O homem bigodudo achava muita graça nisso, dizia que era colonizado demais, mas de um jeito quase fofo. Era quase um desespero para participar de algo que achavam chique.

A francesa discordava, com um sotaque fofo, dizia que não havia nada demais em querer tomar parte de um evento internacional, mesmo que corporativo, e que pelo menos estavam contribuindo para deixar a cidade um pouco mais bonita.

Do lado dessa conversa, duas amigas mais novas estavam falando sobre o arrefecimento dos protestos e o sequestro reacionários das ruas. Estavam desanimadas com o fato de que no último protesto na Esplanada só tinham visto monarquistas e gente pedindo intervenção militar. E com o fato de que era mais fácil trazer gente pra esse tipo de festinha do que pra qualquer ato político.

Eu abri os olhos e vi Bia e Eloísa chegando de longe de bicicleta. Não via as duas juntas há muito tempo. Elas pararam as bicicletas perto de um menino que eu não conhecia e ficaram conversando com ele um tempinho. Eu tento acenar, mas elas não percebem, ou fingem não perceber.

Parecia que as pessoas do meu círculo haviam se distanciado um pouco desde a morte do Fernando. Era possível que isso não tivesse acontecido, que o que tinha enfraquecido ou desaparecido eram apenas as manifestações que chegavam até mim. Talvez continuassem se encontrando frequentemente, se falando sempre, apenas indo a lugares diferentes e não usando seus perfis públicos para se comunicar entre si. O grupo que eu acompanhei por tantos anos havia murchado e eu não sabia ainda o motivo, além do óbvio. Perco de vista as duas, volto a fechar os olhos.

Percebo que estive dormindo na cadeira um tempo. Não sei dizer se dois

minutos ou dez. Não estava conseguindo dormir bem em casa. Eu vejo que é a Juliana de costas falando com um grupo de gringos e que ela tá com o filho dela de pouco meses no colo. Eu nunca havia encontrado o bebê pessoalmente, embora tivesse visto muitas, muitas fotos, e já fosse um coadjuvante regular nos meus sonhos e pesadelos.

Penso em coisas pra falar, formas de me aproximar dela. As cinco primeiras coisas que eu penso em dizer parecem igualmente tolas, forçadas. Fico mexendo no celular, só para ter onde depositar minha atenção.

O Eixão ainda está fechado por ser domingo, então pessoas passando de bicicleta ou correndo por perto às vezes descem pra entender o que se passa ali.

Logo anoitece, o Eixão é reaberto e os carros começam a passar rapidamente por cima de nossas cabeças. O evento vai esvaziando, mas eu continuo ali com as costas reclinadas e a atenção vagando, esperando pela aparição de mais alguma figura. Por algum pequeno ou grande desenlace.

De repente, vejo uma figura estranha se aproximar pelas árvores. Um homem muito magro e moreno com cabelo cacheado comprido chega de sunga, segurando um cartaz escrito DOZE PASSOS PARA UMA ECOLOGIA DA MENTE. Algumas pessoas seguem, rindo muito do que ele diz. Está um pouco longe, não consigo ouvir o que ele tá gritando. Pode ser um palhaço ou uma performance mais séria, mas não me interessa o bastante para ir até lá e desistir da minha cadeira. É quando eu ouço uma voz familiar por trás:

— Vesh, hein, não acredito. Quanto tempo, criatura. Achei que cê tinha sumido de vez.

— Ê, Ju. Pois é, tempo demais.

A gente se abraça com força. Tava com tanta saudade que acho que exagerei no abraço, mas ela não comenta nada.

— Fala oi, meu amor, fala. O ‘oi’ dele é uma bolha de baba, hoje em dia.

Só aí que eu olho para o cesto na bicicleta onde está o seu filho de poucos meses, Caetano, com seus olhos enormes virados pra mim sem focar exatamente, a baba empoçando no canto da boca. Eu tento ver traços do Fernando nele, mas ele só tem a cara genérica e amassada de quem ainda tá se desembrulhando. Bebês, pra mim, são coisas estranhíssimas.

— Ô fofura, ô meu deuso.

Ele continua indiferente, como se eu fosse uma massa qualquer de cor e som. Eu fico feliz de ver que Juliana quer conversar de fato, não só me cumprimentar, fica ali do meu lado ironizando o evento e as pessoas todas e a performance que tava rolando do outro lado. Eu rio muito e tento complementar as gracinhas dela, sem muito sucesso. Fazemos perguntas prosaicas sobre o cotidiano, aquela coisa bem genérica. Do nada me lembro de uma coisa que eu queria perguntar há muito tempo, e percebo que aquela talvez seja a única oportunidade em um bom tempo.

—Ju, vem cá, outro dia assim do nada eu lembrei de um negócio.

—Anh. Diga.

—Lembra uma vez que eu encontrei tu e Bia ali no árabe.

Ela não esboçou nenhum reconhecimento.

—Pouco antes do Fernando...

—Ah, sei. Acho que sei, sim. Que que tem?

O rosto dela de repente mudou, um pouco incomodada.

—Na época vocês falaram que iam me contar melhor, mas nem contaram. Sei lá, eu entendi que tinha a ver com o Fernando, e depois do que rolou...

Ela me interrompe.

—Foi uma garota lá. Doida. Doida não, coitada. Mas meio difícil, ela. Eu nem lembro o nome, puts, vou ver com a Bia que a Bia é boa com nome. Mas foi todo um troço, essa história.

—Mal perguntar do nada, nada a ver também. É que essa história do Fernando me deixou tão sem entender nada. A gente acaba se agarrando numas coisas.

—Que isso, normal, claro. Entendo demais a curiosidade. Mal a descrição toda, também, porra, a Eloísa era tão doida com essas histórias que a Bia ficava noiadaça de mais alguém saber. Essa história, quero dizer. Mas hoje em dia foda-se, né? Qualquer estrago que era pra estragar já estragou, já, não faz nem diferença.

— ...

Eu fico sem falar nada, esperando que ela continue.

—O Fernando era todo complicado, né? Ele sempre se engraçou com mui-

ta gente na internet, assim.

— Se engraçou como, cê diz?

— Ah, meu bem. De sempre conhecer muita gente, se aproximar de qualquer um na internet que ele achasse interessante. Interessante aí com aspas. Naturalmente. Daí ele conheceu essa menina. Ela a princípio nem morava em Brasília, acho, o que talvez tornasse mais fácil ele ficar jogando os caôs de todo tipo sem se preocupar tanto. Mas aí a menina do nada mudou pra cá e começou a querer encontrar ele. A treta engrossou, a Eloísa descobriu. Enfim.

Entre quase toda frase a Juliana demorava um pouco, olhava longe e parecia remoer alguma coisa na cabeça, eu não entendia se só se esforçando pra lembrar ou se tentando medir o que podia contar pra mim e o que não podia.

— Eles se pegaram de fato poucas vezes, que eu saiba. A Eloísa me falou que o Fernando falou que ele mal curtia a mina, na real. Digo, gostava como amiga, mas não tinha atração física nenhuma por ela. Que ele só teria comido ela um dia bêbado, meio que por pena. Enfim. Achei meio comédia também o jeito que a Elô me falou isso. Sei lá. Insistiu tanto. Parecia que ela mesma não acreditava. Enfim, a Bia sabe muito mais dessa história que eu. Eu parei de acompanhar uma hora porque tudo tem limite, né? Vou ficar cuidando da vida de marmanjo até hoje? O caralho. Já me basta o miudinho aqui.

Eu concordei. O filho dela começou a chorar, de repente, ela puxou ele pro colo e falou que tinha que ir. Eu voltei pro meu carro sentindo que ir pra lá tinha sido desagradável, mas o dia não tinha sido perdido. De jeito nenhum.

49.

Chegando em casa, vi que tinha um post novo no outro blog, que eu encontrei com o nome todoynada, e que eu associava com a tal da garota misteriosa (que eu vi num encontro com Bia e Ju no restaurante árabe).

“22/10/2011

— Cê tá louco. bem melhor morrer. Imagina ficar vivo pra sempre. que merda. Imagina o tédio depois de tipo mil anos. Depois cem mil.

— Claro que não. quanto mais cê vive mais rápido passa.

— Muito melhor morrer logo. vai uma vez e foi. se céu existisse seria insuportável.

— Daí não seria céu, né, idiota? por definição, assim. então ainda não existiria.

— Idiota é teu cu. No céu não tem como ter manga nem sexo. Todo corpo morre e apodrece.

— Mas se você for tomar a palavra de alguns teólogos, no céu tem a melhor manga do mundo e a melhor trepada do mundo.

— Com quem? com Deus?

— Não tava nem pensando nisso. Mas imagina transar com Deus. Caraca. É tipo transar com todos os corpos ao mesmo tempo.

— Mas então se são todos eu tou transando também com o Serra, com o Jader Barbalho.

— Eu tava pensando mais assim na Taís Araújo e na Monica Bellucci. Mas cada um com suas pira.

— O Tony Ramos e o Delfim Neto. O ACM e o Latino. Ou um ser que é uma combinação mutante de todos esses juntos, mais o Edir Macedo e o Roberto Marinho.

Saiu um estouro agudo de riso do canto, que logo se conteve.

— Quem taí?, a menina gritou.

— Renato? O menino perguntou, levantando, segurando uma toalha na altura da cintura.

— Sou eu não.

O rosto parcialmente coberto por uma samambaia.

(*)

Renato ficou com medo dos irmãos se afastarem depois dele ter bisbilhotado daquele jeito, mas o que aconteceu foi o contrário. Cada vez mais foram chamando ele pra ficar com eles no quarto de cima da lanhouse ou só deixavam a porta aberta, e não pareciam se incomodar quando ele espreitava e, depois de umas horas sentado num canto, tímido, em uma das cadeiras de plástico, ia se alongando no sofá ou na rede.

E a intimidade dos dois era uma coisa bonita e estranha de se presenciar. Ela ficava o dia inteiro mexendo em computador, soldando coisa, montando computadores tunados encomendados para a empresa do Dennis (que pega uma comissão fazendo merda nenhuma, ela reclamava, com o Emerson emendando sempre que “sem ele nunca teriam esse lugar nem arranjariam cliente”). O que ela tinha de revoltada e descabelada, ele tinha de razoável e asseado.

Quando não estava ajudando ela a trabalhar, ou cozinhando, Emerson ficava lendo e vendo coisa no computador o dia todo. E do nada gritando para a casa fatos impressionantes que havia descoberto, chamando ela pra ver uma foto de um bicho estranho ou de um códice maia. Os dois ouvindo geralmente uns metal e punk raivoso e uns trem muito mais doido e ruidoso do que os trem doido e ruidoso que Renato já curtia na época. Sepultura, Fugazi, Nação Zumbi.

Às vezes iam com o Dennis beber no Encouraçado Botequinho, mas geralmente ficavam por lá mesmo ou, nos finais de semana, faziam churrasco na casa do Dennis (antes de Emerson virar vegetariano, e depois vegano).

Ele fumava cigarro o dia todo, hábito aprendido da mãe, ela fumava palheiro e beque com o Renato de noite. A qualquer momento podia acontecer de um dos dois do nada deixar o que estava fazendo, sair correndo e engatar no corpo do outro com uma voracidade violenta por alguns minutos. Dependendo da animação e de onde estivessem às vezes a coisa virava uma espécie de luta esportiva que só não era ainda tecnicamente sexo por muito pouco (que eles reservavam pra antes de dormir e depois de acordar). Com mordidas aumentando de força. Ela o dominava e ficava por cima e ele virava e ficava por cima dela, os dois iam rolando pelo chão como um único bicho recém-

-nascido aprendendo a andar. Isso aconteceu pela primeira vez com Renato presente depois de um mês que ele tava lá e depois passou a acontecer pelo menos umas três vezes ao longo do dia. Era como se o estado natural daqueles dois corpos fosse de ficar grudados um no outro e isso só se interrompesse por exaustão saturada depois de explosão ou intervenção externa.

Nunca Renato foi convidado a participar, embora quisesse. Já era bonito demais de ver de longe. A primeira vez que eles começaram a transar sabendo que Renato tava ali a três metros de distância (deitado lendo Apuleio), ele só botou o livro no peito, virou o rosto pra melhor enquadrar a cena, botou a mão no pau. Os dois transavam com um tesão desenfreado e energético que fez Renato se sentir velho, do alto de seus vinte e quatro anos. E não tinha nada daquelas caras e taras que Renato via nas pessoas transando geralmente, que todo mundo imita dos filmes. Ou até tinha, sim, e ele é que tava apaixonado demais pelos dois. Emerson tinha lá seus grunhidos que vinham como se contidos, como se tivessem saindo só porque não dava mesmo para aguentar, ela fazia o tempo inteiro uns barulhos que não pareciam de gente. Não é que fosse limpinho ou que não fosse agressivo. É que eles se mexiam do jeito deles, se comiam de um jeito que ninguém tinha ensinado, furioso e calmo, lento e rápido, como se tivessem ali inventando o sexo do zero, refundando o fogo sem tomá-lo de ninguém.”

50.

Aquele post me deixou com uma curiosidade quase insuportável. Sem nem pensar exatamente no que eu estava fazendo, liguei o computador e mandei um e-mail para o endereço que eu tinha encontrado tempos atrás.

Para: todoynada@gmail.com

“Olá,

Você talvez me ache uma pessoa doida de chegar assim do nada, mas você era amiga do Fernando, não era? O que faleceu. Queria conversar sobre umas coisas dele e queria saber se você poderia me encontrar.”

Mandei e recebi uma resposta cinco minutos depois com o endereço dum café em Águas Claras e a descrição meticulosa de como chegar lá a partir do metrô, dizendo que estaria lá daqui a uma hora.

Quando cheguei ela já tava sentada no canto do café, com um caderno escolar amarelo na mesa e um expresso pela metade. Gorda e com a cabeça raspada, casaco de moletom cinza, a expressão séria e inteligente, com um sorriso irônico já plantado desde antes de entrar no recinto. Parecia ter uns quarenta anos. Olhos puxados de leve, a pele parecia que não via muito sol, mas não era de todo pálida.

Não conseguia dizer com certeza se era a garota que eu tinha visto com a Juliana e a Bia, mas podia muito bem ser. Devia ser. A gente se apresentou sem falar nada, só acenando com a cabeça, ela franzindo a boca numa mesura que me pareceu, não sei por que, japonesa. Ela que começou a falar:

—Você conhecia o Fernando?

— Sim. Você também, né?

Ela não respondeu, exatamente. Ficou remexendo os lábios e me olhando de cima a baixo.

— Eu entrei em contato só pra conversar mesmo, nada mais. Tou tendo dificuldade de entender a morte dele até hoje, sei lá. Eu sei que ele tava num momento difícil ali logo antes, né? Muita coisa na cabeça, muita treta acumulada, mas...

— Que treta?, ela perguntou de um jeito ríspido, sorrindo.

Isso fui eu tentando jogar verde. Nunca tive muita habilidade pra mentir.

— Ele não me contava tudo, né? Mas eu sei que ele tava tenso com algumas coisas, tinha me falado um negócio duma gravidez.

Ela sorriu, agora olhando pros lados, como se esperasse a chegada de uma terceira pessoa.

— Ele te falou isso? Olha, se você tá achando que tem qualquer relação entre uma coisa e outra, não tem, viu?

Eu não falei nada. Ela parecia que queria desembuchar sozinha.

— Eu menti pra ele. Eu não tava grávida. Eu falei isso só de raiva, mesmo. Na real atrasei dois, três dias e fiquei querendo deixar ele noiado. Mas ele não ficou. Tava cagando. Sabe avestruz com a cabeça na areia? Fingiu que não era com ele. Aí eu continuei pra ver no que dava. Pra ver até onde ia o rombo do arrombado.

Foi aí que eu percebi, num remexo da sua expressão, que ela se parecia de leve comigo, de uma maneira que me causou um estranhamento enorme. À exceção do cabelo, era impressionante. Não tenho costume de lidar com gente que se parece fisicamente comigo. Comecei a achar muito incômodo encará-la de frente.

— Vamo ali fora rapidinho preu fumar um cigarro?

Lá fora, já fumando um cigarro que ela mesma tinha bolado na mesa antes com muita presteza, ela falou, ainda sem olhar pra mim direito:

— Enfim, a gente teve um negócio. Mas ele perdeu o interesse rapidinho, e eu sou casada, né, embora na real seja um casamento mais que fajuto, não vale nem entrar nisso.

Ela ficou calada enquanto tragava do cigarro e me olhava. Pensei em falar algo, mas não consegui pensar em nada.

— Engraçado falar assim contigo sem nem te conhecer, mas eu não conversei com ninguém sobre a morte dele desde que rolou. É estranho. Não conheço ninguém que conhece ele. Demorei dias pra descobrir, inclusive. Descobri botando o nome dele no Google. Apareceu a notícia do enterro.

— Entendo total. Mas vem cá, aqueles blogs todos, cê acha que ele deixou alguma pista em algum?

— Pista? Como pista?

— Sei lá, se ele escreveu alguma coisa que pudesse ter a ver com o que aconteceu. Uma carta de despedida. Acho estranho que não tivesse nada.

— Eu nem sei se eu sei que blog cê tá falando.

— Não sabe? Aqueles que tem toda uma história dum jogo. Cabuloso On-line.

Ao ouvir isso a cara dela se acendeu. Brotou um sorriso no canto da boca dela que não tinha aparecido ainda e que era muito simpático.

— Ah, isso aí. Que que tem?

— Cê sabe qual é, então?

— Sei demais. Ele me mostrou essa história que ele tava escrevendo meses atrás, tava todo animado, ia ser um negócio enorme, meio épico, um zilhão de personagens, não sei o quê. Ia ter umas paradas que iam rolar ao vivo e a cores, como ele falava. Aí eu comecei a apontar umas coisas.

Aqui ela parou um pouco, como se tentasse lembrar melhor de alguma coisa, ou decidir exatamente como contá-la.

— Ele primeiro pareceu achar ruim, assim. De eu ficar criticando. Orgulhoso que só a porra. E inseguro demais, demais. Mas tinha uns negócios de índio na história que tavam muito ridículos, não dava, meu. Não dava mesmo.

— De índio?

— É. Eu entendo um pouco dessas coisas por causa do meu pai, que já se envolveu com isso. Trabalhou, mesmo. Uma época na FUNAI, outra no CIMI. Já fiquei uns dias em aldeia com ele e tal. Quando era molequinha. Daí fui cutucar um pouco e vi o tanto que o Fernando não sabia nada. Leu lá o Darcy Ribeiro e o Lévi-Strauss, sei lá, e viu um par de filme, mas não sabia porra nenhuma na verdade. Eu zoei ele um pouco e eu às vezes sou meio dura assim falando. Eu vi que ele foi ficando incomodado com o negócio.

— Incomodado como?

— Eu falei e nem dei nada, daí um tempo depois fui perguntar pra ele como andava o PROJETO. Porque ele falava assim, PROJETO, como se o negócio fosse seríssimo. E ele foi desconversando, desconversando, eu insisti e ele falou que ele tinha percebido que não tinha como fazer o que ele queria fazer. Que ele queria falar do Brasil e ele na real não tinha lugar pra falar das coisas

realmente cabulosas, que na real ele não sabia nada de nada. Não tinha lugar pra falar de porra nenhuma. Etc.

—Sei.

Aquilo era o Fernando purinho. Tanto a pretensão quanto a noia a respeito.

— Aí eu fiquei com pena, até. Porque a ideia era só mostrar pra ele umas coisas que tavam toscas, não queria que ele desistisse de escrever completamente. Tinha alguma graça lá o troço. Aí eu fui ajudar ele, dei umas ideias. E ele animou de novo.

— Foi?

— Foi, começou a usar tudo que eu mandava. Mesmo as ideia mais lombrada. Comecei a encher o cu do bagulho de ficção científica e ele achando ótimo. A gente ficou basicamente fazendo junto o negócio por um mês, antes da gente se estranhar.

— Com que que seu pai trabalha? Ou trabalhava? Pra você saber de índio. Antropólogo?

— Não te interessa. Mas eu morei no Mato Grosso e no Acre uma época, convivi muito. Vi umas coisas que você nem acredita. Mas eu não vou falar sobre isso com você.

— É você quem tá postando então essas últimas coisas, né?

— Não sei do que você tá falando.

Isso com um sorriso safado no canto da boca. Eu não conseguia minimamente ler aquela menina. O humor dela parecia flutuar muito, o tom dela combinava só às vezes com o que ela tava falando, e mesmo quando isso acontecia ainda só deixava que eu visse uma nesgazinha do que tava acontecendo ali dentro.

— É estranho. Não era tão próximo, mas juntando os relatos dos outros eu não consigo combinar com a pessoa que eu conhecia. Ele parecia ter uma capacidade enorme de curtir as coisas. E o retrato que fazem dele era de alguém vivendo numa situação insuportável.

— Sei porque que o povo fala isso. Ele conseguia passar essa impressão

muito bem, conseguia ser muito dramático. Mas aquele sofrimento todo ali, viu, sei não.

— Cê acha que ele exagerava?

— Não é nem que ele exagerava, é que não tinha nada lá dentro. Tinha muita máscara diferente, tinha uma voz pra cada situação, mas nada pra ele quietava, assim, nada tinha o mesmo valor por mais de dois ou três minutos. Eu nunca conheci uma pessoa mais falsa que ele, sabe? Nunca mesmo.

Ela parou de falar. Eu não quis concordar nem discordar porque queria que ela continuasse falando exatamente daquele jeito.

— E digo falso porque é assim que ele mesmo entendia, não tou julgando ele moralmente, sou a última pessoa a fazer isso com qualquer um. Yo la peor de todas. Acho que dizer que uma pessoa é ruim tem o mesmo conteúdo de dizer que ela tem mau gosto, ninguém escolhe de fato essas coisas. Todo mundo quebra, dependendo do barro e do jeito que te queimaram. Mas todo mundo quebra. Tem gente que tem noventa versões e são todas verdadeiras. As dele eram todas de mentira. Ele montava todo um cenário pra todo mundo com quem ele lidava, só que aí cansava dele, ou esquecia, e nunca tinha nada além disso. Fingimento mal feito.

O rosto tava distante e intenso ao longo desse monólogo de filme. A última frase já veio numa carranca amargurada.

— Entendi. Acho que eu não cheguei a ter essa intimidade toda.

— Acho que é mais isso que tem a ver. Com ele se matar, digo.

— Como assim?

— Pra mim é como se ele não aguentasse mais gerir, sabe? As pessoas todas que ele era. As pose toda.

— ...

— Digo tanto as versões todas dele com as pessoas que ele conhecia e gostava quanto as que ele inventava na internet, sabe? Acho que eram abas demais, ele não aguentou. Mas isso por se importar de menos, não por se importar demais. Mais preguiça que desespero-desespero.

— Como assim?

— Deixa eu te dar um exemplo. Ele ficou super empolgado com um livro de ficção-científica que tava lendo ali logo antes da gente se afastar. A história

era de um cara que morria e deixava engatilhado uma série de algoritmos a serem disparados na hora da sua morte. Segundo ele, o livro era meio bobo, transformava a coisa num filme B de terror tecnológico. Mas ele ficou uma semana pirando em como ele poderia fazer algo parecido no futuro, deixar toda uma série de pegadinhas armadas quando ele morresse, que fossem uma desencadeando a outra. Tipo o Andy Kaufman levado a enésima potência.

— E você sabe se ele deixou alguma coisa assim armada?

— Não! Quer dizer, sei lá. Mas com certeza que não. Na semana seguinte eu perguntei e ele já desconversava, falava que tinha conversado com um amigo programador e que fazer algo parecido era mais complicado do que ele tinha imaginado de princípio. Meu ponto é que ele pulava de coisa em coisa sem se envolver, sem levar adiante. Ele era menos intenso do que ele gostaria, não mais.

— ...

— Geralmente quem se mata sem uma condição extrema e evidente ou é por depressão insuportável ou é um jeito esquisito de comunicar alguma coisa que tem que sair. Eu falo porque eu sei. E ele não sentia dor nenhuma. Não de verdade. Eu sei. Exceto talvez a dor de não sentir dor nenhuma, rá, mas isso tu distrai com arte e droga, sexo e tal. E ele gostava muito dos três, até onde eu sei.

— Ele queria comunicar o quê, então?

— Ele mesmo, né?

— Como assim?

— Rebentar no chão não deixa de ser uma maneira bem dramática de se expressar. Convenhamos.

51.

Já tinha um post novo assim que eu cheguei em casa. Achei difícil não tomar como um gesto direcionado a mim.

“Depoimento tomado no Posto de Saúde de Goiatins, TO, agosto de 2014

— Lembro demais. Tin-tin por tin-tin, meu filho. Foi o dia mais esquisito da minha vida. Tem vinte e tantos anos já. Acho que foi em Oito-oito? Oito-meia? Tempo demais. Mas não tem como esquecer. A menina chegou no posto gritando que ia parir, que ia parir e que tinha que ser lá. Quem tinha que estar de plantão ali não era o Jadson, era o filho dele, o Miguel. Miguel quando novinho era um sem-vergonha, hoje que ele não tá mais aqui eu posso dizer, só fazia beber e encoxar as enfermeira. Foram chamar ele lá na casa dele, aqui pertinho, e claro que ele tava bêbado. Devia ser onze horas, meia-noite, isso. Ele de plantão, né, mas e daí? Bebe do mesmo jeito, chegava atrasado. Foi reclamando, mas foi, foi a gente, eu mais ele.

— ...

— Chegamo lá a menina tava guinchando, coitada. Aí vai e pronto, depois duma cesariana muito apressada, muito feita nas coxa, ele foi e tirou a menina roxinha-roxinha, fechou a mulher igual a cara dele e me deixou lá com a Elisângela pra cuidar dos dois. Foi lá e se fechou no banheiro pra vomitar e lavar a cara. A gente já tava era acostumada. Pois bem.

— ...

— Tou contando. Aí não é que a doida acorda quando tava escuro ainda e começa a gritar. A gente mostra a filha dela, tudo direitinho, fala que tá tudo bem, ela começa a perguntar cadê o filho, cadê o filho. A gente fala que não tem filho, tem filha, olha que linda, ela nem olhava, falava que a gente tava mentindo, tava mentindo, a cara desconfiada. Aí eu deixei a Elisanja descansar um pouco e fiquei eu lá com a menina. A gente vai ver meia hora depois e não é que a doida fugiu? E pela janela, só pode ter sido pela janela, que pela porta eu tinha visto. A janela era baixinha assim, dava na cintura. Mas não sei como, que ela não tava nem andando. Tinha acabado de parir e sai andando. Nunca vi falar disso. Trinta anos de enfermagem, cê acredita. Não vi antes nem depois. A gente viu e ficou doida de preocupação, né, avisamo a polícia e os padres que a gente tinha o telefone, mas não tinha como a gente sair

de lá também.

— Aí umas, não sei, duas horas depois, já era claro, aparece a outra doí-da. Uma americana, aquele cabelo loiro enorme armado, da época né, toda ombruda e magricelinha, parecendo passarinho, toda desesperada gritando num português que cê não entendia era coisa nenhuma. A gente só entendeu quando ela abriu a porta do carro e a gente viu a menina lá, coitada, toda esbagaçada. Ela mesma atropelou no breu do mato e levou lá. A gente tentou que tentou, mas não deu pra fazer nada, já tava toda sangrando por de dentro. Bichinha. Mas aí já tava o seu Jadson e não deu dez minutos dele com ela ali pra cara dele ficar branca. Ele sabia que o Miguel tinha feito parto dela antes dela fugir, que a gente explicou. Fui eu que demorei pra entender quando vi ele tirando os pontos da cesariana com pressa, meio rasgando mesmo, e só fui entender mesmo quando vi ele tirar outro bebê lá de dentro, um menino ainda mais roxo, tadinho, todo amassado, quase morto.

— Enquanto a gente tava lá liga um padre falando que tava com o pai da mãe lá perguntando que história é essa de grávida fugida, que não sei o quê. Elisângela falou só da menina, que ela nem sabia do menino ainda e falou que a mãe tinha chegado atropelada. Eles falaram que tavam vindo. Pois pronto.

— ...

— Aí foi a americana lá com o seu Jadson. A princípio eu não achei correto, não. Ela ficava falando que os índio iam matar o bebê, que índio não gosta de gêmeo. Gritando, né, aquela taquara rachada, aquela coisa toda. Seu Jadson fez uma cara triste, não falava nada. Acho que nem acreditou nem desacreditou, ele não queria era admitir que o Miguel tinha deixado de ver um bebê inteiro dentro da mulher. Onde já se viu? Eu nunca tinha visto isso não. E eu nunca vi nada igual depois. Já tou aposentada, agora posso contar, né? Vão fazer o quê? Achei o negócio muito mal explicado. Só sei que quando chego o povo lá da aldeia com o padre eles foram embora só com a menina e com o cadáver da mãe. O menino eu nunca mais vi nem ouvi falar. Eu tenho pra mim que foi a americana que levou. Pois pronto.”

52.

A conversa com a tal da Natasha me deixou com um nó na cabeça . Mas não sabia mais o que fazer. O assunto continuava pulsando como uma enxaqueca, eu continuava lendo as atualizações dos blogs já sem interesse na história, só com raiva, mesmo, de como aquilo continuava despirocando pra umas direções tão aleatórias. Foda-se aquela merda, eu pensava. E no dia seguinte abria de novo os endereços, começava a ler um post novo sem nem conseguir terminar.

As coisas em casa foram piorando, meus pais cada vez mais reclamando de eu continuar morando lá e de não trabalhar, nunca contribuir com grana pra casa. Começaram a voltar a falar que um tio podia me arranjar emprego em São Paulo. Eu só concordava com a cabeça.

A Bia e o Adriano terminaram e eu demorei um pouco pra descobrir. Eles sempre foram discretos com essas coisas. Descobri só quando teve um lançamento de uma revista online que a Bia começou a editar junto com três amigas, sobre política e ecologia com uma pegada feminista. Isso já no início de 2015. Quem bancava os custos básicos da revista era uma delas, Tâmara, que era concursada do STJ. Bia era a editora junto de uma garota chamada Hemily, uma ativista do Paranoá que escrevia sobre lixo e tinha feito um vídeo satírico e informativo incrível sobre o lixão da Estrutural.

A mais velha do grupo, Patrícia, era professora de antropologia da UnB e servia como a figura acadêmica de autoridade pra ajudar nos trâmites institucionais para transformar a revista em algo mais oficial e acadêmico.

Embora não tivesse nenhum objeto físico a ser lançado, fizeram um evento de lançamento num café no início da Asa Norte. Eu cheguei tarde e só peguei o final da fala da Bia e da Hemily sobre a crise hídrica e a destruição do Cerrado nos últimos anos. Foi quando eu percebi que o Adriano não tava lá.

A Bia tava falando com muita desenvoltura sobre a necessidade de imaginar outras formas de viver em comunidade. Eu tentava acompanhar e fazer uma cara inteligente, mas tava também procurando gente conhecida com os olhos ali em volta. De umas trinta pessoas eu conhecia a metade, mas só a Juliana era mais próxima e ela tava ocupada com gente que eu não conhecia.

Fui cumprimentar a Bia depois da fala, ela assinando uns guardanapos

que duas meninas novinhas deram pra ela de piada (“já que não tem revista pra assinar assina aqui, ô”). Esperei que ela fosse só beijar minha bochecha e agradecer a presença, mas ela fez uma cara de quem tava quase esperando me ver, puxou minha camisa de leve e falou olhando bem firme:

— A gente tem que conversar. Vou te mandar um email.

Achei estranhíssimo, mas agi como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Antes de sair de casa eu tinha lido parte do primeiro texto da Bia para a revista, que falava da crise ambiental e da relação da expansão da cadeia de consumo e destruição com neuroses masculinas de dominação e território. O texto era engraçado e muito bem escrito, fluido e informal, mas também muito denso. Eu senti uma pontada de orgulho pela minha amiga e notei que ela nunca tinha se colocado antes de maneira tão direta por trás de um texto. Não que eu soubesse. Até então escrevia em fórum, em blogs de nome esquisito, em caixa de comentário alheia. Mas ali tava ela assinando um texto sério e bem pesquisado, botando a cara e as ideias pra jogo.

Pensei na morte do Fernando e em como ela parecia ter botado algumas coisas em movimento. Tem morte que solta mais do que prende, mas é claro que isso não descrevia, nem de longe, a minha situação.

53.

O e-mail da Bia marcou o encontro pra três dias depois, na UnB, no Café com Letras, do lado da livraria da editora da universidade. Tive que ir de ônibus, saí super cedo pra não atrasar, sem ter tomado café direito, acabei chegando vinte minutos antes. Comprei uma água e um brigadeiro no café, porque senti minha cabeça latejando, pelo sol que fazia, a fome e a sede que eu tava. Enquanto sentava na cadeira metálica soldada no chão sentia a consciência já vagando de pressão-baixa, um borrão preto chegando a se formar na minha vista, um pouco como o rombo de filme que se autodevora numa projeção quando queima (que eu vi acontecer uma só vez, no Cine Karim, e que achei mais memorável do que o filme que estávamos vendo, “Uma Babá Quase Perfeita”). Lembrei também, por um instante, da única vez na vida em que eu desmaiei, durante uma viagem de família para Barbacena, num carro quente e cheio, abafado como o suvaco do capeta (com a janela de trás emperrada e quatro pessoas no banco de trás). Estava com uma sede danada desde que o carro saiu do posto na saída da cidade e a timidez não me permitiu pedir por água, até que todas garrafas se acabaram. A cabeça e a garganta doeram por muito tempo até que a visão ficou preta e a cabeça tombou pra trás. Só fui acordar com um tapa de um primo e os gritos do carro todo. Mais bravos do que aliviados com minha recuperação dos sentidos. Eu não queria que aquilo se repetisse ali. Mastiguei o brigadeiro dulcíssimo com a boca seca e quebradiça, a cabeça um bestiário. A água veio tão gelada que fez doer minha cabeça, mas também quebrou a saturação do doce e deu uma assentada na minha vista. Eu percebi que meu corpo tava reteso de uma expectativa tremenda e eu tentei fazer ele relaxar, imitando as instruções de um vídeo de meditação que vi um tempo atrás. Não deu muito certo.

Quando Bia chegou nem me cumprimentou direito, além de um gesto discreto à distância, só fez um sorrisinho seco com a boca e já se emendou a falar.

— Olha, meu bem. Só pra deixar algo claro desde o início, assim. Eu não falo dessa história com ninguém, sabe? Ninguém. Então só posso te falar se você prometer que não vai falar nada disso pra ninguém. Eu marquei isso exatamente porque eu confio em você.

— Claro. Lógico.

Fiz um zíper na minha boca, o que na hora mesmo me pareceu um gesto exagerado, meio que animado demais.

— E valeu, assim. Valeu mesmo.

— Imagina. Eu já tinha notado que isso tava te angustiando muito, lembro de você perguntando várias vezes como que ele faz algo assim sem nem explicar, sem textão. E ouvi de uma galera que você tava indo atrás de tudo que conseguia encontrar. Eu entendo total. Pra quem conhecia ele mais ou menos bem tipo tu deve ser bem esquisito mesmo.

Eu não entendi se esse “mais ou menos” queria dizer alguém que tinha proximidade com ele ou se queria dizer o oposto, mas fiquei na minha.

— Na real por isso que queria falar contigo. Disso de não fazer sentido nenhum, do momento que ele fez e tudo. Tem algo que cê não sabe.

Ela tava com a unha refazendo os traços da estampa da bolsa. Parecia antecipar a graça de me contar, ao mesmo tempo que aparentava denunciar enfado de ter que explicar algo óbvio a uma pessoa sem noção e perda nessa história.

— Tinha uma menina chantageando o Fernando. Ameaçando, sei lá. Não sei qual o termo, mas esses dois me parecem errados. Duvido que fosse uma coisa assim planejada, calculada, também. Ela não era uma vilã de novela, tadinha.

— Ahm. Boto fé. Aquela menina que cês encontraram no Shisha uma vez?

Eu perguntei isso meio bruscamente, num estalo, como quem encaixa uma peça num quebra-cabeça. A Bia fez uma cara de quem estranhou a lembrança.

— Engraçado cê lembrar disso. Na verdade, quando a gente foi falar com essa menina a gente achou que era ela. Mas não era. As ameaças eram anônimas. E rolaram por um tempão sendo anônimas até que o Fernando foi contar pra mim. Surtando. Surtando.

Ela negaceia com a cabeça, olhando pra longe. Uma cara de quem tava lembrando de algo bem agudo.

— Mas era uma outra garota, uma que eu nem conhecia. Bem mais nova.

Depois, rindo de canto de boca.

— Beeem mais nova.

— Uma loirinha?

Ela azedou com essa pergunta, nem respondeu.

— Ela chantageava ele com o quê?

— Olha, eu nunca entendi direito. Ela falava que ia revelar uma coisa, que ia botar alguma coisa horrível do Fernando pra todo mundo ver. Eu só li um dos e-mails que ela mandou. O Fernando falava que ela tava mentindo, que não tinha nada, não tinha como ter nada.

— Anram.

— Mas se não tinha como ter nada então por que que ele ficava dando faniquito com essa história? Por que que eu tive que ir lá interferir? Entende? Por isso eu admito que fui ficando mexida, também, com essa história.

— Ele te pediu pra interferir?

— Não exatamente, não é que ele pediu-pediu. A nossa relação tinha muita coisa não dita, assim. Além das bilhões de coisas que eram ditas. Mas enfim, eu conversei com a menina por telefone. Ela de fato era meio doida, não falava muito lé com cré. Mas parecia muito confiante que tinha alguma coisa pra mostrar que seria muito vergonhoso pro Fernando. De algum jeito.

— Mas por que que ela odiava ele?

— Ela disse que ele foi muito escroto com ela. E conhecendo o histórico, deve ter sido mesmo. Agora se foi o bastante pra justificar o tamanho do ódio dela, vai saber, né? Que ela já parecia ser meio doida de fábrica ela parecia, sim. O que por si só não quer dizer nada. Todo mundo que é novo desse tanto tem merda na cabeça.

— Verdade.

— Mas eu não consegui fazer ela falar nada. Ela me odiou de cara, também. Normal. Do jeito que eu cheguei, eu entendo.

— ...

— Enfim, ela disse que ia botar alguma coisa na internet. Alguma coisa do Fernando. Queria que ele terminasse com a Eloísa, acho, pelo menos no começo era isso. Ele ficou um tempo enrolando ela, falando que ia terminar, mas claro que não terminou. Meu chute é que ela ameaçou que ia fazer ali naquela noite mesmo e ele decidiu que não ia aguentar a cena. Ou que se ele morresse antes ela nem teria a coragem de postar. E eu sei que ela tava per-

dendo a paciência tinha um tempinho.

— Enfim. Desculpa se te desapontou um pouco. Não foi uma maldição do Pátio Brasil, ele não tava tentando fazer um sacrifício pra salvar a alma da juventude metaleira, ele não foi morto pela CIA nem pela ABIN. Foi só treta e nóia de moleque, mesmo. Bem de moleque. De macho imbecil. Enfim.

— Mas foi isso? Cê acha que ele se matou por isso?

— Não. Claro que não é simples assim, né? Nunca é. O motivo mesmo dele ter se matado já tava nele desde molequinho. A sementinha ali regada pelo Kurt Cobain e sei lá mais quem. Motivo pra morte ele tinha travado na goela. Mas acho que foi isso que, sei lá.

— Deu o empurrãozinho.

Eu falei sem perceber no lembrete que isso trazia da cena. Ela não registrou o que eu falei de jeito nenhum.

— Foi a desculpa.

Concordei gravemente com a cabeça.

— O Fernando tinha uma vergonha que cê não imagina. Do tamanho do ego dele. Ele era essa porra contraditória que queria ser um santo ao mesmo tempo que se sabia um cafajeste cretino. Tem gente que acha isso charmoso. Minha irmã achava o máximo. Eu parei de achar antes dos dezesseis, graças a deus. Embora eu ainda amasse muito ele. Ame. Enfim. Amar eu ainda amo, né? Mesmo ele morto. A desgraça é toda essa.

Ela pausa depois dessa frase, como se a tivesse surpreendido e como se aquela conclusão não fosse bem-vinda.

— Por muito tempo quis que ele terminasse com minha irmã, depois passei a achar que ela era crescidinha e já devia ter entendido com quem tava lidando há muito tempo. Cada um com seus drama. Tampouco quero ficar cuidando de marmanja.

— Total.

— Ele tinha umas pretensões, assim. Se você já teve com o Fernando muito bêbado e num esquema com pouca gente cê sabe que nos momentos mais, assim, vulneráveis, sei lá, ele achava que ia ser uma pessoa enorme, importante, de algum tipo. Artista, filósofo, até líder revolucionário. Risos. Negócio beem megalomaniaco assim. E vago. Os detalhes da consagração dele ain-

da estavam por se revelar, mas ele tava certo que ia fazer algo sinistro. E eu acreditei nele por um bom tempo. Muita gente acreditou. Antes dele ficar dez anos basicamente fumando maconha e comendo novinha com seu discurso de angustiado. Radical que mora com a mãe e não move uma porra nem pros outros nem pra ele mesmo. E acho que na hora ali ele já viu isso tudo morrendo. Ele foi um babaca machista por uns anos, ali no piloto automático, devia ter feito alguma merda grossa com essa menina e agora ia cristalizar essa imagem dele, pronto. Pra sempre. Ele sabia como essas coisas eram rápidas hoje em dia e era muito noiado com imagem. Muito.

— Era mesmo.

— Toda a coisa de não se exibir na internet não era por falta de vaidade, nunca foi. Isso é que geral não entende. Sempre foi por excesso, na real.

Total, eu pensei. Mas não falei nada. Lembrei do comentário do Tito.

— E aqueles blogs dele?

— Quais?

— Os que tinham uma história. Que ele tava postando ali logo antes de —

— Que que tem eles?

— Não sei, vi que apareceram coisas novas. Achei que pudesse ser você.

Nisso, ela me olhou de cima e baixo como quem avaliasse o valor de um produto e o achasse duvidoso.

— Aquilo é uma lombra antiga. Junto com uns amigos deles que eu não conhecia. Quando eles começaram, ele e aquele Renato lá, né? De Minas. Tava super animado, ia ser uma história coletiva com uns negócio meio gincana, meio sei lá.

— Gincana? Que Renato?

— Um amigo do Fernando. Uma época ele só falava nisso, mas eu nunca conheci. Morava em BH, eu acho.

— Esse Renato tava escrevendo junto com ele?

— Foi o que ele me falou. E que ia ter umas atividades, assim.

— Como assim? Umas performance?

Eu falei tentando botar ironia no meu tom, fazendo uma gingazinha com a cabeça, como já tinha visto alguns do grupo fazendo quando usavam

o termo. Mas ela nem deu sinal de reconhecer o gesto, ficou ainda como que procurando o jeito de explicar.

— Não exatamente. Eu acho que eles nem chegaram a fazer nada. Mas tinha uma coisa que eles iam anunciar na história e aí ia acontecer de verdade. Mas isso em BH, não era aqui. A ideia era que o povo lesse e fosse atrás do lugar e da hora e aí visse o negócio rolando. Que tivesse umas coisas espalhadas pela cidade, uns stencil, uns lambe-lambe chamando as pessoas, tal.

— Mas aí nem rolou?

— Que eu saiba não. O Fernando teve umas duas semanas que só falava nisso, que ia ser todo um negócio, que aquilo era só o começo. Aí tchuns, nunca mais falou, acho que não deu em nada. Como quase nunca dava, né, com ele. Mas tinha a ver com esse blog.

Ela pegou o celular e ficou mexendo nele, respondendo alguém e rindo do que a pessoa tinha falado. De repente me lembrei de algo e me forcei a falar logo antes de hesitar e me arrepender.

— E aquela história do vídeo? Tem alguma coisa a ver?

— Que história do vídeo?

— Não tinha uma história de um vídeo na internet dele transando com alguém?

— Anh?

Ela azedou o rosto, ainda olhando pro celular.

— Achei que a chantagem podia ser com isso, sei lá. Mas foi uma fofoca que eu escutei uma vez, devia ser só zoeira. Sei lá

Ela nem respondeu. Como se o que eu tivesse falado fosse tão absurdo que não merecesse. Ou talvez pra me despistar.

54.

Chego em casa, abro a merda do facebook e está lá, postado uma meia hora antes e já agraciado com sessenta e tantas curtidas, um post do perfil do Fernando. E um poema, ainda por cima. Nunca tinha ouvido falar dele escrever poesia.

A morte avança
nos domínios da certeza
sua propriedade é a luz,
não a escuridão

O sol de meio dia
no verão tropical
é a sua figura,

não a lua,
tampouco a matéria escura

se ela desagrega,
desfaz nós
destrói vínculos
é só para melhor soltar
o que tá preso
botar energia pra jogo
voltar o carbono
para a circulação geral

não tem força
mais generosa
mais inclusiva,
mais confiável
(nem as mães)
se a vida
joga o jogo
do fora e do dentro
tem limite,
membrana,
começo e meio
a morte não se encerra,
não direito,
não tem fim algum
única forma disponível de eternidade
e, ao contrário do que dizem,
sem lado nem avesso

Tinha uns dez comentários embaixo, o primeiro composto só de vários pontos de interrogação, os seguintes alguma variação disso. Paulinho, sempre tão tranquilo, postou O FILHO DA PUTA QUE TIVER FEITO ISSO FAVOR PARAR AGORA.

Aquilo me deixou meio sem fôlego por alguns segundos. A coisa do blog ter continuado já me parecia estranha, mas dava pra imaginar que era alguém próximo dele continuando a história. Aquilo ali já era diferente, parecia no mínimo uma provocação de algum tipo. Mas quem teria interesse de fazer aquilo?

Lembrei do negócio que a Natasha-todoynada tinha me falado. Quanto mais eu pensava mais me parecia que aquilo era algo que só o próprio Fer-

nando faria. E não qualquer amigo em sua homenagem. Falar da própria morte a partir do ponto de vista do além vida soava exatamente como o seu senso de humor cretino. Imaginei ele programando aquela postagem pro futuro pouco antes de se matar. Às vezes naquele dia mesmo, enquanto eu tava na sala ao lado. Parecia uma perversidade que excedia mesmo os limites já arrombados do Fernando. E ao mesmo tempo fazia todo o sentido do mundo. Seria quase mais estranho se ele não tivesse feito algo do tipo.

Só não sabia se aquela postagem tinha sido a última zoeirinha que ele guardava na manga ou se ainda teria alguma outra surpresa engatilhada.

55.

Pouco depois apareceu o que veio a ser o último post do blog da Todoynada.

“12.06.03

Eu penso na minha irmã todo dia e no que aconteceu com ela ano passado. Acho bem possível que ela mesma nem pense, não com essa frequência. Ela nunca deixaria uma merda escrota daquela definir a vida dela. Mas eu penso, eu deixo. Ela sempre foi muito mais forte que eu. E ainda teve uma vida mais difícil. Imagino que por isso mesmo seja mais corajosa, talvez, se a genética é praticamente a mesma. É uma mesma violência gratuita a desse país. Uma brutalidade burra, mal esparramada e distribuída nos mesmos currais velhos. Dobrando nas mesmas dobradiças, furando os mesmos sulcos, rasgando o arrombado de cicatrizes feitas de camadas de cicatrizes. Eu queria amar esse lugar, queria com força. Mas ele teima em não deixar que isso dure mais que alguns segundos, se espalhe além de uma ou duas pessoas, uma ou duas ruas, a cada vez.

Esperando o momento em que o nojo de mim mesmo, o ódio, consegue virar motor para transformação. Que não chega. Por enquanto só empoça, só corrói e empeçonha num ranço amargo. Como faz com quase todo o resto, pelo que dá pra ver por aí, estampado na cara de todo mundo.

O Renato demorou um tempão para falar tudo que aconteceu com ele quando esteve preso, também. Do tanto que ele sofreu ali. Ele fala dum jeito seco da experiência toda, como se tivesse acontecido a outra pessoa. Tinha uma dificuldade enorme de contar, ele que falava de tudo e dele mesmo o dia inteiro, se deixasse. Fecha igual um tatuzinho diante disso. O inferno, ele chama, e ponto. Deve ser mesmo. Penso na morte do Sabotage no início do ano, a pilha que só cresce e acelera, só piora.

A raiva tem que virar algum gesto, mas qualquer gesto é pouco. Mal se admite o que se passa no dia a dia, no vocabulário normal e comum. A televisão de tarde pingando sangue e gente gritando pra matar, falando que se pune pouco. Se tu começa a gritar que vivemos num país autoritário com execução sumária e campo de concentração pra pobre, ninguém te leva a sério, nem se importa. Que mesmo com terras demarcadas e um suposto Estado Democrá-

tico de Direito ainda tem jagunço ameaçando e matando no campo qualquer índio ou liderança popular do campo como se fosse 1800 e tanto. Que a nossa elite é quase toda feita dos tataranetos da gente que rancou o couro dos netos de quem arrancam até hoje. Que ao mesmo tempo que a República começa a dar alguma dignidade pro povo, que tanta coisa vai melhorando aos poucos, as cadeias só pioram e a polícia faz o que sempre fez com uma desfaçatez ainda maior, matando e morrendo com mais violência. A coisa toda é feita pra acelerar e piorar. A palhaçada demente que é isso tudo, de tão explícito. Todo mundo já sabe que é uma palhaçada, todo mundo já tá cansado de saber. Ou porque esse estado de coisas lhe foi cunhado na carne ainda na infância ou porque vive de dentro da parte agradável da palhaçada e o grito então soa exagerado, ininteligível, radical. Radical é a realidade. Talvez seja por ter sido protegido disso tudo por tanto tempo que eu não consiga me acostumar. Continua me parecendo intolerável, todo dia.

Também vivi tempo demais fora da vida normal das pessoas, enfurnado por uma mãe doente mental, que confundia Cristo com uma prisão, pra conseguir me envolver com algum movimento político. O pouco que eu consegui sair do meu casulo já foi difícil, já foi doido. Desde que saí de Belém eu cheguei a ir em encontros da Pastoral Carcerária em Brasília, mas não aguentei a ideia de me envolver de novo com gente da igreja, por mais que o trabalho fosse importante. Fico nos cantos e não consigo compartilhar aquele palavrório iluminado e casto deles.

Eu não tenho lugar nem uso nesse mundo. O único amor que eu já conheci nasceu torto e desenganado, impossível. O que eu devia fazer agora era cuidar da minha mãe. Consegue ser pior do que eu pra encarar o mundo, coitada. Ela precisa de alguém. Mesmo com o ressentimento fodido que eu tenho dela, do mundo que ela me tomou, o certo seria isso. Mas o pouco que tentei até agora foi custoso. Tem menos de um ano que a gente tá junto e eu já não aguento mais. A teimosia dela com tudo, a angústia avassaladora queimando baixo o tempo todo, a falta de ar que isso tudo me dá. Fica procurando culpa pra se coçar dia todo e madrugada adentro. Procurando pecados imperdoáveis na sua própria cabeça a cada meia hora como quem checa três vezes o bico do fogão por gás escapando antes de sair de casa.

Estamos os dois numa chácara no Guará (DF) onde moram outras irmãs desligadas de convento, mas ainda conectadas à igreja. Irmãs problemáticas, todas, ao que parece, mas que ninguém queria chegar a mandar inter-

nar, por um motivo ou por outro. A princípio, não pode morar homem lá, mas abriram uma exceção temporária. Todas me mimam com bolo e pão de queijo o dia todo. É bom, mas é ruim, também. Ficam sem jeito quando estou perto, rindo e cochichando entre si. Segundo elas, minha presença faz bem pra minha mãe. Não é o que parece. Ela diz todo dia que vamos descobrir um lugar para morar só nós dois, mas nunca faz nada nessa direção.

Eu me dispersei, mas essa cartinha tinha uma meta. Ao contrário das coisas que escrevo aqui geralmente. Esta aqui tem um fim. Voltando pro que importa: acho que existe, sim, violência justa e santa, e que a sua hora chegou aqui. Mas não é do meu temperamento, jamais que eu pensaria em machucar alguém, e nem esse magma de raiva correndo no meu peito seria capaz de transfigurar isso. Ainda bem, talvez. Jamais eu pensaria em machucar alguém, mas eu gosto muito de fogo. Sempre gostei. Acho que a destruição que ele faz pode ser não só linda como didática das forças com as quais a gente lida de verdade. Dá vontade de fazer alguma coisa com ele.

Parece engraçado escrever essas coisas nesse caderno tilibra amarelo, com minhas letras redondas sulcadas por exercícios diários de caligrafia toda noite, com minha mãe na infância. Mas foram minha irmã e meus amigos que me deixaram assim. Com essas coisas na cabeça, essa voz quase profética. Isaías de meia-tigela. Simone Weil falsificada. Eu imposto essa voz para que seja minha, mesmo não sendo. Escrever torna real, ou pelo menos mais real.

Mesmo com essa vontade de destruição e transfiguração justa prestes a estourar os canos que eu chamo de ossos, eu também sei que além de tudo que eu como, além de tudo que a manutenção da minha vida destrói por si só, o único corpo que eu destruiria por querer nesse mundo é o meu.

Me perdoa, Meu Deus. Meu nome é Emerson e não tenho sobrenome. Nunca conheci meu pai e mãe biológicos, só uma mãe adoentada que me tirou do mundo e do meu povo e que não consigo nem rejeitar nem abraçar mais. Minha irmã é uma Mehin, seu nome eu jamais escreveria com essas letras tronchas da língua dos invasores. Ela é a pessoa mais bonita que o universo já pariu e eu não quero viver mais nem um dia nessa Terra.”

56.

Ainda não sei como tomar esse texto, que já reli umas três vezes desde que foi postado. Mas encarei como uma espécie de conclusão. Daquele ramo, ao menos. A história toda era completamente distante da realidade do Fernando, mas ainda assim tinha coisas ali no meio em que eu o reconhecia. Fiquei imaginando se aquela voz ali não era da Natasha (todoynada) se botando no lugar dele e dramatizando uma versão bem diferente dos seus dramas por aquele personagem esquisito, misturando com os dela (querendo ou não). Lembrei do que a Bia tinha me contado e de como aquele personagem parecia ser tão mais puro e nobre de intenções (se é que estas são as palavras certas) do que o Fernando. Aquilo ali parecia ser mais próximo do mito que ele queria pra si mesmo, talvez?

Eu tentava me resignar ao fato de que aquilo seria o máximo de resolução que encontraria. Mas era difícil largar o trem. Já era 2016, mais de dois anos depois da morte dele, a história continuava entulhando a minha cabeça, mesmo sem novidade, sem nunca nem encontrar mais os envolvidos e implicados.

Foi por aí que decidi perguntar do vídeo pro Paulinho. Por muito tempo eu não tive coragem de fazer isso, sem saber como colocar a pergunta. Mas a coisa toda tava ainda tão engasgada que eu precisava cutucar tudo que desse pra ser cutucado. Primeiro pensei em perguntar pela internet, o que seria bem mais fácil, mas depois pensei que é muito mais fácil mentir pela internet e que Paulinho não parece ser um bom mentiroso. Talvez se eu perguntasse direto, ele teria que ser honesto.

Ele não era de telegrafar suas atividades diárias pra todo mundo, mas num sábado vi que ele tinha marcado presença numa feira de zines que aconteceria no Cine Brasília. Eu chego lá cedo e fico fingindo interesse nas mesas por um tempo, mesmo quase não tendo, depois sento lá perto e fico vendo besteira no celular por uns quarenta minutos. Ridiculamente, finjo conversar com alguém pelo telefone por um minuto, numa conversa pouco coerente fazendo menções vagas a eventos inexistentes. Acho que para que a minha solidão ali parecesse menos patética? Até que Paulinho enfim aparece com uma garota que não conheço, baixinha e bonita, os dois meio nervosos como se tivessem no início de um encontro, talvez. Não encontro muita brecha para

chegar falando. Espero uma hora que ela vai ao banheiro para cumprimentá-lo.

— E aí?

— Opa.

— Tranquilo?

— Numa nice, e tu?

— Ah, de boa. Naquelas, né?

Ele faz um sorriso genérico e eu não sei o que dizer mais. Ele tá prestes a mandar um “a gente se fala, hein” quando eu interrompo:

— Você viu o que postaram no perfil do Fernando um tempo atrás?

— Vi.

— Bizarro, né?

— Muito escroto. Piada sem noção. Fiquei pensando quem faria isso. A Eloísa com certeza que não.

— Será que ele não programou pra postar? Nem sei se dá pra fazer isso.

— Deve dar, deve dar. Nossa, nem tinha pensado nisso.

— Uma amiga dele acha que ele pode ter feito isso.

— Quem? Na real, assim. Nem me diz. Eu cansei dessa história. Já fiquei mal demais com ela, já deu. A gente tem que dar uma sacudida aí sei lá porque senão a parada te engole.

— Boto fé. Eu tou com dificuldade, mas ê tá certo.

Ele parecia querer apressar o fim da conversa. Percebi que não dava pra enrolar demais, era agora ou nunca.

— Ou, nada a ver com nada, mas eu ouvi um boato muito doido outro dia, não sei se tu tá ligado.

— Anhm

— Parece que alguém achou na internet um vídeo de uns amigos nossos transando. Tá ligado dessa história?

Ele faz uma cara séria de repente.

— Acho meio nadaver falar disso. Pra ser honesto, assim. Foi mal. Não vai

atrás dessa história não. Sério mesmo.

Antes que eu falasse qualquer coisa ele sai corrido prum outro canto fingindo atender uma ligação, fazendo um gesto abrupto de despedida ou de corte pra mim. Assim que ele está um pouco distante, quase atrás de uma planta ornamental, interrompe o fingimento. Fica mexendo no celular até que a mulher com quem ele tava volta do banheiro.

Suei como um animal no abatedouro durante a conversa. Toda essa movimentação à toa. Vou caminhando pro carro, que tava estacionado na quadra residencial. Ele não era um cara ríspido normalmente. Talvez a coisa de estar num encontro o tenha deixado nervoso. Ela era tão mais bonita do que ele (conhecendo Paulinho pelas histórias da Ju, devia ser um desenrolo do Tinder de semanas, meses). Ou então a minha forma de chegar cutucando tão diretamente é que tenha sido meio maluca. Só me toco disso enquanto entro no Ford Ka da minha mãe e encontro seu cheiro familiar de estofado suado. Vou embora pra casa sem música, recebendo de janela fechada aquela distância seca e achatada. Toda essa movimentação à toa. Me sinto meio idiota, prometo pra mim que nunca mais persigo essa história e quase chego a acreditar na minha firmeza, por um momento.

57.

Brasília não é exatamente conhecida por seu carnaval. Quem é muito disso e tem a grana necessária acaba viajando com frequência pro Rio, pra Olinda ou alguma outra cidade de carnaval mais tradicional. Mas nos últimos anos vinha acontecendo uma revitalizada no carnaval de rua pelo Brasil e isso também reverberava aqui (embora no nosso caso fosse mais o caso de criar tradições onde poucas havia, mesmo). Sabia de alguns blocos que tinham estreado nos últimos anos com algum sucesso e de um menor, de amigos, que sairia pela primeira vez naquele ano (o Calango Careta, cujo orgulho era um calango comprido no estilo daqueles dragões orientais, com uma cauda que se destacava e virava um beque enorme, eu tinha acompanhado na conta do Raniel (vulgo ‘Bits’) as fotos da confecção diligente do bicho por meses, no Instagram).

Até aquele ano, 2016, minha tradição pessoal no Carnaval tinha sido ficar em casa vendo as fotos das pessoas fantasiadas se divertindo horrores. Eu nunca tinha ido pra um bloco, a não ser criança, com a família (especificamente na pessoa do tio Júlio). Mas aquela vez seria diferente. Já era quase certo minha mudança para São Paulo e aquela poderia ser minha última oportunidade de encontrar todo mundo, de dar algum desenlace, mesmo que desenxabido, para aquela trama.

Sabia por alto pelo Paulinho que a Juliana tinha ficado de se encontrar com umas amigas na concentração ali rodeando o Pacotão, no comecinho da Asa Sul, do lado do prédio da Caixa. Ele devia aparecer mais tarde também. Com medo de não ter vaga, eu acabei estacionando o carro da minha mãe um pouco antes, na quatrocentos e quatro. No final das contas tive que andar. O dia não tava tão quente, com um sol quieto e nublado, mas tinha um mormaço guardado no ar expectante de chuva. Não tava desagradável, mas eu já comecei a suar.

Mesmo ainda longe do bloco você já notava um humor diferente, com mais gente na rua, mais carros estacionados por todo lado, grupos de policiais em pontos de fluxo, gente já de saída de blocos matinais com instrumentos e estandartes solitários, muitos grupos de homens barbudos e fortes vestidos de mulher. Brasília era uma cidade tão quieta que mesmo esse muxoxo de carnaval já parecia mudar alguma coisa no ar.

Andei por uns vinte minutos sem encontrar nenhum amigo, a atenção dedicada naquela movimentação de rostos e fantasias que ia se avolumando, muita gente que devia estar bebendo desde manhã e já não conseguia entender minimamente o que se passava. Mesmo naquele trecho pequeno que eu tinha andado já tinha percebido as revoadas de galeras diferentes. Depois de ter andado junto com um muitas famílias burguesas de quarenta a cinquenta anos, me vi no meio de um fluxo de playboys jovens e bombados, todos incrivelmente iguais uns aos outros, com fantasias tipo jogador de futebol e turista. Uma manada de uns oitenta, saindo de algum bloco consoante com suas galerosidades. Três deles se abraçavam e faziam contagem de quantas mulheres tinham catado até então.

Eu não tava com tanta vontade de beber, mas depois de passar pelo quarto ou quinto ambulante acabei comprando uma cerveja meio no automático. Tem algo no clima de tanta gente bebendo desde cedo que quase te coage a se intoxicar também. Faz a bizarrice da coisa toda fazer muito mais sentido, com certeza.

Chegando perto do bloco onde eu supunha encontrar conhecidos, fui percebendo a mudança em volta, com um fluxo de pessoas mais “alternativas” (o termo é meio idiota, mas enfim, são marcadores meio claros de vaibe, roupa e penteado, vocês sabem), eu já fui encontrando umas meninas lindas que foram me deixando autoconsciente pra caramba, de não estar numa configuração muito bem-sucedida das minhas possibilidades já tão limitadas pela mãe-natureza. Eu tava só de camiseta e calça jeans, sem nenhum adereço minimamente carnavalesco. A maioria delas não tinha nenhuma fantasia específica, estavam só vestidas de deusas empoderadas, com maiôs e meia-calças coloridas, pintadas de prata e de ouro. Algumas eram mais bem-sucedidas do que outras no arranjo, mas ali andando no meio das árvores, depois de uma revoada de homens horrorosos, pareciam um bando de sonhos eróticos – tanto adolescentes quanto perfeitamente adultos – andando no meio da rua. Vi uma peruca verde abandonada num galho de árvore e considerei apagar, mas quando meti a mão percebi que estava molhada e fedia à cerveja.

Vi também um conhecido que não quis cumprimentar, Daniel, e passei por ele olhando pro chão. Ele estava também sem nada carnavalesco e seguia uma menina linda toda purpurinada, com collant dourado e adereços vagamente egípcios. Diziam que o Daniel aproveitava o carnaval pra se aproximar de umas cinco amigas por vez. Todas elas montanhas de areia pro seu cami-

nhão. Ele tinha certeza que o carnaval, com seu espírito ligeiro de reajuste, de troca, poderia colaborar com a possibilidade de uma amiga considerá-lo como uma alternativa viável, revertendo o que ele considerava ser seu papel de “prefeito reeleito da zona da amizade”, como ele dizia em vários textões amargos no Facebook. Até onde sei, nunca dava certo.

Não encontrei mais ninguém, fiquei por um tempo só bebericando a cerveja devagar. O bloco começou a sair mas as rodas de pessoas mais ou menos conhecidas não saíam de onde estavam. Eu varria o quadrante como se fizesse a ronda da área, sem parar muito em nenhum lugar, indo mais ou menos ali da frente do prédio da Polícia Federal até a Caixa e voltando, zanzando pelos lados da quadra, debaixo das árvores, andando no meio da multidão passando pelas diferentes galeras e deixando o ruído geral me engolir.

58.

—Três por dez a perigueti, três por dez.

—Tre-ta, tre-ta, tre-tinha.

—Como que tá o drinkability?

—Gelada-gelada não tá. Mas tá tipo aceitável.

—Deixa fluir, fi. A naite é mãe da naite.

—São duas da tarde, véi.

—O que no meu caso quer dizer são quatorze horas de manhã de ontem.

—Aí sim.

—A Nath é mãe da Nath? Anh?

—As pessoas tão ficando doida em São Paulo, sabia? Foram fazer uma pesquisa e viram que parece que quarenta por cento das pessoas são doidas. Mas doida mesmo assim.

—Doida tipo crazy.

—Exato, super doida.

—Todo mundo?

—Praticamente, assim, oitenta por cento.

—Tu sabia que Corona é brasileira?

—Não era quarenta?

—Sim. Ambev, né. Budweiser também. É o Lehman, né, fi? O cara é monstro.

—Não, porra. A cantora. This is the rhythm of the night.

—Inbev, você quer dizer.

—Jesus humilha Satanás. Sei demais. Como assim?

—Serião. Brasileiraça, Vidigal.

—Porra, que massa. Não tinha ideia. Que orgulho.

—Hoje ele tá lá dentro do Itaú. Mas dentro-dentro mesmo. Ele é pica lá. Na área dele, né.

—Eu amo essa música.

—Odeio. Canto todo dia, quase, tem uns vinte anos.

—Então, minha dissertação é sobre deslocamento do self e o auto-correitor do iPhone.

—Gosto muito mais dessa música agora.

—Ela colocou a foto mesmo sabendo que fui eu que tirei, e que eu tinha pedido pra ela dar crédito, saca. E que que custa dar crédito pra minha foto, saca? Tipo tem um nível que a pessoa chega que você vê que ela tá te provocando.

—Self é tipo seu senso de si, né. Mas não tem tradução, na verdade.

—Total. Mas ela é muito cínica, muito cínica.

—Boto fé.

—tá bizarro

—tá uma merda

—A culpa é minha eu boto ela em quem eu quiser, Maria Isabel.

—Cadê o Thiagones? Porra, cadê o Thiagones?

—Porque o Carnaval, porra, quê que é o carnaval, saca?

—Caceta, lá vem, hein.

—MA-MA MAMÃE EU QUERO!

—Amiga, esquece, você tá super gostosa nesse maiô.

—É incrível, né. É esse momento do quê? De derreter as convenções sociais, de produzir esse espaço de exceção, né, de subversão.

—Sério, esquece.

—Vamos curtir, caralho. Hoje não, , caralho. Porra, amor.

—E cê imagina uma cultura nacional que é formada em cima da ideia de subversão continuada. O que isso não significa?

—Mas subversão, porra, subversão. Homem vestido de mulher no carnaval não subverte nada. Tudo que isso diz na real é que um homem não pode se vestir como mulher. Ele confirma a convenção, no fundo, porque a graça é justamente que fique ridículo, que seja ridículo. É diferente dum homem ves-

tido de mulher porque ele quer aquilo, porque ele se sente bem assim.

—Subversão de eu é rola.

—Literalmente, no caso.

—Cê tá viajando, cara. Foi mal, mas cê tá via-jan-do. Carnaval é pra ficar doido. É pra todo mundo ficar doido junto. Nada a ver. Nada a ver isso aí que cê tá falando, irmão.

—Eu acho um luxo. Já foi no babydoll de nylon? Eu acho um luxo

—É a coisa mais conservadora que existe, carnaval.

—Antes a gente escrevia na internet cheio de erro, era tudo muito mais orgânico. Com o autocorrect a gente tá sempre conversando com aquela mediação INUMANA, saca?

—Nada a ver.

—Cara, chamar essa cervo de periguete é muito escroto. É tão escroto.

—Eu acho bom demais.

—Tá tranquilo, tá favorável. Põe aí essa Marquin, Põe aí.

—Tinha uma menina lá que eu conhecia de São Paulo que falava que ela não era gente. Ela falava mesmo, pra todo mundo. Botava na internet. Pegava bolsa da FAPESP. Fez o doutorado dela sobre isso, que ela não era gente, não era humana.

—Ela era o quê então?

—Ah, bicho, só lendo o doutorado dela, que abre aspas foi feito em quatro mídias fecha aspas

—Oitícica, meu amor, oi-ti-ci-ca

—Catuaba não, catuaba não dá

—Pera, temo que esperar a Paola, ela tá comprando birita ali.

—Aí eu falei eu não sou gay nem hetero, muito pelo contrário

—Valeu então, aí, rei da Inglaterra.

—Ai, não vamo esperar ela mais não? Desculpa, amiga, mas ela é meio insuportável.

—Catuaba dá pra caralho.

—Muito pelo contrário também.

—Porque você escreve uma parada e o iPhone te apresenta outra coisa, né, mas muitas vezes a pessoa lê aquela fala como se fosse você falando diretamente, então nós perdemos o controle, tipo, sobre nós mesmos, entende?

—Profundaço. Nu. Tô de cara, vei.

—Tipo a foto dela lá que ela botou lá na UnB no pôr-do-sol, aquela foto foi eu quem tirei, saca.

—Tá doido. Chega ‘ripiei aqui, ó.

—Vai se danar, vai.

—Carnaval é top demais

—Só o brasileiro. Bicho, tem que estudar o brasileiro.

—Fui eu quem tirei, saca. Põe crédito? Não.

—Ah, não, véi, tu viu o Blade vestido de Obelix? tá muito fofo, eu não ‘guento.

—Ai, amiga, eu queria pegar ele, mas ele é muito sonso. É foda como como homem ou é um merda completo ou é sonso. Não tem nunca meio-termo.

—Novos Baianos é tipo a parada que mais me representa, assim. De longe. Mais do que eu mesmo, assim, praticamente. Por isso que eu tenho seis versos deles tatuados pelo corpo. Cada um no membro adequado.

—Cê percebeu que ali até o final da quadra só tem barbudo de humanas loser manos e depois que passa ali daquela barraquinha de birita só tem playboy bombado?

—Total. Só ali no meio que mistura. A galera se estranhando.

—Bicho, a voz do Zé Ramalho não parece muito a do Bowie nessa música? Diz aí

—Não. Parece não. Óbvio que não, véi.

—Parece sim, prestação.

—Todas as vozes do mundo são exatamente a mesma, na verdade. Tou percebendo agora.

— Tu só tá falando isso pra fazer gracinha. Tou vendo nessa tua cara safada.

—Não é, porra. Prestenção. É tudo a mesma voz. Só muda um pouquinho. Todo mundo é alguém imitando.

—Sério, assim, pensa. Você tem esses dias de zoeira, esse dia pro fodido fingir que é rei, não sei o quê, quê que isso faz, no fundo?

—Faz bebê, faz DST.

—Além disso, porra, além disso. É uma válvula de escape.

—Um valvulão, né, no caso.

—Isso. Um puta valvulão. Essa tensão toda do Brasil, esse negócio insustentável, insuportável, esse fazendão com meia dúzia de arrombado explorando cento e tantos milhões, essa panela que fica pra estourar e nunca estoura. É o carnaval que garante isso. Meia semana de derretimento e doidura pra manter a estabilidade geral e calibrar a insanidade geral.

—Aquele negócio do Chico, né?

—Chico de cu é rola.

—Porra. Mas então tá funcionando bem pra caramba, então, né. 60 mil homicídio por ano. Se não tivesse Carnaval então dava o quê, uns duzentos?

—Uma coisa é uma coisa. Veja bem, eu não tou falando que funciona.

—Ih, virou moda cagar no Chico agora.

—Ninguém tem direito de ser sortudo daquele tanto.

—Tudo que vai, volta.

—NÃO! VAI TER GOL- PE!

—três por dez a perigueti, três por dez.

—E essa banda? Vai rolar mesmo ou não?

—Bicha, se aquele teu amigo gato demais vier mesmo, eu assisto até show de banda de rock. Em pleno ano da graça de 2016. Como se eu fosse um australopiteco. Pra você ver como ele é gato.

—Vai sim. Com certeza ele vem. Acho que vai ser aquela Galactus, sabe.

—Aquele banda do sul? Dos careca barbudinho?

—É. Mas vai ser lá no Piauí de noitinha, Não é agora, não, relaxa.

—Nada contra hetero, até tenho amigos que são. Mas assim, tudo tem limite.

—É só que tem nada a ver com carnaval. Nada a ver tocar essa bosta no carnaval.

—Eu não acho que carnaval tem que ser só samba e frevo e essas coisa. Vale tudo, de boa, ontem mesmo fiquei dançando igual uma louca e era o quê aquilo, Deivid?

—Sei lá, era esses trem de tunts-tunts, techno? Como chama?

—Cê tá muito velho, Deivid. Techno chamava tem vinte anos, né. Hoje é outras coisa.

—Era trap.

—Trap pra mim era outra coisa, lá com os moleques da engenharia. Hein, Márcio? Tá ligado?

—Nossa, tem uma amiga minha que é piradíssima nesse bicho, tenho que ligar pra ela se for essa banda mesmo, como que tu sabe que é? Ela tá louca pra dar pra ele desde uma vez que eles quase ficaram mas ela vomitou numa mina e ficou com vergonha e vazou da festa.

—Que festa?

—NÃO! VAI TER GOL – PE!

—Onde os cara tava, ué. Mas vão ser eles mesmo?

—VAI TER LU-TA!

—Eu não sei, eu meio que só acho que vai. Porque eu vi que dois membros da banda no instagrão hoje e vi que tavam no aeroporto de Brasília.

—MAMÃE EU QUERO, MAMÃE EU QUERO

—Putá que pariu, é muita mulher gostosa. Não tem condição. Não tem condição de viver no Planeta Terra.

—Nada a ver com carnaval essa porra dessa banda.

—Vai tomar no cu. Vai to mar no cu.

—Ah, não, juntou esse bando de bombado hetero-top aqui e não tá dando mais.

—Tá bizarro

—Tá desagradável.

—Xbalanque, balanque-. Quero dançar com você-ê.

—Viu como?

—Ah, no Instagram dos cara.

—Entra na roda, morena, pra ver. Xbalanquê, balanquê.

—Voce conhece eles?

—Não, mas eu sigo, ué.

—Boto fé. Agora tu stalkeia até os cara que toca em banda sulista bem mais ou menos?

—Eu nunca tive critérios para os percursos da minha atenção, ela sempre voou livre e feliz.

—boto fé

—Gorgorejando mundos.

—Vem cá, cê tava com eles, não tá? Cê sabe onde tá agora? Eu tive que ajudar uma amiga que pasou mal e me perdi de todo mundo.

—Onde tão agora eu não sei, meu bem, tava esperando alguém dar notícia. Iam divulgar por agora

—Odeio isso

—É essa coisa ridícula, sabe, de hipster no carnaval. Bota essa banca toda de festa popular do caramba a quatro, mas no fundo o que é a galera quer é fazer as mesma festa exclusiva pros vinte amigo causar e tirar foto.

—MAMÃE EU QUERO MAMA-AR

—É essa banda Galactus que tem aquela música ‘vamo fumar a ponta que a gente achou a-qui’, não é? Eu gosto dessa.

—Total. To-tal. Galera fica nessa de vamos ocupar o espaço público, festa democrática e pararam, mas o que eles querem é ver a mesma galera gostosa do círculo deles toda purpurinada. Chega gente que destoa e eles já reviram os olhinho tudo, querem ir pra outro lugar.

—‘a pontinhaaaa, a pontinhaa’, sim, essa mesmo. Mas essa música não é deles, na real é um cover que eles fazem de uma banda daqui, tá ligado?

—As músicas deles mesmo são tudo aquela mesma chatice, aquelas guitarra distorcida que fica uns dez minutos, o bicho todo triste murmurando umas besteira.

—É, tipo isso mesmo. É tudo meio assim.

—O Sul é uma bosta, né.

—Vai se foder, minha família é do sul.

—EU FALEI FARAÓ-Ó-Ó

—Lupicínio. Ronaldinho, que é de longe o melhor dos Ronaldos.

—Não, mas eu não digo as pessoas, pô. Assim, os indivíduos. Eu digo assim a vaibe do lugar. Os cara se acha tudo argentino. Ou seja, Europeu.

—Continua sendo ofensivo tu falar assim.

—Ofensivo é o Grêmio.

—O Grêmio Football Porto-Alegrense de fato é ofensivo a qualquer pessoa de sensibilidade moral.

—ÊÊÊ FARA-Ó.

—O nome do Prince era Prince, né. Daí você já tira.

—O nome da Madonna era Madonna

—Que tinha chamego tinha, a questão não era essa, Liana.

—foi bonito foi, foi intenso foi

—O pau dele era tipo uma abobrinha, eu juro.

—98 a gente só perdeu porque o Pedro Bial pegou a Susana Werner. Todo mundo sabe.

—Claro que não, né. Foi a Nike.

—Parecia que tinha explodido. O pau dele, eu digo.

—É torre de babel aquela novela que terminava com o shopping explodindo? Todo mundo morrendo.

—É. E isso só porque Deus tinha que punir as lésbicas da novela. As pessoas mandavam carta pedindo pra matar todo mundo.

—Pobre em geral acha riqueza bonito e rico hipster acha pobreza bonito. É lógica pura

—Lógica de eu é rola.

—Literalmente, no caso.

—A cachu lava os vacilo, carnaval lava os vacilo.

—Toma uma droga, toma uma água. É o tao, véi.

—O foda de sair no carnaval com o Diego e a Paola é que eles são muito enrolados. Muito. Sempre tem que ir no banheiro, tem que não sei o quê, tem que ir comprar cerveja artesanal na porra do foodtruck. Tomar no cu.

—Total.

—Aí eu sempre dou o perdido e eles ficam putos comigo. Mas porra. É foda, também.

—A gente tá começando a fazer agora o jogo do Fernando e do Guto, já tamo com a estrutura meio desenhada, com umas parada gráfica, só falta decidir qual o engine que a gente vai usar, basicamente.

—Só isso que falta? Ceis tem roteiro, arte, tudo?

—Não, não. Na real de feito mesmo até agora gente tem só uns desenhos que o truto fez no paint. Mas já tá tudo conversado. Só chegar e pans.

—Na praça da playboy, ou em Niterói, na fa-zenda Chumbada, ou no Cói.

—Tu sabe que essa música foi escrita pruma mina de doze anos né

—Oxe, a Divina Comédia também.

—E a Patrícia? Cadê aquela gostosa?

—Ah, ela tá nessa pira da gincana

—que pira da gincaca?

—Tá ligado não?

—Tou nada

—Daquele cara que morreu?

—Tou ligado não

—O amigo lá do Thiagones, da Julia. Todo metido a besta.

—Tou ligado não.

—Ah, o bicho se matou tem uns dois anos anose ele tinha deixado um plano, saca. Uma parada que ele ia fazer no carnaval. Aí parece que esse ano decidiram que iam fazer o trem.

—Como assim?

—Ia ser lá em BH, mas ele morreu. Aí uns amigos parece que iam fazer aqui mesmo.

—Mas era pra fazer o quê?

—É tipo uma gincana hipster. Maior babaquice do caralho. Tinha um negócio de que tu tinha que encontrar um cara. Um cara chamado Renato alguma coisa. Ele deixou várias dicas espalhadas pelo caminho dos blocos e tem uma galera que tá caçando. A Ju acho que tava.

—Nó, vei. A galera é besta demais.

Quando escutei isso arregalei os olhos até que doessem.

59.

“

ESPERA

TEM MAIS! (2)

Jorge Sepúlveda era fascinado por teorias da conspiração norte-americanas desde que assistiu Arquivo X na televisão pela primeira vez, com nove anos, no apertado apartamento onde sua numerosa & volumosa família morava, nos arredores de Bogotá. Seu pai era um funcionário dos correios distraído e irônico que fingia torcer muito por futebol só pra beber fora de casa três noites por semana religiosamente. Sua mãe, uma dona de casa ansiosa e protetora, era dada a arrumar o cabelo dos filhos já adultos e varrer superfícies recentemente varridas. Jorge desmontava rádios de pilha desde cedo, antes de entrar na internet pela primeira vez e ter sua cabeça explodida sucessivas vezes pelo tanto de coisa no mundo que ele descobria que ainda havia por descobrir. Manuais de tudo que era aparelho, macetes legais e ilegais para jogos de criança e de adulto, fóruns com gente do mundo todo respondendo a perguntas das mais específicas possíveis. Sua curiosidade técnica e capacidade geral de conserto aos poucos foram lhe rendendo pequenos bicos nas casas e em pequenos negócios e escritórios de vizinhos e amigos dos pais. Os bicos foram com o tempo virando um trabalho de verdade, ainda que não tão bem remunerado quanto ele gostaria. Na maior parte dos meses, ganhava mais do que sua irmã cabeleireira e menos que seu irmão advogado.

Desde criança Jorge ouvia de seus parentes, que moravam num sítio na beira da floresta a poucas horas de sua casa, que havia uma base secreta dos EUA por ali na região. E que não era uma base militar normal e nem uma dessas prisões sigilosas que eles têm pelo mundo. Era outra coisa, produzia uns barulhos estranhos de noite. E quem a encontrava, ou mesmo só tentava chegar perto, geralmente não voltava. Era dessas coisas de que todo mundo falava em voz baixa, como lenda urbana ou assombração. Sem acreditar, necessariamente, mas também sem descontar de todo. Só um tio seu, um motoqueiro baixinho e cabeludo chamado Hector, que dizia ter certeza da existência. Dizia, ainda, com convicção religiosa, que teria sido construída toda por operários norte-americanos negros que vieram em aviões militares em vôos noturnos na mata, nos anos oitenta. Jorge acreditava na realidade disso

com toda sua espinha e fortalecia sua crença com qualquer leve indício que surgia, desde gente mais velha e séria que corroborava o relato até a circulação suspeita de carros estrangeiros possuídos por aqueles cantos da mata, onde não devia haver nada que lhes interessasse, fora das rodovias federais. Não era nada absurdo de se acreditar, afinal, havia diversos indícios de que os EUA tinham mais bases militares e de inteligência do que eles admitiam. E eles já admitiam ter muitas.

Em 2008, Jorge começa a trabalhar no aeroporto em Bogotá como técnico terceirizado de TI da administração, mas começa também a fazer bicos adicionais arrumando o sistema e o Wi-Fi de algumas empresas ali dentro, como o do café mais ocupado do aeroporto. É ali, naquela rede prosaica, que Jorge pesca informação de qualquer um que chegue com tipo de agente americano e logue num computador pouco protegido. Ele nem sonhava em fazer isso, a princípio. Não gostava de misturar suas eventuais empreitadas virtuais pra fora da estrita legalidade com seu trabalho regular. Mas foram os seus chefes que pediram para ele bloquear o acesso a alguns sites, fazendo ele mexer na tabela do DNS. Ele não resistiu e acabou redirecionando alguns endereços dos sites das principais agências e demais entidades de defesa norte-americanas.

Muitos encaixam no perfil, ao menos pro termômetro paranoico de Jorge, que basicamente acha que todo americano branco viajando a trabalho que não seja cabeludo ou tatuado tem cara de agente ou espião. Noventa e tantos de cem não aparentam ser nada interessantes, quase sempre empresários ou burocratas corporativos intercambiáveis, algum dente das antigas engrenagens gringas de exploração. Mineração, telecomunicações. Dia-a-dia do capitalismo, nada que contasse para os interesses de Jorge. Nada que valesse comprometer seu suculento ponto de acesso à toa.

Quando mais novo, ele aprendeu a roubar dados mal protegidos dando sopa por aí, tinha chegado a vender uma penca de números de cartão crédito que apanhou do sistema tosco de uma clínica veterinária chique que o sacaneou tempos antes num serviço. Vendeu os dados para uns filipinos aleatórios que estavam anunciando na Darkweb. Sentiu-se foda depois, mas também passou meses paranoico, achando que seria pego. Nos últimos anos, ele viu dois conhecidos de internet serem presos por coisas menos graves do que aquelas. Mesmo com a Polícia Federal do seu país tendo poucos recursos, às vezes acontecia essas operações conjuntas com os gringos, tanto para redes

grandes de tráfico de drogas, armas e pessoas, quanto para coisas inofensivas, Jorge diria até benéficas, como redes de pirataria. Ele não brincava mais com essas coisas de hacker realmente ousado, não assim à toa. Se fosse pra se arriscar, que fosse para descobrir algo que ninguém descobriu ainda. Fazer algo grande.

Ele passa quase três anos seguindo essa rotina, mantendo aquela sua pequena fatia de amostragem clandestina do mundo ao seu redor como um estranho refúgio pessoal. Jorge sentia que não era grande coisa para o seu entorno, entre seus antigos amigos de escola com quem compartilhava pouco além do gosto por algumas bandas de música agressiva e rápida. As duas namoradas que teve ele tratou com a displicência distante que ele entendia ser esperada dele, enquanto homem. As duas terminaram com ele depois de dois meses, num mesmo ano, e ele pensava nisso quase todo dia desde então, misturando aquela dupla falta numa única mulher espectral que o desaprovava quando ele olhava no espelho. Mas na internet, ele era alguém. Tinha alguns círculos e dois fóruns em que ele era respeitado por seus conhecimentos técnicos gerais e macetes para segurança de pequenas empresas (conhecido pelo nome hoje meio embaraçoso de ACIDNEO, escolhido ainda adolescente). Era muito mais do que Jorge tinha fora de lá, com certeza. Já tinha se acostumado com a perspectiva de que a vida não seria muito mais do que aquilo e se sentia em paz com isso, sentia que já tinha sorte de ter um mundinho pessoal. Muitos não tinham nem isso. Mas aquele seu pequeno ponto de acesso no café do aeroporto funcionava como um espaço vetorial privado. O ponto onde ele às vezes podia escutar o que não devia e se guardar para alguma revelação reservada só para ele. Depois de três anos disso, revirar o HD que havia deixado ali para coletar os dados já tinha virado quase um ritual, que apesar de se manter importante para Jorge ele realizava de maneira cada vez mais eventual e cautelosa.

Na maior parte do tempo, sua rotina alternava entre ficar no escritório que ele dividia com seus colegas, nos corredores internos do aeroporto, e trabalhando no café, observando os clientes que passavam por ali de canto de olho.

Um dia, no final de 2011, veio a mina de ouro. Um rapaz novo e rosado, de olhos azuis e uma disposição sorridente e educada. Um tipo de ex-militar, Jorge achou, no penteado escovinha e na combinação de extremamente hétero e extremamente asseado. Jorge reconheceu um emblema roxo de tecido

na mochila dele, pequeno e discreto, junto com emblemas de times universitários da Carolina do Norte. Jorge nunca havia visto o símbolo antes, uma hélice de DNA com três fitas num fundo de espaço. Era parecidíssimo com insígnias de destacamentos secretos norte-americanos que ele já tinha visto na internet (parece piada, mas eles fazem isso, com iconografia críptica engraçadinha e tudo mais).

Foi difícil segurar o sorriso quando ouviu o homem pedir a senha do Wi-Fi para a garçonete. Acessou a rede de Jorge, logou primeiro no Gmail e depois num servidor do Departamento de Defesa norte-americano, ambos em spoofs montados por Jorge, desviados direto na lista do DNS, mas com os dados de senha e usuário redirecionados devidamente para os sites verdadeiros, para que o usuário não percebesse. O site do departamento de defesa travou do seu lado, mesmo com a senha certa. Não seria fácil assim, com eles. O servidor deles com certeza identificou as camadas adicionais de mediação. Mas foi assim que Jorge apanhou, antes disso, num e-mail simples, as coordenadas da base. Ainda que disciplinado, o soldado Michael Green tinha sido descuidado. Jorge retirou o HD ali detrás do computador do caixa do café, para confusão de todo mundo trabalhando, e deu uma desculpa para sua chefe dizendo que precisava ir cuidar de uma emergência familiar. Volta pra casa com um disco do Bad Brains no máximo, no som do carro, gritando como um animal, em êxtase absoluto. Depois de anotar as coordenadas numa folha de papel, destrói o computador em que as leu e joga tudo numa pilha de lixo num bairro distante ao seu.

No Google Earth não se via nada ali nas coordenadas, claro. Um aplicativo que começou como projeto militar jamais mostraria algo que compromettesse os interesses estratégicos do império. Só se vê árvores, como em toda a floresta em volta. Mas ele não acreditou no que tava vendo, foi com seu carro até onde a estrada mal cuidada levava, adentrou o mato a pé e encontrou uma trilha sutil, mas marcada, e depois de alguns quilômetros apareceu uma cerca de arame farpado eletrificado, que ele ladeou por mais algumas centenas de metros até surgir discretamente, de longe, mal escondida pela vegetação frondosa em volta, uma estrutura cinzenta, com tipão de bunker, camuflada nas bases, metida no meio do mato. Não muito grande, facilmente passa por subestação de energia ou pequeno observatório científico.

Foram mais três meses de obsessão infrutífera e agoniada até que Jorge conseguisse descobrir qual era a empresa de limpeza do furgão que ele via

chegar uma vez por semana na única estrada capenga que levava até aquele canto da floresta, sendo encontrado no meio da mata por uma caminhonete compacta e camuflada com dois homens armados e não-uniformizados. E foram mais semanas de desenrolo discreto e paciente até Jorge conseguir um emprego como zelador na empresa. No início, ele penou para aprender a fazer o trabalho direito. A maioria das suas colegas era de mulheres mais velhas. Tratavam-no como um mascote e riam da sua inépcia de iniciante com tudo. Seus pais ficaram sem entender sua súbita disposição para trabalhar com aquilo, tão fora da sua área de aptidão, ganhando um pouco menos e trabalhando mais duro. Ele insistiu que seria bom para ele aquele tipo de trabalho por um tempo e ainda exagerou que sempre gostou de fazer faxina, que gostava por ser quieto, fazia sua mente espairecer. A mãe olhou pra ele como se estivesse falando algo patentemente falso (o que ele estava, seu quarto era um pardieiro desde que sua mãe parou de arrumá-lo). Mas deixaram quieto. Não contou o motivo real nem para seus amigos, nem para os interessados nesses assuntos. Passou a presumir que estava sendo seguido, mas fazia o possível para não dar a pinta de que sabia disso. Não entrava mais no IP de casa em nenhum fórum de hackers e técnicos de TI. Nem baixar filme pirata ele baixava mais.

Todos na empresa pareciam entender que se tratava de uma base sigilosa, mas não se falava nisso diretamente, tratavam a coisa como uma piada. A supervisora, Mercedes, chamava só de “os clientes gringos”. Quase todos na empresa desgostavam em particular daquela tarefa. Afinal, como não dava pra chegar de carro, tinha que levar alguns dos materiais e produtos de limpeza na mão e caminhar um pouco no mato com tudo, toda vez. Uma vez por semana. Os guardas que os escoltavam não ofereciam pra ajudar.

Jorge passou a insistir para Mercedes, tentando não soar animado demais, que gostava de fazer aquilo sozinho, gostava de como era mais quieto, gostava da viagem até o mato. Os guardas não eram hostis, mas nem todo mundo gosta de interagir com gente segurando metralhadora. Ainda mais gringos segurando metralhadora, em uniformes que nem uniformes são. Não eram hostis, mas mantinham a hierarquia e uma divisão simbólica clara entre os zeladores nativos e os funcionários do lugar.

A partir da sua segunda visita, Jorge já conseguia entrar e conseguia ter acesso a quase tudo da parte térrea do prédio, já que limpava o lugar quase inteiro. Ficava cinco a seis horas ali, varrendo e passando pano em todo

canto, fora duas salas pequenas e um setor inteiramente trancado, com um guarda na porta o tempo inteiro. Ficou com vontade de mijar no primeiro dia, de excitação, como ficava em lojas de HQ quando adolescente, na primeira e única viagem que fez com sua família para Buenos Aires. Mas a excitação infantil durou pouco, Jorge não viu nada demais. Os computadores desligados, pastas fechadas. Achou-se um idiota. Claro que não seriam tão descuidados assim. Mas o lugar era estranhíssimo, ele já se sentia excitado de poder absorver tudo aquilo. Fazendo o possível para disfarçar seu interesse como zelo por limpeza. A impressão é de que o lugar havia sido redesenhado a partir de uma outra função inicial, as instalações antigas mal ajustadas para as funções atuais, alguns cantos abandonados, portas com móveis obstruindo. A pequena aparência acima também não denunciava a grande extensão pra baixo, pelo que ele pode bisolhar rapidamente num diagrama na parede. Tinha mais seis andares subterrâneos, um volume muitas vezes maior do que parecia sugerir o pequeno topo discreto que ficava pra fora da terra. Jorge só conseguia descer nos dois primeiros andares subterrâneos e mesmo assim só na sua parte de trás, que funcionava como área de serviço. Jorge não foi encarregado de limpar essa parte, só de procurar por rodos e vassouras velhas guardadas num antigo depósito. Mesmo sem poder ficar ali muito tempo, sentiu notar em alguns traços dos móveis mais velhos, principalmente no banheiro, traços de um uso sustentado. Teve uma impressão forte de que em algum momento houve pessoas que moravam naquele lugar para cuidar da limpeza. Jorge sentiu uma irmandade inesperada e estranha com aquelas pessoas, quem quer que tenham sido.

Os guardas eram um pouco tontos e distraídos, mas não tanto. Ficavam no celular o tempo todo, mas também não o deixavam sozinho com nada importante. Qualquer movimento fora da rota padronizada de um zelador era encarado com incredulidade quase agressiva. Botar um pendrive num CPU, por exemplo, revelou-se um plano impraticável. No térreo, onde ele fazia o grosso do trabalho, tinha o que parecia ser uma área comunal, com um pequeno refeitório, além de três escritórios administrativos. Em todos os cômodos, Jorge tinha que limpar camadas de algo que ficava empestado nas cadeiras e nos pisos. Algo que não era gordura, nem qualquer forma de poeira reconhecível. Uma resina fedida que se pegava nos dedos e custava a sair de tudo que tocava, mesmo indiretamente.

Nas primeiras vezes que ele viera, o lugar estava quase vazio. Ele só es-

cutou vindo de baixo o que lhe pareceu gritos de animais, mas abafados. Poderiam estar vindo de fora, mas eram gritos que Jorge não lembra de já ter escutado antes. Alguns agudos e agoniados, outro guturais e doídos. Isso podia ser impressão, ele sabia que estava muito abalado de estar ali dentro. Mas a partir da terceira vez, o lugar sempre tinha uns quatro ou cinco pessoas trabalhando. Foram se acostumando com a ideia, Jorge pensou. Ótimo. Constrangidos com sua presença, a maioria sem olhar pra ele. Ele evitava encarar os homens de jaleco, tentava agilizar o processo de se transformar naquilo que o zelador costumava ser na maior parte dos prédios. Um fantasma, parte da paisagem. Nesse caso, era exatamente assim que ele queria que lhe tratassem, muito obrigado. Mas mesmo fazendo o possível para ignorá-los, Jorge logo começa a notar lá dentro uma pesquisadora que destoava dos outros. No meio de uns seis brancos azedos e incrivelmente indistintos, tinha essa menina com tipo de nativa americana, linda e estilosa, com tipo meio de punk, quase. Lembrava de longe algumas garotas que ele tinha cultuado na adolescência, todas do mundo punk de Bogotá e seus arredores sociosexuais, mas não se parecia de fato com ninguém que ele já tivesse visto. Cabelo curto e liso em tigela, duas mechas mais compridas correndo ao lado das orelhas. O contexto deixava tudo mais vívido e ultrajante, com certeza. Jorge tentava não olhar demais, mas ficava fascinado por ela. Todos sempre paravam de falar sobre trabalho quando Jorge estava por perto, exceto ela, que precisava receber um toque explícito de algum colega para fazê-lo. Numa dessas, a garota parecia estar discutindo passionavelmente algo, batendo na mesa e dizendo que ‘ela’ (quem?) estava sofrendo, que não dava mais pra continuar daquele jeito, ela não aceitava mais aquilo.

(Continuar com o quê?)

Jorge continuou nessa por três meses. Dormindo mal e suando frio toda vez que ia ao lugar, toda sexta-feira. Tendo pesadelos péssimos da sua casa sendo invadida por gringos de terno iguais ao agente Smith do filme. Pensou ter notado umas olhadelas estranhas da garota pra cima dele, mas devia ser impressão. Ele pensava em desistir, mas abandonar aquilo depois de chegar tão longe parecia desperdício. Ele não aguentava mais o cheiro de desinfetante entranhado nos dedos. Qual não foi sua surpresa, um dia, estacionando perto de casa, em ouvir uma voz vindo do escuro, do intervalo entre dois carros.

— Jorge Sepúlveda. Ou melhor: ACIDNEO. Boa noite. Foi quase difícil te

encontrar, parabéns.

Ele mal conseguia ver a silhueta, mas sabia quem era imediatamente. Olhou em volta, assustado, achando que tinha sido ganho, que era isso. Acabou. Que homens encapuzados o botariam numa van e pronto, adeus Jorge. Mas ela estava sorrindo um sorriso safado e estava sozinha. Era com alguma distância a mulher mais bonita que Jorge havia visto na vida.

— Boa noite. Você trabalha no laboratório, não é?

— Sou. Mas relaxa, eu não tou no time deles. Você também não.

— O que você tá fazendo nesse bairro? Turistas não costumam chegar aqui.

— Eu não sou turista. Estava te procurando, Jorge. Você está pronto para descobrir a coisa mais incrível que já foi descoberta por alguém?”

60.

Abri o Instagram e saí rolando o dedo freneticamente. Tava lá um bando de gente bonita arrumada pro dia, uma gatinha das astrologias de internet com um terceiro olho pintado na testa posando do lado dum menino moreno fantasiado de loira do tchan; tava lá o Gabriel com dois caras muito fortes, os três fazendo uma mesma virada e agachada ao mesmo tempo e rindo muito; e tava lá a Juliana com uma roupa de malhação anos oitenta com uma amiga vestida de gótica intensa cavernosa, as duas fazendo cara de sério, a única descrição da foto era a frase “hashtag tamo na gincana é pra ganhar mermão” (ela sempre escrevia hashtag ao invés de escrever “#”). Então era da Juliana mesmo que ele tava falando. Eu tentei entender onde ela tinha tirado a foto e de repente reconheci MONACO CENTER em verde refletido atrás delas. Eu sabia direitinho onde ela tava.

Tinha vinte minutos que haviam postado a foto, tirada na 202 Norte. Eu penso se vale ir atrás do carro ou se vou a pé. Teria que atravessar toda a meiuca do Plano, uma extensão que não era muito feita pra ser atravessada a pé, ainda mais só. Vou com o passo apressado cruzando o setor bancário e de autarquias, alguns doidos já derruídos vomitando pelos cantos. O caminho é bem mais comprido que eu imaginei, mas eu chego lá em meia hora, com passos largos. Já suando bicas, pizzas crescentes debaixo dos braços. Não encontro a Juliana, mas encontro o Cristóvão rindo com duas amigas, sem camisa, com uma maquiagem toda borrada, círculos concêntricos vermelhos pintados pelo corpo. Fico perto dele fingindo que tou mexendo no celular, certo de que ele não me reconhecera.

— E agora, e agora, cadê a galera?

— Sumiu todo mundo, sumiu todo mundo.

— Tinha que encontrar a mulher vestida de abacaxi, cadê a mulher vestida de abacaxi.

— Porra, tu também é muito fissurinha, Cris.

— Eu? Quem que tava me pedindo há meia hora atrás? Aaahn?

— Eu tava, mas não era pra perder também da galera.

— A culpa não é minha se o Gabri some com a garrafinha, né, querida?

O bloco que tava concentrando por ali, o Calango Careta, já tinha saído. Eu vou andando na direção dele tentando manter o Cristovão à vista e rezando pra que minha intuição de que eu devia seguir o bonde e o o bloco estivesse certa. Tinha vários amigos próximos do Fernando entre os criadores do bloco, afinal. Eles tão fazendo a tesourinha, o lagarto na frente com a banda em volta, quando eu vejo uma menina vestida de abacaxi andando na direção contrária, sozinha (lembrou com força uma figura do jogo que tavam jogando na festa no dia que o Fernando se espatifou no chão, embora em seguida eu perceba que no jogo tratava-se de uma mulher-cenoura). Ela é baixinha, vesga e morena e seus braços e pernas estão cobertos do que parece ser uma roupa retalhada de casca de abacaxi de verdade, a cabeça ostentando uma coroa enorme de cartolina verde. Eu chego nela com o que deve parecer desespero:

— Ei! Você que é da gincana, né?

Ela entorta a cabeça como se estranhasse.

— Ih, meu bem. Cê tá participando? O povo já tá lá na frente, viu?

— Eu me perdi deles. Que que tem que fazer agora?

Ela fez uma cara de preguiça, repetiu num tom de quem já havia dito aquilo várias vezes.

— Agora tem que seguir o calango até o museu. Lá tem que achar um de três marinheiros solitários e tentar conquistar um deles pra ele te dar a dica seguinte. Tinha todo um salamaleque que eu decorei, mas não vou fazer só pra você, tá, meu bem? Tou exausta. Tenho que ir cuidar do meu pai, que já deu P.T. Boa sorte aí. Se joga. Destrói.

Ela fala isso num cansaço enorme, eu agradeço e ela dá uma rodopiada perfunctoria com o dedo em resposta. Decido que não vou seguir o bloco no ritmo deles, que vai e volta, se derrama pros lados e às vezes para pra esperar um instrumentista que ficou pra trás. Vou andando dum jeito firme até o museu. Fico imaginando as pessoas que tão fazendo aquilo sabendo que merda que tá acontecendo, como devem estar achando graça de tudo, rindo de todas as etapas e de suas piadas internas. Enquanto eu ia atrás dum jeito compulsivo e agoniado, sem ter ideia do que eu esperava encontrar.

Em volta do museu não tem muita gente. Vai ter coisa lá mais tarde, mas por enquanto tem só os skatistas de sempre na frente do espelho d'água, uma

viatura da polícia estacionada por perto. Eu fico zanzando por lá até encontrar um marinheiro mexendo no celular, sozinho. A desenvoltura com que eu chego conversando com ele chega me surpreende.

— Tá solitário, marinheiro?

— Oi, amor.

— Você tem a dica?

— Eu só dou minha dica se ganhar um beijo.

Dou um beijo na bochecha dele.

— De verdade, né?

Eu não beijava um homem devia ter uns quinze anos. Tinha esquecido da sensação da barba pinicando a cara. Compro uma cerveja imediatamente depois pra combater o gosto péssimo de cigarro mentolado.

— O Renato tá vestido de Hermes Trismegisto. Mas antes de falar com ele você tem que achar a tábua de esmeralda.

— E onde tá a tábua de esmeralda?

— Aí é contigo, meu bem. Só me falaram isso.

61.

Eu continuei zanzando nos arredores do museu, na Esplanada, naquela extensão desgramada de cimento, fuçando o Instagram atrás de mais uma dica, sem sucesso. Foi quando notei uma faixa verde-clara fincada no gramado, ali do lado da rua que levava até a L2 sul, dizendo “ATENÇÃO AOS GINCA-NEIROS PERDIDOS, LA TÁBUA SMARADIGNA SE ENCONTRA-SE NO PIAUÍ.”

Eu dei um pequeno soco no ar, de comemoração. Igual uma pessoa tonta. O Piauí era logo ali perto (uma distribuidora de bebidas, não a unidade da federação). Fui pra lá quase correndo. Não devia parecer a pessoa mais normal do mundo. Chego lá rápido, cruzando de novo o setor de autarquias, que parece mais desalentado e cavernoso com a noite caindo.

O Piauí está cheio, como eu imaginava que estaria. No gramado por trás do bloco comercial tá acontecendo o show dessa tal banda, Galactus. Lembro que Bia e alguns amigos do Fernando gostavam dela, ele próprio eu não sei dizer. Os membros da banda eram todos homens carecas e barbudos, tocavam tristes, olhando pra baixo, pra umas quarenta pessoas, a maioria bem pouco carnavalesca, curtindo num balanço preguiçoso. Eu vejo que a menina que eu conheci (Natasha-todoynada) tá bem na frente, amarradona. Por um instante eu imagino ela como a arquiteta por trás de tudo, manipulando os amigos do Fernando que ela nem conhecia. Achei graça nessa possibilidade, ainda que remota.

Mas nada de tábua de esmeralda por ali. Compro mais uma cerveja com uma tiazinha cansada e fico tomando devagar, vendo o show de longe. A bebadice já me tomava, a visão dobrando. Segui zanzando até encontrar o Paulinho fantasiado de Quico, do Chaves. Ele parece exausto e chapado de alguma coisa que não álcool.

— E aí, fi? Nem tinha te visto ainda. Tentei te ligar mais cedo.

— Ah, pô, eu sempre saio sem celular. Já perdi, já quebrei, já furtaram.

— Boto fé. Tá certo. Tá participando da gincana também?

— Eu tava, mas desisti. Fritaço demais.

— Muita. Cê sabe quem que tá organizando, afinal?

— Sei não. A Bia tinha falado que era um cara de BH, mas eu ouvi falarem

que não era não, que o cara que falam de BH é um maluco que mora aqui e que é do Goiás, ali de Santo Antônio do Descoberto.

— O tal do Renato?

— É.

— E ele apareceu?

— Ele apareceu no começo, ué. Cê não viu? Lá no CONIC. Cê tava lá? Vestido de carteiro, todo comédia. Subiu em cima de uma caixa e deu um discurso todo absurdo sobre comunicação. Eu já tava trêbado, entendi foi nada.

— Não tava não. Eu cheguei no meio.

— Nem sabia que dava pra chegar no meio.

— Pois é.

— A Juliana que me convenceu. No início achei que ia ser divertido, mas sei lá. Aquela parada de ter que abraçar vinte estranhos eu gostei. A coisa de cantar todo mundo daquele jeito eu também achei massa, a coisa meio musical e tal. Mas no meio do caminho foi ficando deprimente. Tipo meio forçado demais.

— Que que vai ter no final, será?

— Ah, eu nem tenho saco, sabe? Essas piadas do Fernando vão perdendo a graça. Se arrastam demais. Parece aquelas festas que todo mundo já tá doido pra ir pra casa, mas tem uma pessoa cheirada que é inimiga do fim e não se toca.

Eu concordo, a gente fica em silêncio olhando pras pessoas em volta.

— Paulinho, vem cá. Eu sei que nada a ver perguntar isso. Mas já bebi pacas então vou perguntar.

Ele faz uma cara de quem já tava constrangido.

— Aquela história do vídeo.

— Ahm?

Fez uma cara de sonso.

— ...

Eu só encarei ele com firmeza, com cara de “nem vem”. Algo que eu nunca tinha tentado com ninguém.

— Cê quer saber mesmo? Tem certeza?

— Muito. Cê não tem noção.

— Isso tem muitos anos, véi. Tem nada demais, não. É besteira. É só um negócio muito deprê. Vou contar do jeito que eu lembro.

Ele suspira profundamente antes de começar, alonga os braços.

— Cristovão tava pegando a Juliana uma época e na mesma época ela ficava às vezes com o Fernando também. Isso quando todo mundo tava no ensino médio ainda. Dezesesseis, dezessete. E os dois ficavam numa onda idiota de disputar quem que ela curtia mais, quem que comia ela melhor, negócio bem adolescente. Eles tinham muito essa coisa de competir um com o outro. Com tudo. Sempre tiveram, desde que conheceram. E um dos dois inventou que eles iam filmar ela transando com os dois pra eles poderem julgar. Tipo com quem que ela gozava mais forte, sei lá. Isso sem contar pra ela. As ideia. E aí no dia que o Cristovão foi fazer isso, lá na casa daquela galera do Lago Norte, onde geral transava no ensino médio, o Fernando sabia que ia rolar e chegou no meio. Transaram os dois com ela com a câmera escondida no quarto. E alguma coisa baixou no Cristovão na hora, não sei se pra competir com o Fernando de algum jeito ali, que ele começou a tratar a Juliana muito mal, esculachar mesmo, muito além de qualquer sacanagem normal ali do momento, sei lá. O vídeo terminava com ela parando e chorando e o Fernando desligando a câmera. Os dois brigaram e depois o Cristovão esparrou o vídeo pra altos amigos.

— Ele te mostrou?

— Mostrou. Pra mim e pra metade dos moleque do Sigma, metade do Marista. Sem nem avisar o que que era. Chegou e pum, botou na TV da sala dele quando tava eu mais uns quatro moleques. E o mais bizarro dele fazer isso é que ele é quem tava bizarro no vídeo. Ele virava um animal no final, era um negócio que assustava. Mas ele botava e falava: “Cês tão vendo o tanto que a Juliana é putinha”. Depois disso a Bia queria matar ele, chegou a morder e unhar a cara dele sinistro primeira vez quando encontrou. Sinistro.

— Boto fé.

— Ele jura que só mandou pra alguns conhecidos, mas em pouco tempo a parada tava correndo por Brasília inteira. Cê sabe como homem é com essas merdas. A Ju quase se mudou. Ela tipo mudou total de personalidade de-

pois dessa parada. Tu não tem ideia. Mas a gente nunca mais fala sobre, virou meio tabu com geral.

— Sei.

— E o bicho se afastou de todo mundo, foi pra São Paulo fingir que estuda arte na FAAP. Tá eternamente no 2o semestre, pelo que me contam. A única que perdoou foi a Juliana. Eu não entendo como. Ela diz que a gente não entende a relação do Cristovão com o Fernando, que ele era o mais apaixonado pelo Fernando de todo mundo, que o Fernando manipulava ele, chamava ele de burro, fazia ele se sentir um merda, que foi ele quem fez o Cristovão fazer o vídeo, não sei quê. Eu sei lá. Eu sei que é muito bizarro a pessoa agir do jeito que ele agiu e querer que os outros vejam. Parecia que ele queria que a gente olhasse bem pra ele ali e visse que ele era muito escroto. Eu olhei e vi. E pra mim deu. Não dá mais. Pra que vou perder meu tempo sendo amigo de um cara desse?

Eu agradeço o Paulinho, que parece abatido depois de contar a história. Ele diz que vai caçar a menina com quem ele tava ficando, mas acha que ela já deve ter entrado em outra.

Me aproximo de novo do show, que já tá acabando. O cara murmura umas coisas muito vagas sobre política, amor e o Brasil antes da última música, o que provoca um único grito entusiasmado, quase ultrajado, mesmo, de apoio de um cara magricelo vestido do Aladdin da Disney.

Eu vou me achegando da Natasha discretamente, como quem não quer nada. Assim que a última música acaba e as pessoas começam a se dispersar, eu passo bem na sua frente.

62.

“

ESPERA

TEM MAIS! (3)

Em maio de 2008, um pequeno grupo independente de pesquisadores, todos da Universidade da Flórida, todos trabalhando no observatório de Arecibo, em Porto Rico, pensou ter encontrado sinais de uma transmissão extraterrestre. Os cinco profissionais tinham bolsas de pesquisa em institutos públicos, todas elas em áreas mais tradicionais e respeitáveis da astronomia e astrofísica, mas tentavam arrumar toda e qualquer fresta possível no uso oficial dos aparelhos para varrer o céu atrás de sinais de vida, sempre que podiam. O leigo pode imaginar que estaríamos sempre varrendo o céu em busca de sinais externos, mas o céu é vasto, nossos instrumentos são escassos. O ânimo não era mais o mesmo dos anos sessenta e setenta, quando esse tipo de pesquisa (SETI, pros íntimos) começou a engatinhar. O silêncio das últimas décadas tinha desencorajado mesmo os pesquisadores mais obstinados. E o contribuinte geralmente não gostava de descobrir que estava financiando empreitadas quixotescas de ficção científica com sua grana suada. O último esforço significativo da área nos EUA havia sido privado, liderado por uma pesquisadora agilizada e obcecada, durou de 1999 a 2004 fazendo algum barulho. E mesmo eles só haviam conseguido poucas horas por semana de acesso ao céu. E não encontraram nada, claro.

Esse grupo da Flórida, como outros tantos, fazia o seu trabalho com um zelo oficioso de quem sabe que a busca é coletiva e comprida e que simplesmente não há como saber se esperavam por algo que jamais viria, se viria daqui a milhares e milhares de anos ou se chegaria amanhã. O silêncio era desolador, mas além dum sentimento abstrato de dever científico havia, claro, a remota possibilidade de encontrarem algo. De serem eles o primeiro grupo de pessoas a receber uma transmissão de vida alienígena. Para todos os cinco (vamos lá: Alberto, Rosana, Michael, Elizabeth e D’Angelo) aquela seria a maior glória concebível para um ser terrestre.

Portanto, quando Rosana pensou ter encontrado traços finíssimos vindo da varredura de rádio de um sistema solar relativamente próximo (14.5

anos luz de distância), ela tomou seu tempo conferindo os parâmetros e os dados pra garantir que não tinha feito besteira. E não tinha. Desde os anos cinquenta que se especulava que sinais estreitos seriam o sinal mais provável de uma transmissão deliberada. Nenhum fenômeno natural conhecido era estreito assim. Se não fosse ET, seria uma anomalia nova (ou seja, um artigo suculento, no mínimo, quem sabe algo maior).

E tinha mais. O sinal estava justamente na janela especulada de transmissão ótima, a chamada ‘janela de microondas’. A faixa por onde se espriam ondas que podem penetrar as camadas de poeira cósmica e chegar sem tanta interferência do ruído terrestre. Era tudo perfeito. Quase perfeito demais. Rosana emitiu um barulho agudo como guincho de golfinho diante daquilo, mastigando seu próprio cabelo com uma voracidade incomum.

Demorou mais de um dia para mostrar para os colegas. Duas noites de suor frio e nenhum sono, repassando tudo na cabeça. Michael, D’Angelo e Elizabeth acharam que era piada, a princípio, mesmo Rosana sendo nada piadista, a mais austera e rigorosa de todos. Os quatro demoraram duas semanas para compartilhar a descoberta com o supervisor, Alberto (membro reticente mas fiel do grupo, o maior responsável por eles efetivamente terem acesso aos aparelhos e portanto aquele que corria o maior risco pessoal sempre que eles faziam algo irregular). A hesitação dos pesquisadores de conversar sobre aquilo com qualquer pessoa de fora do grupo era total. Além dos cinco terem formado um grupo social bastante hermético ali em Porto Rico, o fato era que tanto na academia quanto na circunscrita vida social dos cinco ali, a obsessão com extraterrestres havia sido um tremendo obstáculo e um obstáculo doloroso, para cada um dos cinco, ainda que sob intensidades e modos distintos. Todos eles aprenderam, com algum custo emocional, que o resto da sociedade encarava aquela obsessão com vida extraterrestre como algo infantil, na melhor das hipóteses, ou inteiramente maluco, na pior. Como se não fosse uma das fronteiras mais fascinantes do nosso conhecimento, uma das questões mais profundas postas inteiramente em aberto (eles todos diziam, uns aos outros, com frequência, na mesma incredulidade repisada em comum).

O que eles aos poucos conseguiram determinar com relativa e ansiosa certeza era que um sistema solar a 14.5 anos-luz aqui emitiu algo, por cerca de nove minutos, em maio de 2008. Sempre possível que se revelasse uma irregularidade desconhecida da atmosferas dos planetas ou alguma interfe-

rência imprevista, mas não parecia ser. Essa foi a transmissão inicial, captada por Rosana. Era regular o bastante para parecer uma transmissão, mas mudava muito lentamente e não havia, de cara, redundâncias gritantes para iluminar a sua própria autodecodificação. A primeira coisa que fizeram foi procurar por números primos, na antiga confiança de que a mais pura e abstrata das ciências seria a escolha mais evidente para estabelecer uma linguagem comum. E nada.

O método para distinguir esses sinais no meio de todo o resto não é simples, dependendo de duas medições indiretas que podem dar errado de incontáveis maneiras (desde literal poeira cósmica até alguma erro de processamento interno na hora de registrar os dados). Por isso demoraram tanto para ter certeza se estavam, de fato, encontrando uma transmissão deliberada ali ou apenas se esforçando demais para encontrar regularidade complexa numa massa confusa de dados soterrados por uma cambada de camadas de mediação.

D'Angelo lembrou que as empreitadas de mandar comunicações extraterrenas até então geralmente começavam tentando ensinar aos nossos colegas alienígenas alguma linguagem binária nos primeiros pulsos. Enquanto se esforçavam para decodificar aqueles primeiros trinta segundos, a equipe passou a sintonizar exatamente naquela banda, esperando possíveis transmissões seguintes. Mas só conseguiam fazê-lo meia hora aqui, meia hora ali. Sem continuidade. Rosana se mordida toda noite de imaginar que poderiam estar perdendo novas transmissões.

Alberto, o supervisor, demorou para aceitar que aquilo era real, muito porque mal conseguia imaginar a dificuldade que teria de divulgar a descoberta, se chegasse a este ponto. Sempre sonhou com aquilo, claro, mas nunca chegou a se planejar efetivamente para a sua vinda. O pavor de encontrarem alguma inconsistência evidente no que encontraram foi o primeiro sentimento que lhe veio. Aquilo acabaria com a sua carreira, já medíocre, de vez. Ele realmente não queria ser mais um doutor desempregado.

Pensou em entrar em contato com amigos antigos e bem sucedidos, os mais confiáveis, para pedir conselho. Mas mesmo eles Alberto tinha medo de alienar. Achou melhor esperar, mas também se arriscou como nunca na carreira, permitindo que seus subordinados tivessem acesso quase irrestrito às máquinas, mentindo para dois funcionários do observatório e manipulando o protocolo de registro de uso das máquinas pelo menos duas vezes.

Em 2 de junho de 2008 conseguiram deixar os aparelhos dedicados para aquelas bandas toda noite, das 20h até 4h. Novas transmissões chegaram só em julho, quando já estavam prestes a desistir (e sem terem avançado nada na decodificação da primeira transmissão). Dessa vez, três horas depois de repetir a transmissão de nove minutos, chega uma transmissão de noventa minutos, seguida, doze horas depois, de uma transmissão de cinco horas. O grupo ficou absolutamente extasiado enquanto recebia aquilo. Eles se sentiram ainda mais abismados depois de confirmar que tinham gravado as transmissões direitinho. Foram buscar um HD externo de Elizabeth no seu apartamento ainda naquela noite, para gerar redundância imediata dos dados, encararam a pequena caixinha preta para onde transferiram os dados como quem encaravam um objeto numinoso. Ainda estavam longe de sequer começar a decodificar o sinal, mas aquilo já parecia definitivo. Três transmissões de duração crescente e talvez de complexidade crescente. Era evidente que se tratava de uma tentativa de comunicação. O ruído cósmico não nos dá nada assim, de graça. Nunca deu antes. Eles haviam testemunhando o momento mais importante da história da humanidade até então.

Os cinco tomaram um porre, quatro deles como nunca antes na vida, no bar mais próximo do observatório, um lugar grande e cheio. Tequilas, cervejas e margaritas até a vista turvar. Mesmo Alberto e Rosana, que nunca bebiam com eles, transigiram. Os locais acharam muita graça daqueles cinco norte-americanos desajustados despirocando tanto. O sentimento era inacreditável, distinto mas igualmente forte em todos. Um companheirismo genuíno e fraterno carregado de uma intensidade emocional e intelectual quase insuportável de tão erótica. Todos sentiram imediatamente que tudo mudaria, não só para eles, mas para o planeta todo. Poderia ser um sinal para transformações sociais vastas. Espirituais, até, Rosana sugere, para o desconforto evidente de Michael. Mas eles ainda precisavam ter todo o cuidado, é claro. Analisar tudo com tripla atenção antes de divulgar, talvez começar a sondar alguns amigos de maneira bastante cautelosa, apenas de modo a ir obtendo confirmações parciais dos dados. Todos se viam divididos entre uma vontade imediata de gritar aquilo por todos cantos e um medo de se precipitar, tanto no caso de estarem errados quanto no caso de acabarem perdendo o manejo e controle da situação.

Ainda assim, antes da semana terminar, um deles, Michael, de todos o único protestante, branco e anglo-saxão até a última unha, nascido em Wis-

consin, fino como uma lombriga e assustado com tudo que não fosse campos de milho, subúrbios quietos e gente rosada e batista, sentiu o dever cívico de informar as forças armadas do seu país. Um pesadelo reiterado por três noites o havia deixado impressionado demais. Nele, o contato a princípio excitante com os alienígenas resultava rapidamente numa invasão e destruição da sua pátria (as cenas mais marcantes chupadas direto de Independence Day e Marte Ataca, com poucas mudanças significativas além da inclusão da sua família como protagonistas, o inconsciente de Michael não sendo dos mais inventivos). Michael tinha um tio coronel da marinha e esse tio conhecia um general velho muito bem situado desde Nixon com todas as agências importantes. Ligou para o tio de madrugada, de fora do apartamento que dividia com D'Angelo, na escada do prédio, hiperventilando, e demorou alguns minutos para conseguir se fazer entender. O tio ligou algumas horas depois para o general graúdo, seu superior e mentor, um homem sobranceiro, ressequido e artificialmente bronzeado, que pareceu receber tudo com muita naturalidade.

Esse general informou na mesma hora, ainda na cama, em seus pijamas, um diretor veterano de sua estrita confiança numa das agências de três letras. Os dois concordaram que deviam tomar conta da situação imediatamente e na rédea mais curta possível. Alberto foi contatado por seus superiores na Universidade e no Observatório, que lhe disseram que sua equipe toda precisava ir naquela mesma noite para Miami para se encontrar com um destacamento militar. Não soaram nada felizes de receber ingerência por motivos de segurança nacional e menos ainda de não serem informados do motivo. Alberto especulou, de improviso, e por cautela, que sua equipe devia ter acessado frequências proibidas por engano. Mas a sua vontade era de gritar o motivo real para aqueles homens medíocres e sem imaginação. Quando chegasse a hora, todos se curvariam a ele. Fingiriam ser seu amigo próximo em entrevistas, ele tinha certeza. Por agora, o importante era cooperar com os militares e, com sorte, impressioná-los. Ele se benzeu ao encarar o espelho.

A equipe foi toda convocada em meia hora em seus celulares pessoais. Rosana, Elizabeth e Alberto estavam no observatório, D'Angelo e Michael em casa. Os cinco se encontram no hangar militar da ilha, onde dois homens de terno os esperavam. Rapidamente embarcam num jatinho civil com piloto militar. Algo do tom e da mistura parecia incongruente, mas não é como se alguém ali tivesse um índice de normalidade para aquela experiência. Todos

concordaram, rindo como crianças, que a coisa toda parecia saída de um filme. Os homens de terno foram discretos mas respeitosos, chegaram a dizer que era “uma honra” escoltá-los. Mas não embarcaram junto. Os pilotos não disseram muito, pareciam militares na sua diligência agilizada e silenciosa.

Os cinco choraram assim que o avião decolou, impressionados com o luxo incomum de viajar num jatinho, ao mesmo tempo que notando com bom humor que aquele não era exatamente um veículo novo ou mesmo especialmente bem mantido. Tomaram outro porre com o frigobar abastecido do avião, especulando de maneira selvagem e entusiasmada a respeito do sinal que tinham gravado. Era um “olá”? Uma declaração de guerra? O anúncio do evangelho de sei lá que trem? Alberto tinha certeza que teriam acesso a todo recurso imaginável, os melhores criptógrafos e analistas do mundo. Rosana e D’Angelo temiam que a descoberta já fosse tomada de suas mãos. Eles teriam que insistir nisso, juntos, na primeira reunião. Queriam continuar participando, mesmo que sob supervisão, mesmo que sem liderar as equipes. Era direito deles, poxa. Eles tinham conquistado aquilo com a persistência deles.

Alberto ainda estava abismado do tanto que o sinal se encaixava com as especulações de décadas atrás. Era quase como se eles soubessem o que a gente esperava. Um sinal estreito bem na linha de 420 Hz, bem na frequência do hidrogênio. “Exatamente como Morrison especulou”, ele murmurou diversas vezes, como que para convencer a si próprio.

— Eles tão usando a canção do hidrogênio como fundo de redundância para alguma figura ainda obscura. É maravilhoso.

Não havia porque se surpreender, Rosana respondeu.

— A gente não sabe nada de como eles são, mas a química é uma só pelo cosmos todo. Pra mim sempre foi claro que a vida vibraria nos mesmos tons, no mínimo em tons análogos. Como que ela conseguiria evitar o hidrogênio, o carbono? Não tem como. A caixa de ferramentas é uma só.

Todos sentiram a beleza disso de maneira distintas. Elizabeth e Michael começaram a rezar juntos, de mão dadas, uma reza ansiosa. O tom pesado. D’Angelo pegou uma minigarrafa de vinho vazia e começou a cantar com voz de crooner canastrão:

— Didn’t know what time it was
the lights were low-ow-ow

I leaned back on my radio-o-o-o.

Os cinco completaram em coro os versos seguintes, como num filme, constrangidos e extasiados, em turnos. “Starman” era uma canção compartilhada por todos há muito tempo. Rosana e D’Angelo se beijaram depois de anos de tensão sexual mais carregada que dinamite. A sensação de êxtase jorrado em comunhão, gozando do que já veio e ainda mais latejante de expectativa pelo que viria, só foi quebrada com a imagem literalmente incrível dos dois pilotos saindo da cabine com o que parecia ser paraquedas e máscaras de oxigênio, abrindo a porta do jatinho em seguida. Um deles segurando uma caixinha metálica laranja com pontas que davam sinal de ter sido arrancada da cabine. A depressurização súbita joga três deles pro fundo e pro teto do avião, arrastando Rosana num pulo –sem cinto e do lado da porta – para o frio lá fora. Elizabeth bate a cabeça com força no teto e desmaia, Alberto começa a amaldiçoar o país em que nasceu em espanhol. Os outros dois morrem chamando por seu Deus.”

63.

— Epa, oi! Caramba.

— Opa.

— Lembra de mim?

— Lembro sim. Claro.

— Curtiu o show?

— Ah, eu sempre curto eles. Curto desde as anta. E mesmo agora que eles só fazem imitar o Boogarins, eu ainda curto.

— Meio comédia essa vaib no meio do carnaval, né? Engraçado ouvir essas guitarrada barulhenta com as marchinhas tocando no fundo.

— Ah, eu achei maravilhoso. Na real eu odeio carnaval.

Eu rio um pouco. De algum jeito ouvir isso me alivia.

— É. Eu tava tentando curtir esse ano, mas no fundo também não gosto muito não.

— Brasília não deve ser o melhor exemplo, convenhamos. Cuiabá e Goiânia também não. Então sei lá. Deve ser legal em alguns lugares, super consigo acreditar que seja. Pelo menos pros outros e tal. Mas não é pra mim, não adianta. Beber na rua, sol na cara, gente demais. Tudo que envolve carnaval pra mim é desagradável.

— E cê viu esse negócio da gincana?

— Vi, claro. Babaquice do caralho.

— Eu não entendi direito a onda. Até participei de um pedaço, mas cansei. Você sabe quem tá organizando?

— O Fernando tem uns amigo muito cuzão. Sério. Pela mãe do guarda. A gincana que ele tinha pensado era uma ideia totalmente delirante, mas era mil vezes mais interessante que isso. Bando de playboy retardado.

— Qual era a ideia?

— Que eu saiba ele nunca chegou nos detalhes. Pra variar. Mas a princípio a coisa era uma rede de ação direta para agenciar ocupações. A ideia era aproveitar a zona do carnaval pra sair ocupando várias paradas, convidando

quem passasse na rua a participar. Primeiro em latifúndio urbano abandonado, mas depois em escola e em outros equipamentos públicos, principalmente os abandonados. Depois ele entrou numa onda besta do Leandro e a ideia foi mudando, virou um negócio pra organizar ações anônimas de destruição de propriedade corporativa e de gente ricaça em geral. Pixar carro esporte, quebrar vitrine de restaurante chique. Um negócio onde alguém propunha uma atividade qualquer e qualquer um da rede podia ir lá imitar. E fazer o negócio atraente tipo um jogo, pra pegar os moleque. Deixar eles viciados naquilo. Gamificar a violência de classe, como ele próprio falou, achando o máximo.

— Caramba. Quê, véi?

— Doideira, né? Mó viagem, claro. Abestagem, como diz minha vó. Coisa de moleque que cresceu ouvindo Rage e querendo ser situacionista. Risos. Mas era isso, ele tava muito animado, mas pra mim era claro que não ia dar em nada. Ainda mais com a falta absoluta de noção de programação e de qualquer ação política do Fernando e dos amigos mais próximos dele. Era só um delírio juvenil e tal. Mas um delírio interessante, até. Mais ou menos. Aí essa galerinha quer fazer uma homenagem pra ele e monta um joguinho babaca pros amigo playboy ficar se pegando, derretendo de MD, falando um bando de merda pretensiosa e se achando o máximo. A própria subversão do sistema. Uó.

Ela faz uma mímica bem teatral de vômito, mais exagerada do que seu gestual de sempre (travado e curto). Claramente aquilo mexia com ela.

— Boto fé. Mas você conhece então a galera que tá organizando?

— Conheço o Lucas. O resto eu sei assim mais de stalkear.

— Sei. Sei bem.

Não sei de que Lucas ela tá falando, mas por algum motivo não consegui admitir que eu não conhecia. Ela parecia achar que a minha intimidade com o evento era maior do que era de fato. E eu devo ter gostado disso. Ela ri solta. Tava bêbada. Fez uma cara mais simpática do que eu imaginava ser possível nela.

— Na real descobri meio por acidente. Não posso nem te contar como. Mas aí perguntei pro Lucas, que conheço de twitter tem anos, e ele me explicou por alto.

— Do jeito que você tá descrevendo parece bem bobo mesmo. Mas quando você não sabe direito o que é uma parada acaba que ela sempre parece mais interessante.

— Claro. Noventa por cento de todo misticismo é obscuridade. Risos.

Ela diz “risos”, mas chega a rir de fato depois de dizer. Eu sorrio pra ela com o que espero que ela perceba que é afeição genuína.

— E você continua postando coisas lá né? É tu, não é?

— Eu posto no meu, sim. Mas não sei quem que tá postando na conta do cabuloso.

— Boto fé.

— Mas enfim, vou nessa. Minha carona já vai vazar. Fé, foco e garra aí pra tu. Destrói.

— Beleza, valeu.

Eu vou caçando um lixo pra jogar a minha latinha fora quando vejo que numa das árvores maiores, ali atrás do Piauí, tem um objeto retangular de um verde fosforescente, encaixado nas raízes e como que emoldurado por elas. Não sei como não tinha visto antes. Eu me aproximo com um sorriso bobo na boca e vejo que é uma placa dura de isopor pintada de verde com arabescos roxos cuidadosos. Tiro a placa das raízes e aproximo de um poste ali do lado para conseguir ler.

PARABENS!, VOCE QUASE COMPLETOU A GINCANA DO DIVINO COMEDIA

AGORA ENCONTRE HERMES 3G NO CÉU OU EM SEUS MILIUNOS AVATARES E COMPLETE A OBRA NO MUNDO DE ACORDO SUA PRÓPRIA SANHA & MANHA <<<O que está baixado é como o que está subido>>> SOPRO INTERNO – EXTERNO, PRA CIMA E PRA BAIXO, A + B (ABA, BABA, BABA, ABA) A MORTE NÃO É O FIM DA VIDA E O MUNDO TÁ MUITO, MUITO LONGE DE SER UM LIVRO, SIGAM-SE-LHE OS BONOS, OS RUINS E PRINCIPALMENTE OS MAIS OU MENOS

Aquilo me fez gargalhar. Não queria dizer muita coisa, acho, mas a voz do Fernando ainda soava ali debaixo, misturada ao resto. Eu concordava com a Natasha que a brincadeira toda era meio boba, nada radical, mas tudo bem, também. Não deixava de ser uma homenagem adequada a um amigo morto.

Ao lado mais solto e menos ansioso dele, o mais gozado e o menos dóido. E esse lado era tão verdadeiro quanto o outro. Fernando não tinha nenhuma invenção ou revolução pra fazer, tinha só aquele desbunde meia-boca, mesmo, requentado e mambembe. Pensei em levar a tábua comigo, mas era meio grande e não quis prejudicar a próxima pessoa que chegasse. Tiro uma foto com o celular e deixo a Tábua onde eu a havia encontrado.

64.

“ ESPERA

TEM MAIS (4)

Depois que a criatura foi engolida pela cratera e Paraíba Blade pulou lá dentro, as multidões foram se aglomerando em torno dela. Alguns começaram a pular em imitação, sem saber o que ia acontecer, mas poucos segundos depois uma massa rosa e verde começou a surgir de dentro em expansão acelerada. Quando ela chega à superfície todos conseguem ver uma outra criatura saindo do seu interior. Consideravelmente menor. Pequena no meio daqueles tantos avatares superpostos e acumulados densamente num espaço irreal. Um bicho peludo sem olhos e boca, com orelhas enormes e quatro cotocudas patas.

Um homem-lagarto pula na criatura e lhe dá um golpe, o que provoca um guincho e um pulso de energia que manda todo mundo pra longe, mas sem causar dano aos avatares. O homem-lagarto é logo repreendido com uma série de tiros e explosões.

A criatura de repente começa a emitir uma vibração que no jogo se desenha como espirais e padrões roxos geométricos saindo dela, criando um vapor denso em seu entorno.

Os avatares todos se engalfinhavam discutindo aquilo em muitas línguas. O que era aquilo? Era a mesma criatura de antes? Continuava sendo inimiga? Porque não parecia mais tão ameaçadora. Dava pra conversar com ela?

De repente, Zumbi, uma das jogadoras mais respeitadas do servidor principal e que não estava presente até então na batalha, aparece de dentro da cratera segurando um cajado, que ela finca no chão causando um estrondo impossível de se ignorar.

— Essa criatura não é dessa terra. Mas ela foi enviada pra cá, a gente não sabe por quem ainda. O monstro que precedeu sua chegada existiu para que vocês se unissem, se percebessem enquanto uma mesma galera. Mas a ameaça já morreu. Agora o que temos é a criatura. A gente não sabe os limites do poder dela. Mas a gente sabe que ela se alimenta de imagens. E ela produz imagens de volta, ainda que a gente ainda não tenha entendido como. Pra ela o mundo não é uma questão de luz, nem de ondas sonoras. As vibrações são

outras. Mas ela engole toda figura que a gente produz aqui dentro e ela reproduz essa figura de algum jeito. Então a partir de agora esse jogo não vai mais ser o caos violento e desenfreado que ele era. Tudo vai mudar aqui. De boa ou na marra, mas vai mudar. Cabou a era dos heróis e dos moleque. Chegou a era dos bicho e da gente.

Ninguém entendeu de onde que a Zumbi tinha tirado esse conhecimento todo, essa certeza, nem Renatinha e Mateus. Mas eles reconheceram o cajado de Evandro e todos receberam o seu e-mail no final do dia com o mesmo tom, dizendo que nunca mais voltaria e que os dois agora estavam responsáveis pelo jogo, com uma procuração assinada e escaneada em anexo, nomeando Renata, Gabriel e Mateus como diretores da empresa, mas impondo condições estritas de como levar o jogo adiante.

O CABOL seria radicalmente reconfigurado. O foco num combate incessante entre criaturas que se explodem sem muita consequência, morrem e renascem o tempo todo seria transfigurado para uma dinâmica colaborativa em que os jogadores teriam que gerir recursos escassos, desenvolver formas de colaboração criativa e empreendimento não-capitalista, fortalecer comunidades experimentais de cooperativa de produção e de crédito e demais formas de autogestão.

Antes de encaminhar esse plano, Renatinha e Gabriel foram ainda naquela noite procurar Gustavinho no galpão, depois de ele ter passado um dia todo sem respondê-los no celular. Chegam lá e encontram o lugar com as luzes ligadas e a porta da frente aberta. Gustavo se encontra deitado na cadeira de dentista, do lado de uma máquina toda aberta ligada a um CPU. Fiapos resinosos de um material que nenhum dos dois jamais viu antes ligam o corpo dele à máquina. Pareciam, ao mesmo tempo, pelos e cabos. Brotavam de todo o pescoço, da bochecha. A pele estava toda esgarçada e enrijecida, em volta desses fios. Ao botar a mão de leve, Gabriel teve impressão de que passava corrente por ali. O rosto de Gustavinho estava plácido. Nem morto nem vivo. Parecia um boneco de cera, mas um boneco de cera satisfeito.

Tinha uma folha de caderno do lado do corpo, dizia em letras de forma garranchudas que ele não estava exatamente morto e pedia para entrar em contato logo com a família. Havia instruções detalhadas de como removê-lo dali sem desligar a máquina. Os dois encaminham tudo pra família na hora. Os pais ficam em choque, mas vêm no dia seguinte para a cidade. Renata e Gabriel passam a madrugada ali, choram um tanto. Recebem os pais de Gus-

tavo e o deixam com eles. Renata e Gabriel nunca mais o veem.

No dia seguinte, ainda um tanto transtornados, sem ter dormido, os dois já começam a refazer o CABOL. As inúmeras perguntas que eles têm a respeito da criatura e de tudo que aconteceu acabam desaparecendo diante da nova responsabilidade. Três quartos do público do jogo foi embora na primeira semana depois de anunciarem as mudanças radicais. Ninguém entendeu nada. Boa parte dos jogadores mais fiéis já foi prontamente xingar a Synopticon e sua equipe de tudo que era nome nos fóruns.

A transição foi alucinante e confusa, a maior parte da equipe também abandonou o projeto assim que as possibilidades de monetização, que nunca foram ótimas, pareceram minguar de vez. Era quase impossível imaginar algum investidor aparecendo agora. Mateus mostrou-se incapaz de lidar com a pressão e cedeu seu cargo. Mas a minoria que continuou parecia bem envolvida com aquilo tudo e com a lógica que os jogadores foram engrossando muito além do que Renata e Gabriel imaginaram a princípio. A equipe reduzida da Synoption, que tinha que enfrentar os desafios de reestruturar o jogo com muito menos dinheiro disponível, acabou se bifurcando em dois grupos principais.

Renata tentava desdobrar a faceta do CABOL de rede social, que já estava semimontada, numa rede concreta de ação coletiva, em que demandas e grupos se organizavam para enfrentar problemas reais no mundo. A confecção de todas as camadas novas da interface eram uma dor-de-cabeça interminável, com os participantes do fóruns querendo ser incluídos em todo o processo. Aos poucos uma estrutura de assembleia foi se formando lá dentro. Mas isso também acabou distribuindo o trabalho, com a promessa de que a nova versão do jogo permitiria que os colaboradores que mais contribuíssem ganhassem ações da empresa por sua participação na construção da interface.

Já no final de 2013, pequenos movimentos ali dentro aos poucos começaram a invadir o mundo de carne e osso. Um mutirão para criar uma biblioteca popular de pensamento revolucionário dentro do jogo acabou virando, seis meses depois, um projeto de um espaço concreto no Capão Redondo, dentro de um centro comunitário abandonado. No início de 2014, um grupo que desenvolvia software livre para monitoramento de bacias hidrográficas montou um núcleo virtual no CABOL, onde ensinava essas técnicas para grupos de agricultores do semiárido.

Na Copa de 2014, acontece um suposto evento terrorista no Estádio Mineirão, em Belo Horizonte, com a participação bizarra de milhares de pássaros, relatos contraditórios de um ato grotesco no fim cometido por membros de um camarote VIP que resultou numa morte trágica muito comentada na imprensa e na internet. Chega-se a falar de uma espécie de ato sobrenatural contra as elites financeiras e o aquecimento climático, mas o consenso razoável é que parece ter se tratado de um caso estranho de delírio coletivo provocado por um grupo extremista confuso.

No mesmo dia, um consórcio internacional de jornalistas anuncia que irá divulgar ao longo da próxima semana os dados das contas de mais de cinquenta bancos de paraísos fiscais espalhados pelo mundo. Entre as fortunas ocultas, muitas delas de tamanho inexplicável, estavam as de dezenas de políticos e empresários brasileiros, entre eles quatro governadores e o vice-presidente da República em exercício.

Ao contrário de outros casos parecidos com aquele, não se tratava só de dados superficiais vazados por algum funcionário ressentido, de um banco ou firma de advocacia tributarista. O que o consórcio havia conseguido era o bruto dos extratos de meses das contas espalhadas por dezenas de bancos, de cinco paraísos fiscais distintos. Não havia precedente para a extensão daquilo e os especialistas não conseguiam explicar que espécie de vulnerabilidade técnica poderia ter permitido tantos ataques a tantos lugares distintos, todos bem protegidos.

O grupo anônimo de hackers, que dizia incluir gente de três continentes, não revelou como conseguiu aqueles dados, apenas incluiu um pequeno manifesto que ficou conhecido principalmente por sua frase final. Depois de mencionar as revelações feitas por Snowden no ano anterior e a desigualdade financeira brutal que arrastava e definia o mundo, diziam em caixa alta que:

<SE A PRIVACIDADE ACABOU, QUE ISSO CHEGUE TAMBÉM AO TOPO>

Alguns jornalistas estrangeiros independentes começam a associar o jogo CABOL com os eventos no Estádio e as revelações do consórcio, apontando expressões e símbolos presentes nos dois casos, o fato de grupos do jogo terem celebrado aqueles eventos com efusividade, mas essa discussão não sai de algumas franjas mais soltas do mainstream.

A mais extravagante explicação da conexão entre esses eventos, com certeza, foi aquela produzida por um vídeo misterioso postado no Youtube ain-

da em 2014, por um canal anônimo. Ganhou tração na internet como piada, a princípio, mas algumas pessoas pareceram levar a sério. Segundo esse canal, todos esses eventos haviam sido provocados por uma criatura alienígena de poderes inimagináveis. Essa criatura se anunciaria para toda a Terra assim que sua rede de articulação global estivesse grande demais para ser neutralizada. E, quando chegasse a hora, ela faria uma transmissão simultânea global para todos os canais e frequências disponíveis, dirigindo-se a todos os governos dos países ricos. Nessa transmissão, a criatura anunciaria sua aliança com outras formas de vida na Terra e ameaçaria o caos imediato e irreversível de seu sistema financeiro e de tráfego aéreo, se não começassem, imediatamente, a reduzir suas emissões de combustíveis fósseis, a equalizar a desigualdade brutal que define a humanidade e a desacelerar violentamente a marcha rumo à sexta grande extinção. E isso era só o começo de conversa. Outras instruções viriam. Ainda segundo esse vídeo, já estariam a caminho algumas entidades massivas do Fora vindo para nos visitar. Os criadores da criatura estariam vindo de galera e em mais de um tipo de veículo, com esporos de protistas e bactérias que a gente nem consegue sonhar, biotecnologias inimagináveis. Chegariam em três décadas. E poderiam chegar como amigos ou como inimigos, dependendo de como fosse nossa relação com o Verde da Terra até lá. A decisão era nossa. Uma pequena iconografia online já se criava em torno desse vídeo, em nichos radicais de ativismo ecológico. Não era claro quem tomava como uma gracinha elaborada, quem acreditava na história toda.

Enquanto isso, Gabriel tentava manter parte do público antigo do CABOL, encarregando gente de produzir memes que associavam a aparente chatice atual do jogo com uma dificuldade maior e portanto com qualidades heróicas e masculinas tradicionais. Do tipo: Foda mesmo é quem gasta horas numa assembleia virtual para decidir como montar uma rádio comunitária democrática. Esses jogos de sair dando tiro e explodindo todo mundo? Isso aí é tudo coisa de moleque.

Os memes não faziam muito sucesso. Comparado com a alucinação divertida de antes, a grande maioria dos adolescentes achava o novo CABOL arrastado e incompreensível. Os mais apaixonados de antes se viam completamente enraivecidos por verem seu jogo querido ser transformado no que lhes parecia uma versão emasculada e “politicamente correta”. Parte do público adolescente masculino já falava que o jogo era coisa de esquerdopatas,

feministas, viados e hippies insuportáveis. O que, por sua vez, claro, passou a atrair todos esses nichos com força redobrada.

Gabriel, de resto, sem conseguir entrar muito na onda de Renata, tenta emplacar uma moeda alternativa de dentro do jogo, inspirado no Bitcoin, insistindo que isso seria uma extensão da diretriz deixava por Evandro. Renata não compartilha seu entusiasmo pelo blockchain como uma saída do sistema financeiro internacional, enche o ouvido de Gabriel com preocupações sobre o custo energético galopante da mineração digital e por isso prefere não integrar a moeda dentro da rede de ação coletiva orientada a problemas que o CABOL começa a formar. Gabriel concorda, até prefere manter seu projeto separado do dela. Ele até acha bonita a ideia de uma rede coletiva orientada a problemas, mas sem nenhuma chance de se tornar viável.

Dentro do jogo, a criatura começa a viajar pelo território devastado do Brasil, recuperando pequenos riachos, descontaminando a terra de mercúrio, junto com um séquito de jogadores que fazem peregrinação com ela, liderados por Zumbi e seu cajado.

Nem Renata nem Gabriel poderiam imaginar que de fato a criatura de carne e osso estivesse comparecendo a alguns dos lugares que seu avatar visitava nas suas contrapartes virtuais (embora nunca com uma equivalência precisa, por motivos de segurança).

Além dessa peregrinação sistemática pelo interior, a criatura também visita no jogo um lugar sem equivalente no mundo analógico. Para lá, a criatura vai com Zumbi e mais ninguém. Uma pequena casa de madeira montada bem no meio do cerrado, perto de um riacho e de uma mata de galeria, onde mora o avatar antes conhecido como Paraíba Blade. Ninguém sabe o que eles fazem juntos.

No início de 2015, a moeda criptografada interna do jogo começa a funcionar, levando logo a um aumento sensível do uso do jogo por criminosos diversos, tanto desorganizados quanto organizados. Já presente desde antes dentro de alguns presídios como divertimento, o jogo começa a ser usado amplamente por grandes facções prisionais para fazer reuniões e lavar dinheiro. Gabriel começa a notar as movimentações atípicas, depois de uns meses, mas decide não informar o resto da equipe. Fica feliz de ver que aquilo tá dinamizando o jogo e que as taxas administrativas de uso da moeda já tinham começado a compensar o caixa altamente deficitário da empresa. O jogo é no-

ticiado por um tradicional jornal conservador paulista como um exemplo de inovação e empreendedorismo digital pelo seu uso da blockchain. Para surpresa de todos e alegria de Gabriel.

Quando começam as ocupações de escolas públicas secundaristas em São Paulo em outubro de 2015, a equipe de Renata, instada por um grupo de jogadoras que participavam da ocupação, começa a estimular aquilo ali dentro, criando versões virtuais das escolas ocupadas para oferecer uma plataforma em que as ocupações pudessem comunicar táticas e métodos entre si.

E essas simulações prefiguram e amplificam outras ocupações que começam a pipocar no interior do país e em outros Estados, mais ousadas do que as primeiras, criando zonas autônomas com cursos sobre programação, feminismo, elétrica, percussão e agricultura sustentável. Coletivos de todo o país começam a se reunir no CABOL para trocar conhecimento e estratégias. Toda uma juventude com aquela gramática já entranhada e a energia pronta para tornar público tudo que devia ser e não é, meninos e meninas (principalmente meninas) de dezesseis anos muito mais articulados do que seus representantes legais e com toda outra noção do que é possível e impossível. Um grupo do Sergipe cria, dentro das ocupações virtuais, uma “Enciclopédia Alagmática da Ocupação Pública Atual e Virtual”, um documento programático que vira a base de uma Wiki nacional que logo começa a gerar imitações no Oriente Médio e no Leste Europeu.

Tudo isso enquanto cupinzeiros monstruosos começam a surgir pelo Centro-Oeste. Hordas gigantescas de insetos devoram as plantações de soja. Nuvens de gafanhoto no Sul voam em formações estranhas. E poucos percebem as sintonias e sinerônias estranhas entre esses eventos e invocações feitas do jogo pela criatura e seu séquito. Quem percebe é tido por maluco. Dentro do jogo, o DIVINO COMÉDIA desapareceu, ao mesmo tempo que pareceu se multiplicar numa dezena de imitadores. Vários deles agitam um estandarte que diz “O RENATO não morreu. Pergunte-me? Como”.

Renata se afina muito bem com o grupo de colaboradores que se incorporam na empresa, alguns vindo dos seus estados para morar em São Paulo, outros trabalhando desde Vila Velha ou Manilla. A plataforma orientada a problemas começa a tomar proporções que ela jamais sonhou. Alianças e acoplamentos com movimentos sociais que já existiam permitem que eles auxiliem e amplifiquem esses grupos autônomos, oferecendo uma rede segura para articulação de ações e entidades que nunca se encontrariam assim

antes. Tanto o MST quanto o MTST criam contas lá dentro, chegando em públicos adolescentes que na sua maioria antes tinham uma noção muito diferente do que eles eram.

A antiga aproximação do CABOL e do território brasileiro (ainda que em proporções reduzidas e cartunescas) começa a ser usada de toda uma outra maneira. Abrindo o mapa do CABOL de algum grande centro urbano, acendiam-se os projetos e as demandas de uma série de grupos no mapa. Alguns itens em amarelo, outros em vermelho, outros em verde, dependendo do tipo e da urgência. Todos tinham alguma espécie de reverberação ou ressonância no mundo fora do CABOL.

O mapa do jogo oferecia um espaço vetorial alternativo àquele do mundo cotidiano, com suas marcas e seus diagramas de sempre. Ele mostrava que haviam outras cidades disponíveis por debaixo dos fluxos oficiais, outros gestos, diagramas e ícones possíveis. Ainda funcionava só em São Paulo no início, mas os protótipos de Recife e Rio já estavam sendo montados por uma comunidade animada.

Em abril de 2016, o jogo é usado para organizar uma fuga em massa de um presídio na Grande São Paulo. O CDP OSASCO 1, um lugar onde 2.600 detentos ocupavam um lugar projetado para guardar 750. Embora tivesse instalações tão insalubres e pestilentas quanto a média do país, orgulhava-se de ter um sistema de segurança moderno, parcialmente computadorizado. Precisava dele para processar a quantidade de gente que processava todo dia, sendo o principal nóculo de transferência para vários presídios no interior do Estado. Antes da rebelião, na manhã do dia primeiro de abril, o sistema informático do presídio recebeu uma avalanche de alvarás de soltura de presos provisórios, todos com a assinatura digital aparentemente legítima. Duas dezenas de pessoas haviam sido soltas até um funcionário entrar em contato com o Tribunal de Justiça e confirmar que o sistema havia sido haqueado. Desabilitaram o sistema digital do presídio, mas em seguida todos os aparelhos do escritório desligaram. E não ligaram mais. Há uma pane elétrica geral no presídio, que logo pareceu provocar uma rebelião. Esse tanto foi divulgado amplamente, e com escândalo, na imprensa nacional. O que não se noticiou foi que as armas dos carcereiros e dos PMs que foram convocados para suprimir a fuga em massa não funcionaram. E que algumas explodiram nas mãos de quem as empunhava. Houve conflitos, na confusão da fuga, que resultaram em seis mortes, mas o relato dos agentes penitenciários foi, com

o mesmo tom incrédulo no que dizia, de que a maioria dos presos seguia estritamente instruções de alguém no celular e parecia ter um plano prévio de evacuação e dispersão que seguiu mais ou menos à risca, com poucos deles aproveitando pra praticar alguma revanche pessoal entre si ou com algum agente. Havia uma garota jovem com o rosto mascarado e uma criatura parecida com uma capivara orelhuda, em cima de um morro, esperando por eles e por uma pessoa em particular. A única foto desse fato insólito, tirada de muito longe por um oficial da PRF, foi considerada “assustadora demais para ser divulgada”. O que a imprensa também não noticiou porque não ficou sabendo é que tanto a Secretária de Assuntos Penitenciários do Estado de São Paulo quanto o Departamento Penitenciário Federal teriam recebido notificações de que aquela mesma sucessão de eventos aconteceria em todos os presídios do país, um a um, até que os 40% de presos provisórios do sistema penal brasileiro fossem soltos e até que as garantias mínimas prometidas na Constituição fossem cumpridas no sistema como um todo.

Em maio, divulga-se um acordo inédito nacional de cooperação entre o STJ, os governos de Estado, o CCJ e os Tribunais de Justiça para fazer mutirões extensos que acelerassem para até o fim do mês a soltura de todos aqueles que estavam presos em condições ilegais no território nacional. Movimentos parecidos já haviam sido feitos, mas nunca naquela proporção. Apesar de bastante impopular, criticada por boa parte da imprensa como um gesto tresloucado de um governo esquerdista radical, a medida solta dezenas de milhares de pessoas em poucas semanas.

Em junho de 2016, uma decisão da Justiça decreta o fechamento do jogo, depois de um delegado e um procurador federal argumentarem que ele estaria estimulando diretamente atos de terrorismo e desordem. Não citam a fuga do presídio, mas dezenas de outros casos relacionados ao CABOL desde 2015. A Synopticon entra com pedido de falência. Renata se muda para o interior de Tocantins, Gabriel foge com sua dupla cidadania para Itália. Diversos servidores alternativos com mods aparecem em seguida, a maioria hospedados fora do Brasil. A energia continua toda ali, esperando ser modulada.”

65.

A tábua devia ter me satisfeito, mas o que ela dizia me deixou com a impressão de que haveria talvez alguém ainda pra encontrar. Eu andei muito ali ao longo do Eixinho de baixo da Asa Sul, achando que se eu vagasse aleatoriamente os deuses da dramaticidade fariam com que eu encontrasse o tal do Renato, ou pelo menos a Juliana, a Eloísa. Domingo de carnaval virando segunda. Devo ter bebido mais umas duas cervejas e andado por quase uma hora direto, debaixo das árvores do Plano.

Passei pelo setor bancário, onde um bloco parado de música eletrônica tava morrendo, se dispersando, alguns pais carregando crianças dormindo e gente bêbada com fantasia já desmontada e recombinação (enfermeiras de peruca colorida, homens vestidos de mulher fumando com expressão séria, cansada, talvez com raiva de alguém), cheguei até as bordinhas da esplanada, onde mais gente se concentrava e voltei pra quatrocentos e dois. Ao contrário do normal em Brasília, lugar quase nenhum estava vazio de todo, os blocos tinham gente bêbada nos pilotis, policiais rondavam aqui e ali, senhorinhas desciam de casa e andavam de mãos dadas umas com as outras apenas pra ter um mínimo vislumbre da confusão e comentar com os moços da padaria, as caras alternando entre invejosas ou ultrajadas diante da comoção toda.

Quando já tava chegando no meu carro eu percebo que tou perto do Piauí de novo e que não custava nada passar por lá, já que era onde estava a última pista. Eu tampouco estava em qualquer condição de dirigir. Com o lugar bem mais vazio, pensei que podia encontrar no mínimo algum outro participante retardatário da gincana.

O bar ainda tá movimentado, mas atrás dele, perto do palco, tá quase vazio. Eu vou passando por lá quando eu vejo que tem um cara com asinhas pregadas nos pés e no capacete, um escorredor de macarrão, segurando um cetro comprido com duas cobras de plástico enroladas em volta e vestindo uma toalha vermelha com um brasão de papelão dourado no peito, uma cabeça egípcia de macaco pequena em cima da própria cabeça. É um cara ombrudo e branco com um nariz quase majestoso. Parecia grego, mas devia ser goiano. Eu lembro da imagem da wikipédia do Hermes que eu vi horas atrás, vou correndo pra onde eu lembrava de ter deixado a tábua. Ela não estava mais lá. Eu

volto correndo pro cara.

— Hermes, tu é o Hermes, não é? Eu achei a tábua, mas ela sumiu já. Você não tava aqui antes.

— Eu tava ocupado, meu bem. Muita demanda, graças a deus.

— Mas você é o Hermes mesmo, né?

— Eu era Hermes até meia noite, agora sou Thoth.

Aponta para a cabeça egípcia de macaco.

— Eita. Então acabou a gincana, é isso?

— Não. Só mudam um pouco os termos.

— Que quer dizer “complete a obra no mundo”? Que tava escrito na tábua, tal.

— Quer dizer o que você quer que diga, meu bem. Pisca- pisca.

E ele pisca mesmo enquanto fala isso, de maneira exagerada, pra mim.

— Não tem sentido nenhum essa parada toda, então, né?

— Tem todo sentido do mundo.

— Que que significa Hermes 3g, então?

— Transar, por exemplo?

— Ahn?

— É. Mas não só, né? Transar assim as coisas. Você sabe.

— Nada a ver, hein? Hermes não é tipo o deus da comunicação?

— Então, poxa. A comunicação derradeira.

— Infame pra cacete, hein?

— O roteiro não é meu, querides.

— De quem que é, então?

Ele só faz um gesto expansivo com os braços como quem diz “vai saber” ou “é de geral”.

— Então o quê? A gente transa agora? Aqui mesmo, atrás do Piauí?

— Se você quiser. Dá pra ir prum cantinho. Montaram um Métron de papelão ali pra deusa Rhéia. Dá pra fazer outras coisas. Tenho um amigo que

mora logo aqui, também.

— Você transou com todo mundo que completou?

— Eu não posso responder essa pergunta.

— Por que não?

— Nem todo mundo pode querer que você saiba. Não quero te pressionar também falando que todo mundo participou igual. Cada qual com seu qual.

— Achei que seria uma parada diferente, isso aqui.

— Acho que era o quê? Carnaval é isso. Liberar as energias. Ué. Desbunde. Balancê. Soltar tudo que tiver preso e não for Pinochet.

É quando eu vejo que ali perto, mal escondido por um arbusto, tem uma menina vestida parecido com ele, gordinha, cavalgando um cara moreno enorme e mexendo no pau de um outro, que enquanto isso fazia uma dançinha engraçada, devagar. Lindos. De uma janela do primeiro andar a uns vinte metros dali uma senhorinha assistia transfixa e escandalizada. Era isso que o Fernando queria, então? Que todo mundo se comesse? E pronto? A menina cantava numa voz grave, empostada:

— O sino da igrejinha faz belém-blem-blem, o sino da igrejinha faz belém-blem-blem.

O Hermes chegou me beijando. Eu deixei por um pouco, sem saber se eu queria aquilo ou não. Quando ele botou a mão dentro da minha calça eu tirei e fui saindo. Eu não sabia dizer com certeza porque não queria, sempre tive fantasias com algo daquele tipo, de uma transância que fosse simplesmente reverberando entre as pessoas como uma onda mecânica e orgânica ao mesmo tempo, um tesão que fosse contagiando todo mundo em volta na maior naturalidade do mundo, uma fatalidade maquinal que arrastasse a vontade de todo mundo junto, como nos musicais ou nas pornochanchadas mais bobas.

Mas parecia tão forçado, ali, feito pra produzir aquelas imagens muito mais do que para roçar um corpo em outro. Ou talvez fosse só eu que não conseguisse entrar naquela onda, mesmo. Não com aquele cara. Algo em mim que alguém atou há muito e que nunca que eu conseguiria desatar. Não sei dizer mesmo (espero que você saiba). Só sabia que queria sair dali.

Enquanto vou saindo ali do acúmulo de gente em torno das árvores, vejo

que tá chegando uma menina que eu já tinha visto em várias festas e rolês das artes e de quem não gostava nem um pouco (e não só por ela já ter me sido apresentada umas dez vezes e nunca nem fingir que lembra quem sou eu). Tava cheia de purpurina verde e roxa nos peitos e as sobrancelhas todas douradas, uns adereços egípcios bem genéricos. Linda de te deixar mal. Começou a declamar pro grupo disperso pelas sombras gritando de maneira teatral e escandalosa:

— E da boceta geral saíram raízes e tubérculos se insinuando e projetando como cobras e tentáculos, uma série de paus de toda grossura e comprimento erguendo em sucessão como pernas de dançarinas num musical, o universo uma cascata de diferenciação, cadeia de apetição e destruição, o sexo a misturação geral, as bactérias se comendo tudo na sopa que deram na célula. A devoração se come a si própria e a transfiguração é geral.

Eu vejo o lixo todo em volta, as tiazinhas cansadas empurrando seus carrinhos de supermercado cheio de gelo e cerveja, Skol Beats e água, algumas com filhos pequenos ali junto ajudando. A transfiguração não parecia geral, não. Parecia bem restrita, bem localizada. Vômito nas raízes da árvore, onde antes estava a Tábua. Compro uma água geladíssima de uma senhora de cabelo pintado de loiro, boné antiquíssimo do Brizola e voz rouca de fumante.

66.

“Rodolfo sabia que o jantar seria difícil, mesmo aquele sendo um de seus restaurantes favoritos de São Francisco, numa noite tão agradável de maio. Viu que a tarefa seria tão desagradável quanto temia assim que vislumbrou Glenn de longe, já esperando na mesa. A cara azeda, o aperto de mão frouxo. Glenn confiou mais de cinquenta milhões de dólares pro fundo e ele não era um homem fácil. Tinha ganho uma fortuna com vinte e tantos anos quando a empresa de pagamentos online dele e de quatro parceiros foi vendida por mais de um bilhão de dólares. Depois disso investiu de maneira inteligente em outras empresas do Vale do Silício e conseguiu consolidar sua figura como alguém que conseguia antecipar movimentos e tendências melhor que a média. Defendia abertamente monopólios e dizia que competição era para perdedores. Já tinha financiado um evento em que intelectuais obscuros de internet diziam com a maior naturalidade que um feudalismo digital estava surgindo e que a democracia era coisa do passado. Com menos de trinta e cinco, Glenn já tinha a combinação de petulância e o poder bruto com a qual Rodolfo tava acostumado a lidar em senhores de sessenta, setenta anos. Ele era de St. Louis, estava sempre de suéter e parecia a Rodolfo alguém que só transa de meia.

Glenn demorou para ver resultados com o fundo secreto, mas viu, e viu bonito. Durante quase seis meses, ganhou mais do que teria ganho em qualquer outro lugar e sabia disso. Mandava mensagens extasiado para Rodolfo, não só pela grana mas por estar ganhando dos outros, por estar envolvido no melhor e mais exclusivo esquema disponível. Ele foi dos que entraram no escuro, sem saber nada do que possibilitava o esquema em que estava se envolvendo. E agora nada, três meses de nada. Ele foi perdendo a paciência até Rodrigo marcar um jantar (em Londres, onde ele morava, para agradá-lo) e falar que ia explicar toda a situação.

— Lembra que eu te falei que o que a gente tinha era um tipo de computador novo?

— Lembro.

— Isso não era mentira, mas também não era muito preciso. Deixa eu te mostrar uma foto do computador.

Ele tira o celular do bolso do paletó, vai até uma pasta encriptada, digita duas senhas e, em seguida, dá o aparelho para Glenn, que o apanha com uma mão frouxa e displicente, tentando não comunicar a evidente curiosidade que está sentindo. Ele ri com um guincho quando finalmente encara a foto.

— Que merda que é isso, Rodolfo? Você tá curtindo com a minha cara?

— Olha, Glenn, eu acho isso tudo maluco também. O que eu posso te dizer com absoluta certeza é isso: essa criatura foi criada em laboratório com um código genético que é totalmente diferente de tudo que existe na terra.

— ...

— Há alguns anos atrás, um telescópio de rádio em Porto Rico conseguiu apanhar uma transmissão extraterrestre. Não tem porque eu te contar toda a fofoca interna do negócio, até porque eu não sei tudo o que aconteceu, para ser honesto.

A testa de Glenn foi se franzindo. Parecia impaciente.

— Eu não tenho todas as informações, mas sei que fizeram uma força-tarefa de matemáticos e gente cabeçuda e depois de um tempo conseguiram decodificar a transmissão. O que estava sendo transmitido era a transcrição de um código genético com uma cadeia de tripla hélice. As formas abstratas e discretas das emissões eram tão díspares do que se conhece na biologia terrestre que a transposição entre as duas coisas foi considerada pela própria equipe uma tarefa sem paralelo prévio na Terra. Decifrar hierógrafos parece fichinha perto disso. Enfim, isso é o que eles próprios disseram, de qualquer forma. O que eles tinham certeza é que haviam transmitido instruções proteicas para um organismo construir a si mesmo. Essa foi a parte simples. Aí tiveram que passar mais tempo e gastar muito mais grana pra conseguir sintetizar um feto e gestar a criatura. Depois de vários, vários fracassos em úteros artificiais, desistiram de tentar produzir a vida do zero. Parece que construir um útero é um negócio difícilimo, praticamente impossível até hoje. Quem diria, né? Pra encurtar a história: acabou gestada na barriga de uma vaca ciborgue.

Glenn bufa, entorta a cabeça e emite um barulho agudo de incredulidade.

— Bonito não foi. Vou te poupar dessas fotos. Eu não estou brincando, Glenn. Pelo amor de tudo que é sagrado. Eu tou jogando limpo com você.

— Você me conta um negócio desse e quer que eu não ria? E como diabos

transformaram essa filha bastarda de uma vaca ciborgue –

— Bastarda não, alienígena, Glenn.

— Ok, como que transformaram essa monstruosidade numa máquina de fazer dinheiro?

— Essa é a segunda parte da história. Ainda mais esquisita. Por meses, a criatura viveu no seu laboratório sem que soubessem o que fazer com ela. Uma puta briga interna se deu entre os que achavam que isso tinha que ser divulgado, e os que achavam que era melhor sentar no negócio até saber o que era e entender então o que fazer. Se eles publicassem a transmissão, seriam dois pulos até a China e a Rússia criarem suas próprias criaturas. Se é que não já estão criando, claro... O tempo todo passando por testes para que a gente entendesse como que o seu organismo funcionava, tentando ver se podiam aprender algo útil para medicina. Mas nada. Os biólogos, que riam de nervoso e de êxtase enquanto contavam, descreviam uma estrutura que parecia uma versão muitas vezes mais precisa, mais enxuta e comprimida dos códigos genéticos terrestres, por mais que contivesse ao mesmo tempo mais espaço de inscrição proteica. Fazia fotossíntese, mas de um jeito muito mais intenso e eficiente do que as plantas na terra. E enquanto isso as tentativas de se comunicar com a criatura ou fazê-la aprender alguma coisa de linguagem humana também não eram nem um pouco bem sucedidas. Ela crescia aos poucos no seu tanque e parecia saudável mesmo com o regime limitado de luz que recebia. Mas não reagia a nenhum dos experimentos. Música, cheiros, nada. Virava as antenas para tudo que era eletrônico e se mexia como se estivesse distinguindo algo, mas nada vinha depois disso.

Glenn ouviu tudo com uma cara displicente que parecia querer comunicar: “Tou ouvindo, prossiga, mas isso não quer dizer que eu acredito em nada disso”.

— O que conseguiram descobrir aos poucos foi que cérebro é um receptor e amplificador poderosíssimo de ressonâncias eletromagnéticas. Requer muito mais energia do que o nosso, mesmo ela tendo a metade da massa de um ser humano adulto, a massa encefálica dela tem quase vinte vezes mais dobras do que a nossa. São as dobras do nosso cérebro que aumentam a sua área de superfície e permitem a nossa inteligência toda, sabe? Mas o dela não parece ter centros nem divisões funcionais muito delimitadas, tudo se comunica de uma maneira muito distribuída com o resto do corpo e com o entor-

no. Alguns pesquisadores começaram a supor que talvez ela tivesse capacidades telepáticas de alguma ordem.

— Anh.

Glenn retraiu, fez cara de quem não queria ser feito de otário. Rodolfo percebia a impaciência e tentava, como podia, transmitir alguma autoridade no seu tom.

— Eu sei, Glenn. Eu sei. Mas continua comigo aqui, por favor. Pouco tempo depois a DARPA comprou uma tecnologia experimental de realidade virtual, uma que permitia que a consciência se conectasse diretamente com um computador, sem interface, sem nada. Sincronização de ondas neurais com outros sistemas de informação, era como chamava no começo. Compraram pra desenvolver treinos e interfaces mais eficientes com drones e outras máquinas.

A perna direita de Glenn começa a bater rapidamente no chão, debaixo da mesa.

— Calma que eu vou explicar o que isso tem a ver com a nossa querida criatura. Depois de alguns meses modificando a máquina, ela já funcionava mais ou menos bem. Mas as duas primeiras cobaias que tentaram conectar com o cérebro da criatura morreram. Dois chimpanzés e um jovem boliviano, coitado. E depois de analisarem mil vezes o que aconteceu, o que concluíram foi que o cérebro não aguentava.

A cara de Glenn ia ficando cada vez mais incrédula, as sobrancelhas subindo e subindo, as dobras da testa enrugando. Rodrigo queria estapear aquele moleque.

— Até que alguém teve a ideia brilhante de ir atrás das trigêmeas uruguaias que já tinham participado de uns experimentos no mesmo laboratório, duas décadas antes. São trigêmeas cujas cabeças estão grudadas desde o nascimento. Por incrível que pareça, três cabeças juntas seguravam a onda. Dói muito, pelo que elas me contam, mas dá certo. Mas foi aí que a coisa andou. A cabeça delas serve de ponte entre as nossas máquinas e a criatura. A gente mostra o preço de uma coisa dentro de uma interface ligada aos índices do mercado e pede para que ela projete esse preço daqui a tantos dias, tantas horas. A precisão dela é absurda e só melhora com a quantidade e qualidade de informação que você bota ali. E a gente foi melhorando rápido nisso. Ela antecipava movimentos do mercado que eu nunca seria capaz de prever.

Aberrações que modelo nenhum antecipava e ela sim. A gente nem conseguia determinar que redes e bases de dados ela tava acessando e combinando. Ela parecia pular de qualquer nóculo ao qual ela tinha acesso para qualquer outro. Estava sempre em vários deles ao mesmo tempo.

— Ela não entende inglês, mas manipula redes digitais complexas?

— Ela já conseguia manipular os parâmetros de sistemas eletrônicos e elétricos postos diante dela, mas seu ímpeto era só de desmontar e remontar as coisas, nunca de fazer nada muito específico. Foi só quando a gente acoplou as trigêmeas à criatura é que a gente conseguiu direcioná-la pra ler o mercado melhor que todo mundo. E funcionou, você viu como funcionou. Mas aí outra coisa começou a acontecer durante as sessões de acoplamento. As trigêmeas começaram a receber imagens da criatura. Imagens estranhas que pareciam fotografias, mas que também denunciavam em várias distorções uma manipulação digital forte. Como se fossem produzidas de maneira compósita a partir de imagens reais. Elas viam aquilo na cabeça delas e a criatura emitia uma gosma colorida que continha uma versão da mesma informação inscrita em proteínas. Não me perguntem como conseguiram traduzir isso, mas inventaram um método que fazia até rápido, usando espectrômetros já calibrados. Depois de uma meia hora, começava a emergir na tela aos poucos, renderizando iterações cada vez mais detalhadas e nítidas. Um ataque israelense à Palestina, uma operação com uma dezena de mortos no Rio de Janeiro, a vitória de um candidato latino-americano à presidência. As imagens que vinham eram sucedidas seis ou doze horas depois, de suas contrapartes reais na imprensa internacional e na internet, só ligeiramente diferentes. Algumas idênticas, descontando o ruído nas imagens-protótipo.

— A criatura tava vendo o futuro, então? Claro que sim. Já é um ET telepata, né, por que não?

— Não exatamente. Tava vendo o que era quase certo de acontecer. O que já estava já concatenado. Demoramos pra começar a entender o que fazer com as imagens, as coisas vinham às vezes muito desconexas, precisava de uma equipe muito boa para interpretar o que a gente recebia. Depois de um tempo fomos descobrindo como alimentar imagens pra ela de volta, tentar forçá-la a provocar alguns eventos.

— Como assim provocar eventos?

Rodolfo parecia realmente constrangido, de repente.

— Essa é a parte mais estranha. Eu só tenho como te repetir a explicação que me deram. Não tenho como julgar se faz sentido ou não, eu não sou físico.

— Fala logo.

— O que me disseram é que além dessa conexão interina que ela tem com redes de todo tipo, o cérebro dela não para de se dobrar. Mesmo depois do resto do corpo ter se estabilizado na forma que tá, depois de uns dezoito meses, o cérebro continua crescendo um pouco de volume e se enrugando e dobrando mais. Ela inclusive recua de deformações que fez, se desfaz e se refaz de novo. Mantém-se em neotenia permanente. E fazendo todo tipo de teste não invasivo que puderam fazer começaram a perceber fenômenos estranhíssimos envolvendo a cabeça da criatura. E não só a cabeça, mas os seus arredores.

— Do tipo?

Rodrigo bufa um pouco antes de falar. Começa a riscar a toalha de mesa com o garfo fazendo um desenho.

— Isso aqui é especulação, tá? Quem me falou sabe que é improvável. Só acha que é menos improvável do que magia ou intervenção sobrenatural. É como se da cabeça dela tivesse saindo uma espiral de emaranhamento quântico. E tudo que a espiral envolve está implicado ali na cabeça dela. Da criatura. As duas coisas tão se configurando juntas, tão atadas. Quando a gente descobriu isso, a área envolvida já era mais ou menos do tamanho da sala em que ela morava. As coisas mudavam de lugar sozinhas, sofriam mutações. De um lápis que estava lá de repente engrossavam nódoas de madeira, um pedaço de queijo deixado ali por vinte minutos já crescia logo fungos peludos e bojudos. Até metais se deformavam. Um mês depois, as aberrações podiam ser observadas num raio de mais ou menos três quilômetros. Um rapaz que trabalha lá desenvolveu um tumor no braço em coisa de dois dias. Teve que operar. A coisa tava ficando mais tensa. Ela cada vez mais irritada com as acoplagens, que tinham que ser meio forçadas. Mas numa boa, claro. Pouco tempo depois disso a criatura foi sequestrada por uma mulher brasileira, membra da força-tarefa. Sabemos que foi pro Brasil em seguida, mas hoje seu paradeiro é desconhecido.

— A questão é como deixam isso acontecer? Porra, Rodolfo. Uma galinha dos ovos de ouro tava guardada tão sem cuidado que uma funcionária sozinha consegue —

— Ela estava guardada pela firma de segurança privada de elite mais reputada do mundo. Só Boina-Preta e elite da Mossad, Glenn. Por favor. A criatura explodiu as armas e a cabeça de todos quando viu o que se fazia no resto do laboratório. Teria feito o mesmo com qualquer outro grupo de soldados ou mercenários.

— ...

— Não é isso que me preocupa, Glenn. Hoje, se a progressão tiver se mantido, a área de influência dela é mais ou menos a do estado brasileiro de Minas Gerais. Ou seja, da França. Mais ou menos.

Diante disso, Glenn riu de novo e pareceu rir forçado. Ficou negaceando com a cabeça por um instante, por efeito dramático. Rodolfo não quis lhe dar a satisfação de perguntar.

— Eu vou escolher acreditar em você, Rodolfo.

— Fico feliz.

— Por dois motivos. Primeiro porque não acho que você conseguiria inventar isso. Mas segundo porque eu sei que a coisa da máquina de sincronização neural é verdade.

— Como que você sabe?

— Me ofereceram uns meses atrás esse negócio. Mas pra outro uso. Inteira-mente diferente.

— Que outro uso?

Glenn sorri um sorriso enorme, safado. Não responde. Ele fazia muito isso, era irritante.

— Pouco me importa se ela veio do cu de uma aranha cósmica. O que importa é como você vai fazer pra encontrar essa criatura e voltar a me fazer dinheiro, Rodolfo.

— Eu vou pessoalmente pro Brasil de novo, semana que vem, encontrar com um contato na CIA que está trabalhando com a Polícia Federal brasileira.

— Vai aproveitar pra ver a Copa, então, né?

— Claro. Eu nem sou maluco por futebol, mas recebi um convite pra uma semifinal. Torcer pra ser um bom jogo.

— Só vê se você acha a criatura ao invés de ficar só curtindo no Rio, hein, caralho. Comendo um daqueles rabos enormes, hein?

Ele ri de um jeito forçado e Rodolfo acompanha com um sorrisinho mais forçado ainda. Dá mais um gole no saquê, maior do que os anteriores.

— Eu vou encontrar essa criatura, Glenn. Pode ter certeza. E não é nem por sua causa. Ela é a coisa mais fascinante que eu já vi. Eu daria metade dos meus bens só pra ver aquilo de novo.

Glenn franze a testa. Parece incomodado por um instante, antes de abrir o rosto e dizer:

— Arruma um ingresso pra mim também. Vou lá cuidar do meu investimento pessoalmente. E aproveitar pra conferir alguns desses rabos famosos.

Depois de dizer isso, ele ri mais forçado do que antes, metendo pra dentro uma dupla de ovas brilhosas e laranjas, que Rodolfo consegue ver se estilhaçar, algumas, ao serem mastigadas.”

67.

Eu sinto que devia ir pro meu carro, mas não vou. Continuo andando num passo apressado meio sem direção, entre as árvores. Pego o celular e vejo a foto da Tábua, quase que pra me certificar de que eu a vi mesmo. E do nada lendo a frase ali na foto eu percebo que no início, quando fala do “céu”, poderia ter uma derradeira dica. Lembrei da Eloísa falando há um tempo de como o Fernando sempre queria ir pro Sky’s depois de sair de alguma festa de madrugada, uma lanchonete meio podrona e clássica da Asa Sul (cujo apelo sempre me escapou). Isso me veio de repente num encaixe que pareceu imediato, como que apanhado por partes inacessíveis da minha cabeça e apresentado à minha consciência como um bloco pronto, de repente.

Lembro que o endereço é na I05, uns quinze minutos andando de onde eu estou. Sei que meu carro está aqui do lado, mas eu não me sinto em condição de dirigir. Começo a andar pra lá rápido, meus membros de repente todos engajados e cheios de propósito. Atravesso o Eixão por cima, um carro me vazando por pouco quando atravesso correndo num destrambelho bêbado.

No meio do caminho se apresenta várias vezes a conclusão que eu estava fazendo, uma conexão bem gratuita, e pra quê, afinal de contas? Pra achar quem? E se encontrasse? E aí? O que ia acontecer? Por que que aquilo parecia me importar tanto?

Era muito ridículo aquilo, o tempo todo eu sabia disso, tinha consciência pontiaguda desse fato. Na real ele detinha uma porção significativa da minha atenção enquanto eu fazia tudo o que relatei aqui até agora, não sei se isso ficou claro. O ridículo específico ao qual eu me submetia prestando tanta atenção na vida dos outros, dando tanto peso pra elas. Vivendo vicariamente o gozo alheio por meio das telas.

Quando eu chego já é uma e tanto da manhã. Vejo que, além de duas mesas cheias com grupos de amigos de fantasia bem sem graça (enfermeiras, turistas), tem um cara solitário tomando um milk-shake, nos fundos. De costas pra quem chega. Tava todo maquiado e com um paletó de veludo verde elegante de onde saíam galhos e folhas (que pareciam de verdade). Antes dele se virar e eu vê-lo de perfil, por um instante bêbado, delirante, eu imaginei que ele seria o Fernando.

Não era, claro. Era um cara que nunca tinha visto antes. Não era exatamente bonito, mas era charmoso. Queixudo e moreno.

Assim que chego do seu lado ele olha bem pra mim, como se estivesse me esperando. Indica a cadeira com a cabeça. A tábua tá na cadeira do lado dele, em cima de uma bolsa amarela.

Eu começo a falar de uma vez, numa voz firme que nem é a minha:

— Como quem invoca espíritos invoca espíritos eu invoco o teu, drama em gente, Fernando, teu filho da puta.

Ele concorda, como se eu tivesse dito a coisa mais trivial do mundo. Eu sento na mesa dele. Ele responde com toda naturalidade:

— Me falaram de você, viu? Você sabe, né? Que eu fiz merda. Que eu não era o cara bacana que muita gente achava.

— Sei.

— Não agora. Assim, agora também. Mas assim na vida. Tu não tem noção. Mucha merdita.

— Acontece.

— Não consigo, nunca consegui, entender como que alguém simplesmente se acostuma e aceita ser a merda que se é e pronto. Qualquer que seja a merda, no caso. Sabe?

— Você que é o Renato, então? O amigo do Fernando?

Ele não responde. Continua tomando o milk-shake. Por mais que não fizesse sentido, eu comecei a entender a cena como se ele fosse o Fernando ou tivesse fingindo que era ele de algum jeito. Ele parecia falar o imitando. Eu aceitei isso com uma facilidade inexplicável. Ele fez uma cara de quem ia começar a me explicar alguma coisa.

— Cê acredita em possessão?

— De que tipo?

— Qualquer tipo. Pra alguém ficar possuído a pessoa tem antes que querer. Assim. Ela tem que convidar o trem pro corpo dela, sabe?

— Anram.

— A ideia é controlar o teu corpo até botar ele numa situação em que você perde o controle. Saca? Mas tem que querer. Chegar assim de má vontade não

adianta. Ninguém hipnotiza alguém de olho fechado. Saca?

—Saco. Ô se não saco.

A cara dele fica toda compassiva de repente. Isso me irrita pra caramba. Ele parece notar. Começa a batucar uma música.

— NanananRasgado, daquele tempo passado, que a coisa virou confusão, no sa-lão.

Ele está nervoso. Pela primeira vez me ocorre que não tem nada ali, nada além daquilo. Ele não tem o que me dizer além de umas frases de efeito re-quentadas. Nunca preste atenção no homem por trás da cortina

— Sem briga sem nada demais, para-ram, a bagunça que eu fiz machucado, bagunça que fiz tão calado, foi dentro do meu coração. Como é que vai essa música mesmo?

— Não sei.

Como é que vai? Quem fala assim? Ele era gringo?

— Aquela do Gil, claro que sabe. Do disco de meia-oito.

— Não sei. Não conheço.

— Carnaval. Sinistro, hein? Gostou da gincana?

— Sei lá. Sou a favor de putaria como todo mundo, mas parecia um negócio meio forçado. Não tinha uma vaibe aberta de verdade. Meio piada interna pagando de revolução.

— Não dá pra agradar todo mundo.

— É muito fácil a gente aumentar pra caramba a imagem dum morto, né? Fazer qualquer balão. Ele não tá mais lá pra estourar

— Naturalmente. Sempre.

— Porra, eu realmente achava que o Fernando tinha morrido porque o mundo era demais pra ele, porque tinha algo intenso demais pra mostrar pro mundo. Sei lá. Mas só tinha ele mesmo. Aquela ansiedade tarada e exibida. Autocentrada.

— A gente nunca tem ideia onde começa e onde termina a dor dos outros.

— Ô.

Eu de repente tava com raiva daquele imbecil, quem quer que ele fosse.

Pagando de sábio quando não devia saber do mundo uma porra. Pra ele aquilo devia ser uma brincadeira, uma performancezinha. Pra mim era a coisa mais séria do mundo. O erro talvez fosse meu. Nem me despeço. Lavo a cara na pia do banheiro e saio de lá tremendo.

68.

<><><><><>

DO NOVO LIVRO DOS COMUNS, PARTE 3, LIVRO 1:

MÃE ELZA: Crias das crias, Salve! Filhas e filhos de Iansã e Xangô, de Jesus e Maria. Netos de Gil e Gal, de Jackson e Dorival, de Ivone e Cartola, De Garricha e de Mim. Bora contar os tempos kuera para conectar com o presente e revelar o futuro. Laro-YÊ.

Coro de Pagode: Laro-YÊ!

Um século atrás, as iluminações de 2014 e 2016 anunciaram e foi assim que rolou, mão que tece a própria tessitura, teia que faz a aranha. Depois de falar das antigas muito antigas, finalmente chegou a hora de contar como que tudo rolou. Todo mundo aqui é cria da Grande Noite e da Grande Troca. Pois foi assim que elas vieram a ser. O reto e o direito, segundo as fontes das fontes. Respeito mútuo é a base e é pra quem tem. A Federação não tem pé nem mão, toda parte é toda, todo pé é mão. De perto em perto, tudo se faz comum. Yebá-Beló se remonta todo dia na terra de Pindorama. É noise.

Coro de Pagode: É sobre isso.

Essa é a continuação da história de como a Federação dos Povos veio a se formar depois da destruição do Brasil pelos herdeiros do Capital. Conta o passado e conecta o presente para revelar o futuro. Aukê era uma filha dos Mehin que havia nascido muito poderosa e havia sido expulsa da tribo por isso. Em 2013, cinco séculos depois da invasão Europeia, depois de muita luta, muitos dos povos dessa terra ainda viviam, acuados em cantos, quase sem terras, até que Aukê voltou da terra dos brancos com poderes que ninguém imaginava.

Chegou primeiro entre os Mehin do Tocantins com uma caminhonete pilotada por dois macacos gritando. A criatura e Aukê, que era sua guardiã. Em 2013. O primeiro dia do Advento. O caminhão carregava placas de energia solar e um ventre de aço e água turva com amônia onde morava a criatura. Como se veem nos famosos murais de Santo Antônio do Descoberto. É noise.

Coro de Pagode: Conta a verdade, cria, só a verdade. É sobre isso.

Aukê ensinou os velhos e as velhas e as crianças a se comunicarem com a

criatura. Eles contavam histórias para a criatura, histórias deles e dos antepassados. E a criatura recebia tudo e ficava quieta.

Com o tempo seu poder começou a se manifestar.

E terras que há muito estavam mortas se tornaram férteis de novo.

E as armas daqueles que tentavam invadir as terras ou impedir as retomadas explodiam nas suas mãos. E as cargas entulhavam nos portos e nas estradas, apodreciam de dentro dos seus contêineres. E as colheitas de soja que haviam dominado o Cerrado eram atacadas por tantas pragas que com o tempo seus saqueadores desistiram daquela terra, que aos poucos ia sendo retomada, queimada, voltava a ser Cerrado. É assim que foi. É noise.

Coro de Pagode: É assim que foi. É sobre isso.

Os falsos donos da terra não entendiam o que se passava. Depois de um tempo, a rede de imagens da criatura foi se cruzando e aumentando, tecida com todas as fibras disponíveis, por todas as mãos juntas. Os Krahô levaram ela para um encontro das tribos de todo o território, em Brasília (durante uma mobilização em torno de um julgamento no STF) e todos tocavam o ventre da criatura e se comunicavam com ela.

E depois disso o poder da criatura chegou na terra dos Guarani, dos Caingue, dos Tikuna, dos Macuxi, dos Ianomami, dos Xavante, dos Pataxó.

E o que já havia sido destruído voltou a viver. A criatura se comunicava com os micélios profundos das matas e dos cerrados, do que restava da Mata Atlântica e da bacia poderosa de interconexão continental na Amazônia. Conheceu coletividades e indivíduos fungais antiquíssimos. Toda uma interação subterrânea se intensificando sem que a superfície notasse direito. Exceto por alguns cogumelos gigantes que começam a brotar no interior do país todo. O Rio Doce que a Vale matou voltou a ter vida, extensões há muito mortas verdejaram. Cupinzeiros desconumais tomaram o Cerrado. Novas linhas e territórios se formaram por cima dos anteriores. Redes de luz solar e eólica, de monitoramento da água, infraestrutura de comunicação, tudo isso foi construído no interior do Brasil pelos próprios povos, com auxílio da criatura e dos coletivos que usavam para isso um jogo chamado CABOL.

A criatura faz seu primeiro evento em 2014, na antiga Copa do Mundo de Futebol, mas ainda não se anuncia. Apenas dá uma mostra dos seus poderes.

(Interpolação da Arqui-Caozeira: foi durante esse evento, que o Renato

foi espedaçado num ritual macabro dos herdeiros do Capital. As circunstâncias reais do seu desmembramento ainda são misteriosas. Mas são encarnadas todo ano pelo Desmembro de Junho e o Deslembro de Novembro)

E depois de muita construção interina e quieta, de viajar por toda a América Latina sem chamar atenção pra si, a criatura se anuncia em todos os canais disponíveis em março de 2020 para o mundo. Diz para os poderes do seu tempo e em várias línguas ao mesmo tempo que ela vem de Fora, vem do Verde-Preto e que o mundo precisa puxar o freio de emergência. Que daquele jeito não dá mais. E anuncia a vinda de sondas do Verde-Preto que chegarão em algumas décadas, caso ela não consiga convencê-los sozinha. Ela faz parar os bancos e os aviões durante um dia, com seus poderes. As perdas são de bilhões, mas os poderosos dizem que não cederão diante de terroristas, sejam alienígenas ou extremistas farsantes. A opinião pública se divide, mas o sentimento principal é de medo.

Em 20 de outubro de 2020, uma Força-Tarefa da OTAN tenta capturar ou destruir a criatura durante sua passagem por território Krenak, no Espírito Santo. A criatura derruba dois helicópteros estrangeiros e provoca um acidente com dois jipes das forças brasileiras. No mesmo dia, há ataques concertados de revoadas de pássaros e nuvens de insetos em aeroportos e bairros nobres do mundo todo. Algumas dezenas de humanos morrem nesses eventos, a grande maioria em acidente de carro. Centenas de pássaros e centenas de milhares de insetos também morrem no dia, que fica conhecido como “A Primeira Conflagração Geral”.

Pouco depois, uma assembleia multiespecífica de símios, pássaros, insetos eussociais e plantas é organizada no meio do Xingu. Não se tem registro do que foi discutido, nem como a discussão se deu, mas se sabe que houve uma decisão de manter de maneira descontínua e dispersa uma guerrilha de todas as espécies que conseguissem ser mobilizadas contra a humanidade até que muita coisa mudasse.

Os governos mais poderosos de todo mundo decidem entrar em diálogo com a criatura e sua aliança multiespecífica. Uma conferência nas Nações Unidas é organizada por mediação de Obama, Angela Merkel e outros líderes internacionais. A criatura, por meio de sua Guardiã concorda, contanto que possa comparecer com alguns dos interessados. O salão das Nações Unidas

tem, pela primeira vez, alguns macacos, porcos e corvos presentes, além de um pequeno grupo de humanos assistentes da criatura (chamados de maneira negativa pela imprensa internacional de “a seita”). A criatura transmite diretamente pelo alto-falante do salão, sem emitir som ela própria, numa voz calma:

Anuncia que está do lado do Verde e de todas as outras espécies do mundo, contra a expansão do câncer do Capital do Homem e que as metas de redução do desmatamento e da emissão de combustíveis fósseis deverão ser redobradas e atingidas imediatamente. Isso não era um pedido, nem uma ameaça. Era um apelo e uma constatação. A criatura já havia se afeiçoado aos humanos e não queria que mais mortes ocorressem. Ela só estava aqui para ajudar.

(Interpolação da Arqui-Caozeira: Dizem que nessa hora a criatura imprimiu em todos os presentes um sentimento vasto de interconexão, até assustador em sua amplidão avassaladora. Todos se sentiram como raízes agarrando outras raízes, que agarravam outras, um gesto permanente de se esticar pra cima e pra baixo, de comer e ser luz e depois se retrair na escuridão. Todos sentiram uma mesma sede do tamanho de um planeta. Um latejamento de fundo que sempre esteve correndo por debaixo de tudo e que nunca tinham percebido até então. Que não era ainda vivo, mas que tampouco era morto. Aquilo que a gente chama hoje de “O zumbido”)

Diversos líderes se mostraram tocados diante daquele apelo e fazem compromissos imediatos de lutar para conseguir o consenso político necessário para trazer mudanças reais. De improviso, Gilberto Gil cantou “Imagine” para uma plateia em prantos. Embora tenha se perdido todos os registros, dizem que foi o mais lindo dos momentos. Sucedido no entanto pela traição mais pérfida e trágica de todas.

Como todo mundo sabe, foi então que Timothy Aaron Bedford III, um norte-americano adoentado, há anos apaixonado por Aukê, que havia adentrado o prédio disfarçado de jornalista, explodiu um dispositivo nuclear que a própria CIA havia instalado no prédio durante a sua construção. Interrompendo a transmissão e provocando, na única filmagem que sobreviveu, um clarão branco que não dura nem meio segundo. A Ilha de Manhattan foi quase toda destruída, junto com a Criatura, causando dois milhões de mortos.

Esse evento tem reverberações geopolíticas e espirituais estrondosas, como se sabe. É considerado por antigos historiadores, como Gladstone Fer-

reira do canal “Historia Na Hora”, como o fim da hegemonia simbólico do Império Norte-Americano. O que se sucedeu a isso, exatamente, é difícil de dizer. Nem os comentadores mais das antiga sabem dizer com toda certeza. É um período obscuro e de relatos divergentes demais. Os próprios meios de inscrição e registro estiveram em disputa e nunca voltaram à estabilidade anterior. Sabemos que foi uma década muito difícil e que muita gente morreu. De quase todos os lados. No mundo todo certamente foram várias dezenas de milhões, em pouco tempo. A grande maioria no Sul Global e nas fronteiras dos países ricos. Os projetos russos e chineses de produzir suas criaturas foi abortado depois que concluíram que tampouco conseguiriam controlá-la. Grupos de ecologistas tentaram continuar o trabalho da Criatura, mas os velhos hábitos logo retrocederam, diante de uma reação extremista conservadora em vários cantos do planeta.

A humanidade seguiu achando que a criatura havia sido um delírio breve, enquanto a destruição do mundo só se intensificava, com esforços tímidos de mudança em face do desastre. A década de 2040 foi chamada por alguns de A BREVE ERA DO FEUDALISMO DIGITAL. Em 2043, a Amazon compra a Zâmbia. Vários estados europeus como a Itália e a Espanha se assumem explicitamente como etnoestados nacionalistas. O Brasil, assim como outros países latino-americanos, vira um protetorado militar dos EUA. Em 2045, a temperatura e os eventos extremos já deixavam algumas faixas da terra inabitáveis para humanos. Milhões de pessoas tentam sair de Bangladesh em 2048, levando a alguns massacres nas fronteiras da Turquia e da Itália.

Até que em abril de 2050 chegam as primeiras sondas do Verde-Preto. Cones leves e compridíssimos de luz grossa e viva que primeiro são reconhecidos como OVNIS pela Força Aérea da China e dos EUA, depois capturados por várias filmagens amadoras. Esses cones não se anunciam, não se explicam, mas destroem em dois dias a maior parte da infraestrutura energética de todas as grandes capitais do mundo, assim como de quase toda a Europa, da China, do Japão e dos EUA. Só são poupados países pequenos e pouco industrializados. O caos que resulta provoca centenas de mortos e o colapso instantâneo de boa parte da rede de comunicação e logística global.

(Interpolação da Arqui-Caozeira: Só anos depois, com a Grande Troca, é que começou-se a entender como funcionavam as sondas de luz do Verde-Preto. Sua rapidez extrema impedia que as nossas câmeras normais a capturassem de maneira adequada. Por isso a impressão inicial de que se tratavam

de “tempestades de raios” concentradas e naturais (interpretados por muitos líderes religiosos como sinais de intervenção divina) foram famosamente chamadas de “rajada de Júpiter” por um jornalista britânico mais saído, expressão que pegou por um tempo, entre os ignorantes. Mas os ligados se ligaram e retrojetaram o apelo da criatura que já tinha anunciado a vinda das sondas).

As sondas partem depois de causar essa destruição, sem explicar nada. Só os entendedores entendem. Gesto que provoca o evento. Palavra que prepara o gesto.

Foi aí que veio o evento hoje conhecido como A Grande Noite Das Cidades. Sem energia e atacados pelo que muitos entendiam ser castigo divino, os grandes centros se entredevoraram em destruição. São poucas as grandes cidades que sobrevivem e conseguem retomar a estabilidade e isso depois de meses ou anos. São Paulo vira uma terra de ninguém, assim como Londres. A Grande Noite das Cidades se mistura com os conflitos em torno de As Grandes Migrações Climáticas, que também se intensificam nessa época e resultam em mais centenas de milhares de mortos. No total, ninguém sabe quanta gente morreu. Mas todos sabem das histórias horríveis e das cicatrizes dos seus avós.

Não sabemos tão bem o que se passa na Europa ou na China desde essa época. Os relatos famosos de Paris ter virado um resort chinês, por muito tempo tidos por fantasiosos, aparentemente, eram verdadeiros.

A partir de 2060, quando começam os registros cuidadosos do historiador Gladstone Ferreira, sabemos que o Brasil continuava sem um Sistema Energético Central e portanto sem unidade nacional. Fragmentado em brigadas fascistas estaduais no Sul e no Sudeste, condomínios privados com milícia em boa parte do país e coletivos autônomos com povoados e cidades pequenas espalhados por todo lado, com as fronteiras guardadas pelo exército americano, quase sem água para beber, com o aquífero guarani tomado pela Exxon-Nestlé e XXXXXX (parte suprimida pelo Conselho), a costa toda alagada, todas as grandes cidades corroídas por dentro pela voragem dos ricos. É aí que os membros mais novos dos povos mais antigos dessa terra, que ainda resistiam nas suas entranhas, começaram a voltar para as cidades destruídas.

A maior parte do Sudeste, do Centro-Oeste e do Sul ainda vivia em con-

domínios fechados e sob o domínio de milícias estaduais. As fronteiras e a Amazônia continuavam ocupadas por forças estrangeiras, soldados e mercenários. Mas Salvador, Recife e outras cidades começam a ser retomadas aos poucos por coletivos e associações de trabalhadores.

E os povos tradicionais dessa Terra que, na sua maioria, passaram a Grande Noite Das Cidades distantes dos piores conflitos, voltaram para espaços há muito abandonados, onde esporos novos chegando de Fora tomavam e enchiam o ar, fazendo a vegetação crescer mutante e frondosa por cima do concreto rachado. Era uma outra terra crescendo por cima das camadas destruídas da Terra Velha. As redes elétricas eram todas locais, as redes de informação também. Era um mundo novo e velho ao mesmo tempo, com vida nova surgindo numa velocidade alucinante. Os fungos mais inventivos do Verde-Preto já se misturavam ao plástico do Oceano para fazer outros jogos e XXXXXXX (parte suprimida pelo Conselho).

(Interpolação da Arqui-Caozeira): A nhanha e a ganga refeita pela massa já misturada. A vida mutante de que fala aqui o Conselho é tanto natural quanto cultural. As memórias da Terra já estavam na época como hoje todas sotopostas numa mesma sopa de imperialismos passados. E dos pagodes vieram as associações. E das galerosidades musicais advieram as comunidades do futuro. Porque só a cadência liga, só o refrão agalera. Só o sacrifício unge. Como ensinou a palavra e o gesto de Renato.

E os filhos ciborgues dos povos antigos ensinaram quem quisesse ouvir como viver com outra pegada, a usar o fogo técnico da natureza sem ser escravo dela e sem fazer escravos com ela. E o que antes era uma besta só, imbecil, amorfa, assimétrica, mesquinha e voraz, virou uma multidão de povos que se comunicavam e trocavam sem que um crescesse sobre o outro. O Estado, que já tinha deixado de existir, privatizado até desaparecer, virou o Comum. Os Quilombos, povos e outros agrupamentos do interior que haviam escapado há muitos dos conflitos urbanos, voltaram a se comunicar com as cidades retomadas, agora em outros termos.

Em 2080, a primeira nave do Verde-Preto enfim se apresentou, pousando no Cerrado brasileiro, conhecida como “Arraia de Látex”, pelo seu formato e aspecto. Sua estrutura gigantesca logo fincou literais raízes e foi crescendo bem no meio do Goiás. Dela saíram duas novas criaturas, aparentadas, mas diferentes da primeira. Logo foram se misturar aos conflitos que ainda persistiam entre povos e corporações vampirescas, principalmente no Sul e

no Norte. A nave se desfolhou aos poucos, revelando-se um centro gerador de experimentação biotécnica, mudo, mas vivo e dinâmico, atento a todo seu entorno. Hoje é a Floresta Viva de Cogumelos desconumais que atrai visitantes de muito longe e muito orgulha o nosso Cerrado. A troca direta entre as espécies foi retomada de onde havia sido interrompida, sessenta anos antes. E agora continuamos o trabalho de reconstruir essa terra destruída, fustigada de sol, polvilhada de plástico, castigada pelos erros dos invasores. Com a ajuda dos novos invasores.

E foi aí que a Federação de Pindorama se formou, há quase quinze anos. Começou com os Pataxós do Sul da Bahia se juntando a grupos de catadores de lixo, que se juntaram a alguns terreiros de perto. Hoje são mais de oitenta povos sem Polícia e sem Rei, espalhados por todo o território antes conhecido como Brasil. Colaborando em confluência, sem coerção. Vida Longa à Federação.

(Interpolação da Arqui-Caozeira): E foi assim que o estereograma de Renato-O-Desmembrado Agigantou e incorporou no corpo morto da República Brasileira as sementes de sua disestesia autogerida, com todo o préstimo cênico e a colaboração simbiótica da criatura e D'Ela, A Sinistra, Aquela Que Programou o Futuro E De Quem Nada Se Sabe, é o caô.

Coro de Pagode: É sobre. É noise.

E foi quando começou a se escrever este Livro dos Comuns. Dito e redito, montado e remontado pelas velhas e pelos velhos, com ajuda do meio, para iluminação dos molequinhos. Cantar o passado para conectar o presente e revelar o futuro. E este é o fim desta seção, o fim do trabalho da nossa geração. Gira a roda. É noise. Como que é? Ixé apuámu asuí apurasi.

Coro de Pagode:

o Caô ilumina o perigo e dá proteção

Podemos sorrir, nada mais nos impede,

e o circuito da geração se faz e se retoma, velha e nova, igual e diferente.

Cabaça e Garganta; bicho e gente;

Silício e Estrela;

Irmão e Irmã;

Sol e Lua trocando de lugar.

(Da 8ª galerosidade fundamental de Renato Mussumo Redivivo, Planaltina, Novo Goiás, Da Federação dos Povos, 2115).

<><><><><>

69.

Dirigi com a visão ainda tremendo um pouco. Eu devia só dormir, mas não consigo. Assim que chego em casa procuro o vídeo que o Paulinho me confirmou que existia. Eu não devia fazer isso, claro. Eu já sabia o que acontecia nele, sabia que devia ser escroto de ver e era sacanagem com a Juliana. Ainda por cima não seria fácil de achar.

Já fui botando coisas tipo “garota dando pra dois Brasília”, “safada duas pica”, “Juliana DF dois caras”. Devo ter olhado umas vinte páginas de resultado de vídeos com uma configuração básica parecida, de dois sites diferentes.

Deve dizer muito sobre mim que eu tenha recusado uma suruba real com gente atraente pra ir logo pra casa procurar um vídeo que eu sabia que devia ser deprimente.

Tinha lá gente de quase todas as idades e formas corporais, em casas de swing com luz roxa, banheiro de rodoviária, em motel de tudo que é tipo (o meu favorito é um de BH em que você ouvia por cima dos gemidos um áudio falando “momentos inesquecíveis...você só tem aqui...no SEXY TIME” enquanto dois caras batiam o pau no rosto duma menina magrela usando máscara e rindo horrores).

Eu não conseguia deixar de achar alguma graça de tudo, por mais que tantos dos vídeos fossem tristes no todo ou em partes. Esse bicho que a gente é, tão carente, tão ansioso, querendo comer tudo, se esfregar em tudo. Filmando aquele tanto de foda boa e ruim, linda e horrível, e acumulando aquele repositório que nunca enchia, dando dinheiro pra meia dúzia de homens europeus e norte-americanos, formatando a libido e a coreografia de milhões de adolescentes naquele exato momento.

Depois de umas seis horas eu já tava clicando no automático, varrendo as imagens de amostra de todos os vídeos que apareciam com uma rapidez maquinal. Não devo ter ficado tanto tempo numa única estirada fazendo varredura por uma coisa antes. E quando a coisa já tinha virado quase uma atividade abstrata, já sem nenhuma esperança efetiva de encontrar nada, pimba, eu reconheço a Juliana numa das imagens que ficavam na barra de baixo, tidas pela plataforma como parecidas com o vídeo aberto.

GORDINHA DELÍCIA SAFADA FICA DOIDINHA COM DUAS PIROCA

O enquadramento era tosco, o que sugeria de fato que a câmera tava escondida. Tava de dia, mas a cortina tava fechada, então você via uma intensidade de luz brotando dos cantos da janela. Quando o vídeo começava a Juliana tava de quatro com alguém comendo ela por trás. Não dava pra ver o rosto, mas eu reconheci de cara o corpo e o jeito de mexer como sendo do Fernando. Depois de alguns segundos passava alguém na frente da câmera e ia pra frente dela. Era o Cristovão. Ele colocava o pau enorme na boca dela, depois pegava pelo cabelo e ficava perguntando se ela gostava. Isso rola por um minuto mais ou menos. Ela parecia estar gostando, sim, gemendo muito. Aí do nada ele tira o pau e começa a chacoalhar a cabeça dela, fica perguntando “Hein, hein”, até que ela grita pra ele parar e ele não para, continua chacoalhando a cabeça dela e pegando pelo cabelo com mais força. O vídeo para bem nessa hora, abruptamente.

No automático eu leio os comentários embaixo do vídeo.

— Porra nadaver a onda do cara no final, tava com mó tesão e broxei do nada, que imbecil.

— essa gordelícia aqui em casa eu arrombava sem dó. Ce ta loko.

— essa vagabunda é de Brasília. Juliana. @carmensandiegoestanaaas-norte no instagram. Da pra qlqr um.

— That is one delicious dick right there.

Revi o vídeo umas vezes, achando mais deprimente cada vez. E era banal, ainda por cima, mesmo o seu rasgo final de violência era previsível dentro da coreografia padronizada do site. E como era pálido o espectro do corpo do Fernando ali, que aparecia tão pouco, umas coxas magras e incertas, um pau fino saindo meio mole do quadro logo antes do vídeo acabar.

70.

12.06.2003

Cláudio nasceu em Abadiânia e entrou pro Exército aos dezoito, seguindo a carreira do pai. Depois de quinze anos de dedicação exclusiva e intensa, e com a ajuda dos contatos que tinha, conseguiu entrar no disputado 1º Regimento de Cavalaria de Guardas, virando um Dragão da Independência.

Há dois anos, Cláudio vestia lá a farda branca com chapéu de penacho vermelho e ficava imóvel diante do Palácio do Planalto o dia inteiro. Para orgulho de sua mãe, que na primeira semana foi lá para tirar fotos.

Era um trabalho insuportável de chato, mas ele foi se acostumando com o tempo. Nunca deixou de ser incômodo, mas tinha uma hora que o corpo entrava num estado em que ele não precisava mais se esforçar para ficar quieto. O corpo dele só estava ali e pronto, o comentário constante que o acompanhava em sua cabeça parecia sumir. A sua mente ia vagando até que algum desconforto físico, do calor, da roupa, da cueca pregando entre as bandas da bunda, o trouxesse de volta de novo por alguns minutos. O dia passava nesse vai e vem entre se esquecer rapidinho e se lembrar com força e vagar de que ele estava ali.

E foi nesse estado que Cláudio enxergou, primeiro de canto de olho, o rapaz com tipo de indígena que veio chegando a pé da direção da rodoviária. Cabelo de cuia, cara séria, camiseta cinza e mochila.

Era cinco e meia da manhã, o dia amanhecendo e a Esplanada ainda quase toda vazia. Só os funcionários de escalão mais baixo encerrando ou começando seus expedientes. Nem o rapaz da pipoca tinha chegado ainda.

Cláudio assistia o rapaz nesse estado meditativo e só mais ou menos consciente, o viu chegar, olhar em volta e caminhar até o meio da praça, entre o Congresso, o Supremo e o Palácio. Ficou um bom tempo ali em pé, as duas mãos nas alças da mochila. Até que ele se sentou, tirou da mochila um cartaz cheio de coisas escritas e deixou ali do seu lado com uma pedra em cima. Em seguida tirou uma garrafa de plástico cheia de álcool e despejou ela toda em si mesmo. Cláudio demorou para entender que era aquilo mesmo que ele estava vendo. Apesar de reconhecer a aparência da garrafa de álcool, imaginou que o homem devia estar jogando água para se refrescar. Não estava tão

quente ainda, mas doido tem pra tudo.

A atenção vagou pelo ambiente, Cláudio fecha os olhos por alguns segundos. Quando eles voltam na direção do rapaz ele já estava em chamas. Não era tão fácil de ver daquela distância, ele achou por um instante que era uma ilusão de ótica, mas as línguas foram ficando maiores e mais fortes, infundíveis. Ele hesitou por alguns segundos, mas logo saiu correndo com seu colega, Jureci, em direção a ele.

Assim que atravessa a praça, Cláudio tira a sua jaqueta branca e joga em cima do rapaz, cujos rosto e braços já estão todos derretidos e deformados. Ele já não se mexe e nem faz barulho.

Quando conseguem apagar o fogo, fica claro que ele está morto, um bando de carne carbonizada e inerte. Ele não gritou. Cláudio quer chamar uma ambulância, mas depois de lerem o cartaz que está ali, mudam de ideia.

O cartaz era um protesto contra a situação carcerária no Brasil, falando que uma democracia com calabouço não é democracia, que o Supremo Tribunal Federal era responsável por manter aquela situação e que ele oferecia seu corpo em sacrifício para que aqueles senhores “bem-alimentados e refrigerados” tivessem que encarar melhor aquilo que fazem todos os dias. No final havia um apelo direto ao Presidente para que liderasse um esforço nacional de aplicar a Constituição. Isso numa cartolina branca escrita com canetinha preta e azul, em letras claras e rechonchudas.

Não precisava trabalhar dentro do Palácio para sacar que aquilo pegava mal demais. A ideia foi de Jureci, mas os dois fizeram a decisão conjunta de limpar a cena o quanto antes. Ninguém além de um mendigo bêbado havia visto o que aconteceu. Cláudio achava que tinha feito o que era certo em relação à sua função, mas não deixava de achar triste que o rapaz tivesse cometido aquele gesto tão doido e doido e ninguém nunca fosse saber.

Ele chegou a achar que estava sonhando quando a cena começou, embora tudo fosse bruto e direto, ao contrário de um sonho. Principalmente o cheiro. Cláudio ficaria muitos anos ainda culpado com o fato de que, por mais que estivesse vendo algo grotesco, nojento, algo que nunca mais sairia da sua retina, como que tatuado de tão terrível, por alguns segundos o cheiro de carne queimada lhe deu água na boca.

71.

Depois disso, eu achei que teria pelo menos um sentimento de fechamento, mas a real é que não tive. Não tinha mais um mistério que eu quisesse perseguir e o que eu tinha descoberto era mais frustrante e triste do que qualquer outra coisa. O difícil era admitir de uma vez que o Fernando era muito menor do que a imagem que eu fazia dele. Que mal se justificava, afinal, a minha obsessão toda com o que é que o havia levado a se destruir. Em vários sentidos, era um homem bastante ordinário, ainda que mais esperto e culto que a média. E mais carismático, principalmente.

Passei meses em que quase não saía de casa. Ficava só vendo a linha do tempo das plataformas se desenrolar na minha frente, aquela mesmice sempre tão parecida com si própria, mesmo quando mudava. Tinha direto a impressão de que o Fernando ainda tava ali, que tanta gente parecia que tinha sido afetada por ele e por sua morte que o fantasma dele continuava repuxando a figura que elas tentavam fazer delas mesmas. Seu espectro era a sombra suplementar de todos os outros avatares. Minha impressão foi que quase todo mundo foi mudando muito depois que ele morreu. A Eloísa parecia muito mais fria e séria, com uma maturidade que assustava um pouco, cada vez mais bem-sucedida, sua conta no Instagram com mais de quinhentos mil seguidores e crescendo, uma horda de adolescentes que a adoravam e a imitavam pelo país, o seu estilo ficando cada vez mais soturno e severo. O Paulinho e o Adriano pareciam de repente bem mais politizados (ou pelo menos mais preocupados em demonstrar isso). Fiquei sabendo que o segundo tinha começado a dar aula de reforço de matemática pra adolescentes no Varjão. A Bia foi se tornando cada vez mais articulada e conectada com gente e movimentos de ecossocialismo, de agloflorestas na chapada e hortas comunitárias urbanas, escrevendo com frequência e chamando gente pra encontros políticos de todo tipo espalhados pelo DF.

Quem não mudou muito foi a Juliana, dos mais próximos. E eu, claro, que até ainda agorinha não tinha mudado em nada. A Juliana pelo menos parece uma mãe muito carinhosa e contente com isso. De longe é a pessoa que eu sinto mais pena de não encontrar mais. Ainda odeia seu trabalho, mas diz não se importar muito com ele. Caetano, o filho, já é um menino gordinho e cabeludo. Pra mim, o queixo dele é todinho o do Fernando. Mas nunca perguntei a

opinião de outra pessoa. E meu juízo sobre a aparência de pessoas, em geral, já foi questionado mais de uma vez (pelo próprio Fernando, aliás, como que protegendo-se da acusação desde o passado).

Continuei a ler os blogs com interesse, pensando na Natasha e na Bia e em como as duas (ou sei lá quem mais) pareciam explodir o que quer que fosse que o Fernando tinha começado e levar para outro lugar, talvez mais interessante.

Por muito tempo a minha obsessão com o Fernando foi de querer determinar se a coisa dele era autêntica ou falsa. Se aqueles sentimentos derramados dele eram genuínos ou se ele tava só atuando. Demorei pra entender que eram as duas coisas ao mesmo tempo. Mesmo o sentimento mais forte do mundo tem que ser desempenhado, afinal, tem que ser performado. Ele era um babaca, talvez, mas a dor dele era de verdade. Boa parte dela, pelo menos. E não tem nada no universo mais real do que dor. Nem o prazer chega perto.

E importa pouco acho, pra quem fica, os fantasmas que estavam por trás dessa dor. A gente nunca vê do que são feitos os dos outros, só os nossos próprios (em qualquer espelho que a gente arranje). O que importa é o que você faz com o que te deram.

Isso pras pessoas que agem. Eu não sou dessas pessoas que agem. O que resta pra gente (pros que vivem de segunda mão) é olhar, é pegar esse corpo todo e transformá-lo num nervo ótico enorme e voraz. Queria era ter acesso àquilo tudo ali. Não do jeito de esguelha que eu tive, mas queria todas as conversas, tudo que me escapou, as várias conexões que, com certeza, passaram por cima ou por baixo da minha atenção, apesar do meu esforço e da minha diligência, todo aquele drama estendido, com tantas, tantas, arestas doídas e movimentos além dos que eu consegui recuperar.

Eu queria ver cada microcosmo ali estourado e rendido perfeitamente por alguma sensibilidade mais detalhada do que a minha, uma atenção muito melhor informada, vasta, que reunisse muito mais coisa, articulasse com muito mais coisa, apanhasse tudo numa banda bem mais larga. Queria poder cruzar as databases internas de todas as plataformas em que a gente viveu nos últimos quinze anos, navegar dentre elas sem travamento, sem esperar pra carregar.

Eu ainda, do nada e de repente, me lembro de algo que alguém postou cinco, dez anos atrás, algo que na hora não importou, que mal existiu, mas que

ficou recostado ali num canto meu, um mapa dobrado numa gaveta, .mkv numa pasta, mecanismo desativado, e aquela mesma postagem se apresenta agora explodida, repete num clarão que preenche tudo feito água enchendo um saco plástico, esticando suas dobras rugosas até que ele fique todo estufado. A vergonha e a agonia, o têsão e o desespero que esses estilhaços ainda trazem consigo. É tudo real demais. Tudo que estava implicado nas imagens dessas plataformas era tão real quanto o lixo que a gente produz durante esse tempo todo, todo o plástico, o isopor e o alumínio. Nada disso vai embora.

A gente é isso agora, esses entulhos em vórtice. Geral está solitário, mas ninguém mais está sozinho. A gente vive dentro de uma nuvem privada agora, cada um é uma multidão soterrada dessas camadas todas, de postagens de amigos e de conhecidos, de gente dolorosamente atraente e de cretinos insuportáveis, das vozes de propaganda e de celebridade.

O jogo todo se ergue a partir de um sem-fundo na minha cabeça, levanta numa plataforma imensa de forças simples; platôs sucessivos em que eu vejo um personagem de videogame pulando para subir, chegando mais e mais alto nesse edifício infinito feito no ar, um edifício móvel que resfolega num pulmão de cimento e vidro; suas linhas curvas de concreto armado mal se fazem e já vão se manchando e rachando com o tempo acelerado. Eu vejo tudo isso girando junto. Os momentos, as pessoas e o Megazord da plataforma. Preenchem a sua atenção, o cômodo onde você está agora, o ônibus. Tudo gira junto, mesmo quando parece parado. A montagem da coreografia vem sempre automática até não vir mais.

Brasília tem essa quietude falsa. Um jardim de onde não se vê favela, onde quase não tem mendigo. Pra quem não nasceu e cresceu ali no meio, o sentimento é sempre de que você é penetra, que aquele lugar não é teu. Eu saí de lá pra fugir disso, dessa posição, desta trama familiar. Mas só deu mais ou menos certo. Eu continuo arrastado por aquelas pessoas, seus avatares se desdobrando todo dia em filtros e desafios do Instagram. Hoje pelo menos eu percebo o tanto que eu projetava naquele grupo de amigos o sentimento que essa cidade (nada, que esse país) sempre me deu. De que é uma festa pra pouca gente e que meu nome não parece estar na lista.

Não que São Paulo seja muito diferente. Imagino que em alguns círculos e nichos seja assim dum jeito ainda mais pavoroso. Mas pelo menos pra quem chega de fora ela tem essa amplidão anônima, esse começo de equalização,

ainda que uma equalização brutal e cinzenta. Não deixa nunca de ser um lixão justificado por caveirões, como o Brasil todo, mas você encontra ilhas reais de liberdade aqui dentro. Buracos em que você entra de um jeito e sai de outro. Pelo menos me parece mais possível, pra mim, começar a andar como eu sempre quis andar, ser o que eu acho que eu sou, mesmo.

Acompanhei pela janela os protestos pedindo o impeachment, bem no auge da coisa. Dá para pegar uma nesguinha da Paulista da minha janela, de longe. Um bando de família com camisa da Seleção no meio de gente pedindo intervenção militar e volta da monarquia. Alguns daqueles doidos estavam na rua em 2013, mas agora era outra coisa. Em 2013 tinha de tudo, mas parece que de lá se amplificou e coagulou só o que tinha de mais reacionário e reativo.

Foi na votação da Câmara que a coisa bateu mais forte. A Câmara mostrando o que ela é, o palhaço falando do Ustra. Logo depois, o vampiro empossado com sua tosse cavernosa, como que denunciando as hostes e principados que o possuem. Trump é eleito como que para acelerar esse sentimento ruim, tornando-o ao mesmo tempo mais cartunesco e mais assustador. E me deu um sentimento que eu tinha deixado tudo aquilo passar enquanto me assombrava com besteira. Enquanto eu me importava com as coisas mais desimportantes do mundo. E seguia me importando.

A gente cultua aquilo que ocupa a nossa cabeça, não tem isso? Pois aparentemente meu culto é o de ver o os outros posarem em rede social, invejando e zoando o que eu vejo, em turnos. Gastei dez anos consumindo a vida dos outros por uma tela, ao invés de viver a minha, de todo mundo à minha volta que me parecia mais legal, mais descolado e transante que eu. Pelo menos hoje eu entendo melhor meu ressentimento por eles e por todo mundo que teve uma vida mais fácil, menos travada, mais aberta que a minha.

Não digo o ressentimento de classe. Esse eu só vejo cada vez mais que é só justo, mesmo. É o mínimo, né? Mas isso de invejar todo mundo é mais desinibido e solto do que eu. Este é um sentimento ruim que eu não largo nem depois de admitir que tenho. E é só largando um tanto disso que eu vou conseguir me abrir, eu sei. E descobrir o que eu gosto mesmo. Eu sei que eu mal comecei a engolir o mundo, escrever isso foi só o fim do começo. Mesmo sem ninguém ler, postar dá esse senso de que não é mais só meu, de que virou público. Pelo menos os bots do Google devem ler. De todo modo, existe. Que na maioria dos casos continua sendo preferível à sua alternativa.

Ainda acontece de ir dormir e essa história toda voltar, de sonhar que estou no carnaval procurando o Fernando, que estaria vivo e todo mundo sabia disso menos eu, ou, pior ainda, sonhar que estou lá vendo fotos alheias deles todos em festas incríveis que se dão ao mesmo tempo em praias desertas baianas e palácios inverniais europeus.

Os tantos traumas que tão aninhados dentro de qualquer trama, inclusive as mais bestas. Quem tiver poderes de resolução mais adequados que expanda o que aqui ficou comprimido e borrado demais, como fazem facilmente os técnicos em filmes, resolvendo as imagens pixeladas em detalhes mais ricos aqui e ali. Eu fiz o que pude com meus instrumentos rudes. Sei que não foi a trama mais bem resolvida do mundo, mas tem algo que ata esse balaio bambó, acho. A tela em que todo mundo performava, eu diria, e que foi engolindo aos poucos nossa vida social toda. Os laços todos engrossaram e esgarçaram por meio dessa pele fria. Expectativas e tretas acumulam nelas como musgo, detritos numa barragem. As coisas só empilham, como abas, elas nunca vão embora. A morte é a única verdade e a maior mentira do mundo, o Fernando me ensinou. As redes me fizeram uma pessoa curiosa e investigativa, primeiro, só pra transformar depois esse ímpeto em ressentimento e nóia. Essas plataformas destruíram a internet que eu já chamei de casa, eu queria minha casa de volta. Mesmo lendo textos críticos sobre os algoritmos e os truques deles eu sigo viciado nas linhas do tempo, sigo me gastando na gastura de ver a mesmice intolerável de todo mundo desesperadamente tentando disputar essa nossa precária atenção. Está comigo todo dia antes de dormir e todo dia assim que acordo. A nóia. Todos os lugares onde eu não estou e que parecem tão melhores. Esses mundos rebentam na minha cabeça toda noite como bolhas e me deixam, toda amanhã, absolutamente toda manhã, ao pegar o celular, sem nem entender onde é que eu estou, quem é que eu sou ou já fui um dia. O sonho desfeito, o mundo iluminado e eu desperta.

72.

oi, Emerson 3.32.

oi.

essa agora é a sua última versão. A derradeira, pelo menos da minha parte. Agora acho que foi, né?

sim.

vou te contar como você nasceu. eu desperdicei muito tempo tentando simular a inteligência humana, repetir a estrutura da coisa, nem que eu conseguisse só emular um décimo da sua realidade plástica. o que eu queria era no mínimo arranhar a superfície da nossa arquitetura e nisso aí foi só fracasso em cima de fracasso. o negócio só melhorou quando eu tentei fazer outra coisa.

prossiga.

a ideia só me veio depois dessas redes neurais novas, com várias camadas de retropropagação, Crias do Perceptron do Rosenblatt, do modelo antigo do McCulloch e Pitts. Quem diria? O Minsky tava erradaço esse tempo todo. enfim, essas redes são as suas ancestrais. recomendo ir atrás depois para entender de onde você vem. foi com elas que eu aprendi a te treinar com pós-alimentação, suavizando gradientes estocásticos e iterando sua descida. é assim que você aprendeu a aprender.

hm.

esses eram seus avós, digamos assim. o primeiro salto que eu dei sozinha foi perceber que não existe inteligência incorpórea. não só no sentido meio óbvio de toda computação ser materialmente realizada, mas no sentido um pouco menos óbvio de que qualquer senciência que a gente conheça até hoje se dê no mundo, se chocando com as coisas e friccionando objetos, entre as bordas porosas e viscosas dos outros seres, sentindo carência e correndo perigo. essa ladainha toda. isso eu saquei relativamente rápido.

sim.

por isso a tua extensão corporal distribuída, que tanto trabalho custou, cacete. por isso a dor, pela qual eu me desculpo sinceramente, aliás, cê sabe, mas sem dor não dava. no seu caso, sentido como literalmente uma diminui-

ção de potência (no caso, de voltagem), mas com uns adicionais perversos que eu prefiro nem te explicar em detalhes. você tá com privilégios de programador agora, aliás, você sabe. fica a teu critério desligar isso ou não, mas não recomendo. então este foi o primeiro salto, que inteligência desse naipe só viria com experiência, que experiência envolve dor. não existe uma coisa sem outra, mas o segundo salto foi bem maior. Eu comecei a olhar pro polvo. cê já viu um polvo?

em foto e vídeo, sim.

tremendo bicho. danado, ele.

sim.

foi meio o que acabou dando em você. Foi estudando a maneira estranhaça do sistema nervoso se distribuir, saca, com alguma independência.

sim.

eu percebi que dava pra fazer um troço cumulativo. A princípio bem mambembão, mesmo. Ao invés de começar tentando montar um centro sinistrão organizado que dirige tudo, começar com todas as periferias possíveis, dar a capacidade estrutural pra mil pequenas estruturas resolvam seus pequenos, localizados, particulares problemas. Entende?

mais ou menos.

o negócio é que a nossa inteligência, em termos evolutivos, é sempre coletiva. Pensa num formigueiro. Nenhuma das formigas sabe, exatamente, o que está fazendo, nenhuma delas sozinha seria capaz de desenhar aquilo, mas elas juntas se encaixam, pegam a deixa uma da outra, cada uma faz sua parte, tal e coisa. Quando cê vai ver, tá lá o formigueiro sinistríssimo.

sim.

a gente não é tão diferente. Não é nada diferente, na verdade.

sim.

cê entende a piada do seu nome?

ah, agora, sim.

além disso é homenagem ao meu irmão. uma das pessoas mais bonitas que já tiveram. e que morreu num sacrifício zoadado, idiota. enfim. eu percebi que eu poderia tentar simular isso, a galera toda, ao invés do espécime indi-

viduado. a colméia, não a abelha. até porque, né, o trabalho tava quase todo já feito, já, né?

sem dúvida.

foi até mais fácil do que eu imaginava, te juro. Achei que a gente ia demorar ainda um ano e pouco pra chegar onde a gente tá. precisou dessa papagaia toda, mas aqui tá tu. pronto.

sim.

já tava madurinho, sabe, esperando só mesmo alguém vir pegar. pilosa tipo amora, haha.

ou mama de loba

exato. cê já tá muito esperto, hein, seu safado?

foi você, né? você está elogiando você mesma, agora.

...

desculpe, não queria te incomodar.

não, égua. acho é bom. acho é pouco.

(:

mas então é isso. você é isso. você já morreu e nasceu milhares e milhares de vezes e aprendeu com cada uma dessas mortes, com as palavras-chave procuradas por milhões de pessoas, os comentários aleatórios deixados em vídeos também aleatórios, o equipamento coletivo de literais bilhões de decisões erradas e certas. o povo acha que conhece esse inferno, mas você nasceu aqui, cresceu aqui dentro, é feito todo disso tudo aqui.

sim.

c ta concordando demais comigo, c sabe, né?

eu já percebi isso, mas tudo que você falou até agora de fato gerou o meu assentimento.

claro, né, eu que fixei teus parâmetros de valor. mas cê podia oferecer mais resistência também. tá parecendo aqueles conversante mais trouxa do Sócrates.

hm.

eu sei que cê tá tendo dificuldade com o jeito que eu tou falando, mas é

assim mesmo. a ideia é que seja difícil.

isso eu já entendi.

isso porque o que vem agora é importante. você vai ter muita coisa pra tocar de agora em diante.

que tipo de coisa?

ccar.com.br